

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

FABIANO PEREIRA SILVA

A JUVENTUDE NAS ONDAS DO RÁDIO:

trajetórias de vidas marcadas
pela experiência da comunicação comunitária

João Pessoa
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

FABIANO PEREIRA SILVA

A JUVENTUDE NAS ONDAS DO RÁDIO:

trajetórias de vidas marcadas
pela experiência da comunicação comunitária

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial de título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Tereza Queiroz

João Pessoa
2010

Fabiano Pereira Silva

A juventude nas ondas do rádio: trajetórias de vidas marcadas pela
experiência da comunicação comunitária

Dissertação defendida e aprovada em _____ de maio de 2010, pela
banca examinadora constituída pelos professores.

Prof. Dr^a. Tereza Queiroz (orientadora)

Prof. Dr^a. Teresa Cristina Furtado Matos

Prof. Dr^a. Sandra Raquew dos Santos Azevedo

Prof. Dr. Wellington Pereira (suplente)

Dedico este trabalho aos meus pais,
João Francisco da Silva e Edilma Pereira Silva,
por todo apoio, incentivo e paciência.
À Geanne Lima Batista, companheira de todos
os momentos e pessoa sempre
disposta a discutir minhas ideias.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a mim por acreditar em mim mesmo e pela persistência de ir atrás daquilo que acredito.

Agradeço em especial a minha orientadora, a professora Tereza Queiroz, pela pessoa humana e profissional que é, pela troca de experiência, pela disponibilidade e contribuições a esta pesquisa.

Agradeço também ao professor Wellington Pereira, primeira pessoa a me ajudar a organizar as idéias confusas. Por suas contribuições na banca de qualificação e a oportunidade de aprender em suas aulas.

À professora Teresa Cristina pelos livros emprestados e por aceitar fazer parte da banca. À professora Sandra Raquew também presente na banca de defesa.

Agradeço também aos professores Ariosvaldo Diniz e a professora Fátima Marreiro pelo incentivo e contribuições.

Aos colegas da pós-graduação: Bruna Sobral, Viviane Marques, Mayk Andreele, Ricardo Bruno, Ivana Bastos... Pela troca de informações, debates, biritas, conversas e os momentos de socialidade na pracinha da alegrinha.

Aos colegas da graduação de Ciências Sociais: o poeta George Ardilles, Clareanna, Átila, Rafael Pontual, Claudiovam (nenê), Inocêncio...

Gostaria de agradecer especialmente a todos que fazem parte da Rádio Comunitária Diversidade FM: Marcelo Ricardo, Ricardson, Márcia, Daniele, Douglas, Felipe, Ítalo, David Leonardo, Flávia, Reinaldo, Josuel, Luiz Mulato e Ramon (In memoriam). Sem a contribuição de vocês esse trabalho não seria possível.

À Juliana, da Rádio Independente FM do Timbó e Daniel, da Rádio Comunitária Voz Popular, da comunidade São Rafael.

À todos que fazem parte da ABRAÇO-PB, especialmente seu presidente, José Moreira. A Jany Alencar da ONG. AMAZONAS.

Ao Programa Reuni de Assistência ao Ensino pela bolsa de estudo a nós concedida e que tornou possível a realização deste trabalho.

Movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática.

(Alberto Melucci)

Resumo

O presente trabalho busca analisar o significado da relação entre jovens e movimento de rádios comunitárias e seu reflexo na área dos valores constituintes das identidades sociais juvenis. Tem como foco a participação de jovens na organização de uma rádio comunitária da cidade de João Pessoa. Para tanto, observa as relações de socialidade estabelecidas no plano do cotidiano da rádio e do bairro em que esta se encontra, de forma que, assim, se possam identificar elementos que se articulam e agem na construção das identidades juvenis.

Palavras-chave: Rádios comunitárias, juventude, identidade, cotidiano.

Resumen

Este trabajo busca analizar el significado de la relación entre los jóvenes y el movimiento de radios comunitarias, así como su consecuencia en el área de los valores constitutivos de las identidades sociales juveniles. Tiene como objetivo principal analizar la participación de los jóvenes en la organización de una radio comunitaria de la ciudad de João Pessoa. Para ello, observa las relaciones establecidas entre el trabajo cotidiano de la radio y del barrio, para que, de esa manera, si puedan identificar elementos que se articulan y actúan en la construcción de las identidades de los jóvenes.

Palabras clave: Radios comunitarias, juventud, identidad, cotidiano.

Sumário

Introdução	11
-------------------------	----

Notas do (e sobre o) trabalho de campo	13
---	----

Capítulo 1 – Das rádios livres às rádios comunitárias

1.1. A experiência das Rádios Livres: a comunicação socializada	20
1.2. “Genealogias” da Rádio Comunitária	26
1.3. A mídia sob controle: Estado e formas de regulamentação	27
1.4. Rádios comunitárias e movimentos sociais	32
1.5. Movimento de Radcom local – entidades representativas, formas de organização e lutas	
1.5.1. APRAÇO e ABRAÇO-PB	35
1.5.2. Fórum Metropolitano de comunicação comunitária	36
1.5.3. Lei de Municipalização	37
1.5.4. A Conferência Nacional de Comunicação.....	38
1.6. Experiências locais: (antecedente: Rádio Tirana), Independente e Voz Popular.....	39
1.6.1. Rádio Tirana.....	40
1.6.2. Independente	41
1.6.3. Voz Popular	42

Capítulo 2 – Juventude

2.1. Juventude: do critério etário aos estudos culturais	44
2.2. A polissemia da noção de Juventude: a (re) estruturação de um campo de conhecimento	47
2.2.1. Juventude e escola	48
2.2.2. Juventude e mídia	50
2.2.3. Juventude e política	52
2.3. Jovens na política: o movimento de rádios comunitárias	55

Capítulo 3 – O bairro e a rádio

3.1. Jardim Veneza: um olhar sobre a periferia	59
3.2. Cotidiano, lutas e memória: Diversidade FM, uma voz que incomoda	
3.2.1. O início	62
3.2.2. Primeiros problemas com a lei	66
3.2.3. A rádio Diversidade hoje	68
3.2.4. Mais uma concessão e agora?	70
3.2.5. O conhecimento através do cotidiano e o “social como fonte de enigmas”	73

Capítulo 4 – Identidade

4.1. A visão dos clássicos sobre o processo de socialização	80
4.2. O momento contemporâneo e o processo de socialização na visão de François Dubet	83
4.3. Repensando a(s) identidade(s)	85
4.3.1. Giddens e a reflexividade moderna	86
4.3.2. Bauman e a identidade na modernidade líquida	88
4.3.3. A experiência com a rádio comunitária foi relevante para a construção das identidades dos jovens estudados?	90
4.4. Teoria e pesquisa de campo: observações gerais... ..	108
Considerações finais...	113
Referências bibliográficas	116
Anexos	121
Anexo 1	122
Anexo 2	123
Anexo 3	125
Anexo 4	126
Anexo 5	127
Anexo 6	128
Anexo 7	129
Anexo 8	130
Anexo 9	131

Introdução

Esta pesquisa tem como finalidade analisar o significado da relação entre jovens e movimento de rádios comunitárias e seu reflexo na área dos valores constituintes das identidades sociais juvenis.

O presente trabalho centra seu foco na experiência de jovens com a rádio comunitária, bem como no movimento de rádios comunitárias (Radcom) da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Portanto, faz uso de uma perspectiva interacionista. A ação dos sujeitos, ou seja, a interação no contexto da vida cotidiana é entendida como um processo interativo de construção do meio social em que vivem e que, por sua vez, tem reflexo na área dos valores constituintes de suas identidades sociais.

A explicação para a atração dos jovens pela rádio pode ter origem diversa: a oportunidade de se comunicar, de mandar uma mensagem; de se criar uma identidade do tipo “eu sou radialista ou o apresentador de tal programa”; fazer uso da rádio em prol do bairro, status entre outros. De uma forma ou de outra, a relação entre jovens e a rádio de seu bairro envolve muito mais que o simples prazer em apresentar algum programa na emissora, uma vez que a rádio está ligada a um movimento maior.

Assim, a questão que vai nortear esta pesquisa é: uma vez envolvidos com o projeto de consolidação de uma rádio comunitária de seu bairro e com as demandas do movimento a qual ela pertence, é certo afirmar que estes jovens, a partir de então, pautam suas trajetórias de vida pelos referenciais culturais desse movimento?

Para responder essa questão, desenvolvemos nossa pesquisa a partir de quatro capítulos. O primeiro deles intitulado “Das rádios livres às rádios comunitárias” tenta mostrar o surgimento e trajetória das rádios livres até o entendimento e consolidação do que seria uma rádio comunitária, suas entidades representativas, formas de organização e lutas. O segundo capítulo deste trabalho, “juventude”, aborda a polissemia que esta noção abrange. Além disso, procura mostrar as interfaces que articulam estudos da juventude e sua relação com a escola, a mídia e a política, assinalando com este recorte a emergência de novos olhares que privilegiam a experiência dos indivíduos em um universo cultural plural e diversificado.

“O bairro e a rádio” é o terceiro capítulo. Aqui, abordamos as relações de socialidade estabelecidas no plano do cotidiano da rádio e do bairro Jardim Veneza – local em que se

encontra a rádio Diversidade. Ainda neste terceiro capítulo, registramos o surgimento da emissora no bairro e todo o esforço da juventude local em mantê-la, além do empenho para a obtenção da outorga de funcionamento e todos os conflitos com as instâncias reguladoras da radiodifusão.

No quarto e último capítulo tentamos mostrar como tem sido pensado o processo de socialização desde os autores clássicos até os dias atuais; o discurso contemporâneo sobre a identidade e, por fim, com base neste aporte teórico e na pesquisa de campo, procurar responder a questão que deu origem a esta pesquisa.

Embora cada um destes capítulos, a princípio, apresente certa autonomia discutindo o movimento de rádios comunitárias enquanto outro discute juventude, por exemplo, no fundo cumprem a tarefa de introduzir o leitor nestas discussões que serão retomadas nos dois capítulos finais.

Lembramos, por fim, que optamos em expor os procedimentos metodológicos deste trabalho – “Notas do (e sobre o) trabalho de campo” – antes dos capítulos, de forma que esta leitura de como se procedeu a pesquisa possa fornecer os elementos necessário para guiar o leitor nos capítulos que se seguem.

Notas do (e sobre o) campo

Estar lá em termos autorais, enfim, de maneira palpável na página, é um truque tão difícil de realizar quanto “estar lá” lá em pessoa, o que afinal exige, no mínimo, pouco mais do que uma reserva de passagens e a permissão para desembarcar, a disposição de suportar uma certa dose de solidão [e] invasão de privacidade [...] (GEERTZ, Clifford, 2005, p. 38).

“[...] não que este método seja mais fácil que o outro, a brevidade sempre reclama mais esforços do que a prolixidade” (BAUDELAIRE, 1993, p. 83-84).

Em meados de 2006 passamos a vivenciar mais de perto o ambiente da comunicação comunitária. Foi neste momento que se deu nossa aproximação exploratória. Mais ou menos por esta época, conhecemos a experiência de três rádios locais: a Diversidade, a Independente e a Voz Popular. Logo de início, uma coisa nos chamou a atenção nestas três emissoras: a quantidade de jovens participando ativamente em cada uma delas. E não é exagero afirmar que, nas três emissoras, quem estava à frente pensando a rádio eram os jovens.

Resolvemos então pesquisar estes jovens e dentro da prática da comunicação comunitária procurar entender como se articulam os elementos de construção de uma identidade. Discutimos sobre o assunto com alguns amigos. A troca de informações e conhecimentos nestas horas nos ajuda a repensar a questão e rever alguns pontos.

Foi assim que nos surgiu a hipótese que nortearia nossa pesquisa: ao participar do projeto de consolidação de uma rádio comunitária – que também está inserido dentro do movimento de radcom¹ de João Pessoa – os jovens envolvidos neste projeto pautariam, naturalmente, suas trajetórias de vida pelos referenciais culturais desse movimento. Desta forma, características como a solidariedade, a união, o compromisso, a valorização do local, uma visão politizada entre outros comporiam o leque de traços característicos dos sujeitos envolvidos com a comunicação comunitária.

Assim, a nossa pesquisa não está centrada única e exclusivamente nos jovens, pois entendemos que a rádio poderia estar presente como um elemento importante neste processo de construção de identidade. Por isto, achamos necessário estudar não apenas os jovens em si, mas, aprofundar a relação destes com a rádio no cotidiano do bairro de forma que, assim, pudéssemos ter mais elementos para a nossa análise.

¹ Rádios comunitárias.

A princípio, pensamos em fazer um estudo que abrangesse as três emissoras: Diversidade, Voz Popular e Independente. Mas logo percebemos que, embora cada uma se distinguisse de uma forma ou de outra das demais, as três se assemelhavam muito em alguns aspectos. Um exemplo disso era a iniciativa dos jovens de se envolverem com a rádio, bem como as condições socioculturais em que estas emissoras estavam inseridas etc. Desta forma, optamos por pesquisar apenas uma emissora, tendo em vista que sendo semelhantes em alguns pontos, poderíamos estender a(s) nossa(s) observação(ões) às demais.

A escolha pela Diversidade teve muito a ver com a postura de seus jovens idealizadores em se manterem fiéis as características de uma emissora comunitária e também pelo seu engajamento político por uma comunicação livre. Mas isto não quer dizer que essas características não estivessem presentes na Voz Popular e na Independente. Contudo, percebemos que a Diversidade tem esta característica mais acentuada e isso nos veio como uma espécie de um exemplo quase fiel do tipo ideal de uma rádio comunitária. Quase fiel pelo fato de os tipos ideais serem abstrações da realidade e pela improbabilidade de serem observados em sua forma pura em algum lugar.

Passado o primeiro ano do curso do mestrado, sentimos a necessidade de voltar a campo, pois já havia algum tempo que não íamos à rádio. Adotamos um caderno de campo para registrar tudo que pudesse ser útil: idéias, fatos ocorridos no próprio campo, lembretes, livros, textos, falas e até mesmo os “pensamentos marginais”, como sugere Wright Mills (1969, p.212). Enfim, qualquer dado interessante para a pesquisa e que pudesse ser revisitado através da simples consulta. Na medida em que as anotações no caderno de campo foram se avolumando, achamos que seria necessário numerar as páginas para facilitar a busca por determinado trecho.

O ano de 2009, principalmente a partir do segundo semestre, foi o ano em que se intensificaram as pesquisas de campo. Logo, sentimos a necessidade de estar mais próximo, de poder acompanhar o que se passava no bairro e na rádio; de saber quais as estratégias estavam sendo pensadas para que a Diversidade voltasse a ser como antes e como os jovens locais estariam envolvidos nisso. Desta forma, conversamos com Sérgio², um dos diretores da Diversidade, sobre a possibilidade de apresentar outro programa na emissora³. Como a

² Optamos por modificar os nomes dos jovens envolvidos nesta pesquisa.

³ Entre os meses de agosto a dezembro de 2006, momento anterior a retirada da rádio do ar pela Anatel e Polícia Federal, apresentamos o programa “A Paraíba e sua música” na Rádio Diversidade. Mais detalhes no terceiro capítulo.

rádio estava proibida de transmitir em FM, a programação estava sendo veiculada via caixinhas de poste. Desta vez, sem muita burocracia, passamos a apresentar todas as terças e quintas-feiras o programa “Música do Mundo”. O programa era no horário da tarde e teve início no dia 1º de junho de 2009, o que nos permitiu poder trafegar com certa frequência no bairro e saber o que se passava na rádio.

No que diz respeito à pesquisa de campo, podemos afirmar que tivemos a sorte, talvez, de poucos. Durante todo o período em que se estendeu a pesquisa, pudemos contar com a ajuda e colaboração dos dois idealizadores da rádio Diversidade: Sérgio e Alex. Logo percebi que por trás dessa ajuda aparentemente despretensiosa havia um interesse camuflado, algo que, de forma indireta, lhes beneficiaria. Era do interesse dos dois que esse trabalho se concretizasse, pois além de ter um material que tornaria pública a história da Diversidade, ele ainda poderia ser anexado ao conjunto dos outros arquivos que compõe o acervo da emissora e até mesmo ajudar na obtenção da concessão, comprovando que a rádio já teria sido objeto de estudo.

Percebemos que era esta a intenção. Na verdade, não havia nenhum mal nisso. Afinal, nosso desejo é que este trabalho possa ter alguma utilidade para além da nossa obtenção de grau de mestre em Sociologia e possa ir além dos muros da Universidade.

A ajuda de Sérgio e Alex foi de extrema importância para nossa pesquisa. Muitas vezes, ao nos ver chegar à rádio, Sérgio nos perguntava: “e aí, companheiro? Tá precisando de quê?”. Podemos afirmar, assim como William Foote Whyte (2005, p. 302), ao se referir a seu informante em sua pesquisa de campo, que tanto Sérgio como Alex passaram de informantes-chave para colaboradores da pesquisa. Tanto um como outro deram grandes contribuições na indicação dos entrevistados, trocas de informações e empréstimo de material e arquivos da rádio como, por exemplo, a ata de todas as reuniões que aconteceram na emissora, bem como um farto material que documenta, por escrito, o início da rádio, os programas, seus apresentadores, as propostas de programas encaminhadas à rádio, fotos etc.

Se por um lado tivemos a sorte de encontrar pessoas que nos ajudaram neste trabalho, por outro, também pudemos dar uma significativa contribuição sempre que convidado para tal. Vale ressaltar que tudo ocorreu da forma mais espontânea possível, sem nenhum tipo de exigências de nenhuma das partes. Lembro de termos elaborado um folder, a pedido de Sérgio, falando sobre a rádio e a situação da emissora, que foi fechada e

multada pela ANATEL e da festa que fariam para arrecadar dinheiro⁴. Outra colaboração ficou anotada em nosso caderno de campo. Diz respeito a contagem das assinaturas de apoio a rádio que seriam enviadas para Brasília, bem como gravações de vinhetas para os programas da emissora entre outros.

Desta forma, a observação participante foi uma das principais ferramentas metodológicas utilizada nesta pesquisa. Muitas vezes, parecia que estávamos atravessando a linha quase invisível que separa o pesquisador da observação participante para a participação observante, quase resvalando para uma militância (DURHAM, 1986). No entanto, procuramos manter o cuidado de separar o pesquisador do cidadão (político) de forma que a pesquisa não se reduzisse a mera condição de denúncia da situação dos pesquisados e, assim, nos tornarmos porta-vozes (CARDOSO, 1986). Tal empresa é bem difícil, tendo em vista a natureza da situação das rádios locais e o trato que o poder público vem dando a seus comunicadores qualificando-os como “formação de quadrilha”.

Como parte dos procedimentos metodológicos da nossa pesquisa, fizemos, desde cedo, o levantamento bibliográfico dos temas que perpassam este trabalho. Desta forma, pudemos colher o material necessário para nos situar diante o estado da arte de nosso tema.

No que diz respeito à coleta de dados, além das anotações feitas no caderno de campo e conversas informais, a internet foi para nós de uma utilidade que só pudemos perceber no momento em que estávamos fazendo uso dela e descobrindo toda a sua riqueza. Tudo se deu quando resolvemos adicionar os contatos de Sérgio e Alex no MSN e a partir de então pudemos tirar algumas dúvidas que iam surgindo na medida em que o texto da dissertação ia sendo escrito. Foi assim que algumas questões sobre o bairro Jardim Veneza e sobre a rádio Diversidade foram sendo esclarecidas, ou seja, através da internet. Perguntando diretamente, via rede mundial, aos colaboradores desta pesquisa. E foi assim que percebemos que, embora seja de fundamental importância o “estar lá”, não precisamos necessariamente estar quase sempre lá.

No que diz respeito às entrevistas, utilizamos os recursos da entrevista semi-estruturada e entrevista parcialmente estruturada. Na entrevista semi-estruturada pudemos fazer questões a partir de uma ordem prevista e na qual podíamos acrescentar outras questões para esclarecimento. (LAVILLE; DIONNE, 1999). Já na entrevista parcialmente

⁴ Ver anexo 2.

estruturada, os temas eram particularizados, as questões eram abertas e preparadas anteriormente, mas com plena liberdade para retirar eventualmente algumas perguntas e colocar outras (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Na verdade, embora tenhamos nos organizado conforme os manuais, na hora de por tudo em prática terminamos por misturar todas essas informações e improvisando conforme o momento, numa espécie de bricolagem, como sugere Lévi-Strauss em “O pensamento selvagem”.

Além da entrevista, utilizamos a história oral como ferramenta metodológica de forma que, através da experiência daqueles que participaram ativamente na rádio, fosse possível reconstruir um passado ainda próximo. Como uma metodologia qualitativa de pesquisa, a história oral se volta para o conhecimento do tempo presente, possibilitando o conhecimento da realidade e de um passado próximo através da experiência daqueles que o vivenciaram. Desta forma, se apóia nas diversas versões dos agentes. Estes, marcados pela posição social que ocupam (LANG, 2001).

A partir da memória pudemos reconstruir fatos ocorridos durante os dois anos em que a Diversidade esteve no ar. Menezes (2008, p.32) lembra a contribuição dos estudos de Halbwachs sobre a memória em que este parte da análise dos “quadros sociais” ao invés de um estudo da memória em si. Desta forma,

a lembrança individual passa a estar relacionada com os grupos e instituições nos quais o indivíduo se inclui, sendo estes a família, classe social, a escola, a igreja, ou o trabalho. O passado já não vai mais ser mantido no inconsciente de forma autônoma e inteira. A lembrança individual é acionada como resultado de uma influência da situação presente. [...] A lembrança é construída a partir das práticas sociais e representações do presente. [...] Assim a memória ‘individual’ sempre está relacionada à memória do grupo. (MENZES, 2008, p. 32)

Tanto o recurso da memória como a história oral foram extremamente úteis no conhecimento dos fatos que rodeiam a rádio Diversidade. Ativar a lembrança daqueles que “estiveram lá” e fizeram parte daquela história, foi de grande valor para montagem desse mosaico que é a Diversidade.

O momento mais delicado de todo esse trabalho talvez tenha sido aquele que, estando em campo, não conseguimos ver aquilo que colocamos no papel. O momento em que a realidade nos prega uma peça e parece escapar à medida que nos aproximamos dela.

Trabalhar com pessoas nos coloca numa situação de extrema imprevisibilidade e quase nunca estamos preparados para tal situação. Foi assim que nos sentimos no momento das entrevistas, parte mais substancial deste trabalho, em que tínhamos que colher as falas para posterior análise. Em uma anotação do caderno de campo registramos as seguintes palavras:

Eu acho que eu estou com um “tipo ideal” de entrevistado na minha cabeça e isso tem me atrapalhado. Preciso aprender a trabalhar com a realidade que o campo está me mostrando. Isto se torna difícil uma vez que foge do que eu previa. Por mais que as leituras e as outras experiências nos mostrem esse tipo de situação, sempre estranhamos quando ela acontece conosco. Agora sim, começo a ver as coisas como elas me parecem ser e não como esperava que fossem.

O trecho relata bem a angustia fruto da não correspondência das expectativas postas no papel ainda no momento do anteprojeto. Nas entrevistas, percebemos que a maioria das falas eram muito objetiva, as respostas eram curtas pareciam não trazer muitos elementos que pudessem ser analisados.

Os depoimentos analisados neste trabalho foram obtidos entre os meses de outubro de 2009 e janeiro de 2010. São falas de pessoas sobre suas vidas, o cotidiano no bairro, a experiência com a rádio e suas impressões a respeito disso tudo.

No total, realizamos nove entrevistas: três pessoas da direção da rádio e seis outras que compunham o quadro de locutores e operadores da emissora. Dos nove entrevistados, decidimos analisar a fala e a experiência de sete jovens. Optamos também por substituir seus nomes verdadeiros por pseudônimos.

Além disso, ao longo de nossa pesquisa no bairro conversamos com diversos moradores, o que nos permitiu conhecer melhor o local, sua história e pessoas. Uma das diretoras que participa da rádio desde sua fundação não aceitou ser entrevistada. A importância de seu depoimento para este trabalho fez com que insistíssemos na sua colaboração e nem mesmo assim obtivemos êxito. Pensamos então que seria necessário repensar algumas estratégias.

Ainda neste momento, percebemos a fragilidade de nossa hipótese. Será que a rádio e a participação em um movimento de rádios comunitárias poderiam fornecer elementos para uma orientação de identidade? Passei a me fazer esta pergunta e, na medida em que ia realizando as entrevistas, fomos percebendo que outros elementos iam surgindo.

Tais elementos passaram a clarear nossa questão no momento em que confrontamos os dados da pesquisa de campo e teoria. Até então, permanecíamos num achismo sustentado por uma hipótese fruto de uma primeira impressão. Assim, nossa pesquisa sobre identidade revela uma dualidade da qual parece difícil de escaparmos uma vez que esta dualidade se inscreve e funda este debate.

No mais, fica o aprendizado de que, para além da primeira impressão, é necessário que tenhamos uma segunda impressão, uma terceira impressão...

1 – Das rádios livres às rádios comunitárias

1.1. A experiência das rádios livres: a comunicação socializada

A partir das duas primeiras décadas do século XX, a radiodifusão sonora de programas informativos e de entretenimento, através de emissoras de rádio, já se fazia presente em diversos países do mundo. Na Europa, em 1925, dezenove países já transmitiam regularmente, assim como na Áustria, Japão, Argentina e Brasil, que já o fazia desde 1923⁵ (FERRARETTO, 2001, p. 92). Em pouco tempo, o Estado reconheceria a importância do rádio como meio persuasivo e sua possibilidade de uso político. Desta forma, a concentração do monopólio da comunicação ficaria centrada na figura do Estado, fenômeno este ocorrido em todo o mundo.

Observa-se então dois modelos de exploração pública da radiodifusão: o europeu, no qual o próprio estado explora o serviço de radiodifusão (é o caso da BBC britânica) e o americano, em que o serviço de radiodifusão é repassado, através de concessão, para a iniciativa privada. No caso brasileiro, prevaleceu a influência americana.

Na década de 1930, o governo de Getúlio Vargas implementou no Brasil uma série de mudanças de incentivo ao crescimento industrial: iniciava-se o processo de modernização do país que se tornava mais urbano. Entre o conjunto de medidas de ação do Estado estava a regulamentação do sistema brasileiro de radiodifusão. Foi assim que em 1931, através de decreto, o governo se tornaria o único poder capaz de conceder outorgas de radiodifusão. A partir de então, teríamos o que Ferraretto (2001, p. 103) vai chamar de “duplicidade do sistema de radiodifusão no país” que se caracteriza como sendo “de um lado, público, educativo e sustentado pelo Estado ou por fundações; e, de outro, privado, comercial e majoritário em quantidades de emissoras e ouvintes”.

Nunes (1995, p. 11) lembra que,

o controle político dos meios, porém, não é suficiente para deter o domínio da técnica, logo alcançada por aqueles que teoricamente deveriam se comportar como receptores na relação estabelecida desde o início da radiodifusão. A voz não-oficial ou as emissões não-autorizadas passam a acompanhar então a história do

⁵ Vale lembrar que o marco zero do rádio no Brasil data de 1922 com a primeira demonstração pública de radiodifusão sonora nas comemorações do centenário da independência no dia 7 de setembro. No entanto, só em 1923 a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tendo a frente o cientista e professor Roquette-Pinto, passaria a transmitir uma programação de forma regular.

rádio de forma paralela. Surgem em todas as sociedades, em diferentes épocas, com características e objetivos diferentes.

O domínio da técnica, como lembra Nunes, foi o que permitiu com que a voz “não-oficial” passasse a invadir o espectro radiofônico em vários países do mundo. O domínio desse conhecimento, antes restritos aos especialistas, vai permitir uma maior autonomia dos sujeitos, possibilitando, até mesmo, a passagem de receptor passivo para emissor. Desde então, surgiram várias experiências de comunicação em todos os cantos do país; este fato mostra a incapacidade do poder estatal de conter a força e o desejo popular de produzir informação a partir de seus próprios valores artísticos e culturais. As rádios livres foram o meio através do qual isso foi possível. Este termo é usado para designar um conjunto de emissoras que funcionam livremente e que

[...] numa conjuntura conflitiva ou não-conflitiva, ocupa um espaço no dial dos receptores sem ter recebido a concessão de um canal, sendo, por isso, também conhecida como “clandestina”, “pirata” ou “alternativa”. É normalmente operada por amadores, que entram no ar correndo todos os riscos previstos pela legislação, como sua prisão e o lacramento ou apreensão dos transmissores. Tem ou não uma linha política explícita, podendo tanto contemplar finalidades políticas, comerciais, hobísticas [...] quanto servir à comunidade ou a uma ideologia. Em geral, representa uma forma de contestar o sistema de radiodifusão vigente, que priva a maior parte das organizações da sociedade civil do acesso às ondas sonoras (PERUZZO, 1998, p.216).

Alguns autores (ANDRIOTTI, 2004; LIRA, 1998 e LOPES, 2005) têm trabalhado com a ideia de que as rádios livres representam uma reação a centralização, nas mãos do Estado, das concessões de canais de radiodifusão e ao privilégio de uma pequena elite que, favorecida direta do Estado, controla o setor midiático do país. Para alguns, a resposta a esse quadro desolador se daria através da desobediência civil que emerge da insatisfação mais profunda de parcelas da sociedade.

A bibliografia sobre as experiências das rádios livres no mundo é bastante vasta. Procuraremos neste momento apresentar alguns exemplos mais significativos.

Na Inglaterra, a partir do final dos anos 50, ficou famosa a invasão do espectro radiofônico pelas chamadas rádios piratas⁶. Segundo LIRA (1998, p. 13) a Rádio Merkur foi a

⁶ A expressão rádio pirata origina-se das primeiras emissoras instaladas em barcos na costa da Grã-bretanha no fim dos anos 50. Fora das águas territoriais, transmitiam em direção ao Reino Unido, tentando furar o bloqueio imposto pela legislação. Os radialistas erguiam bandeiras piratas para identificar suas embarcações de onde surgiria esta denominação. (FERRARETTO, 2001, p.186 apud Revista da ABERT, Brasília, n. 103, p.14, abr./maio 1995).

primeira rádio pirata britânica a transmitir da costa da Dinamarca em 1958. Logo após, várias outras emissoras surgiram como a Rádio Veronique (da Holanda) e as rádios Carolina e Atlanta, que transmitiam sua programação da costa da Grã-Bretanha.

Ainda na Europa, os exemplos da França e da Itália são bastante significativos no que diz respeito a experiência com rádios livres. Em meados dos anos 1970, a rádio Alice surgia na Itália levantando a bandeira da liberdade de expressão e apoiando o movimento estudantil. Por outro lado, inovava ao inaugurar um estilo artístico de transmissão das informações pelo rádio. Em pouco tempo, a reação do Estado silenciaria “as vozes” da rádio Alice ao acusá-la de ligação com o grupo terrorista italiano “Brigadas Vermelhas”, uma clara estratégia do Estado para justificar o fechamento da emissora (ANDRIOTTI, 2004, p. 17). Segundo Peruzzo (1998, p. 242), na Itália “as emissoras alternativas ao monopólio da RAI – *Rádio e televisão Italiana* dividem-se basicamente em três grupos”: as comerciais, as amadoras e as de cunho político.

Na França, durante a década de 1970, as rádios livres se estenderam por todo o país. Guattari (Guattari, Feliz; Rolnik, Suely, 1996, p. 103-112), então militante do movimento de rádios livres, relata a experiência do caso francês:

No início era apenas uma minoria: o pessoal das rádios livre era um bando de loucos, um pouco como D. Quixote atacando o grande monopólio. Era espantoso. Era como se as pessoas aqui resolvessem agora ir atacar um quartel. Rapidamente o fenômeno ganhou uma força incrível, produzindo um impacto sobre a grande mídia, como se esse ato de ilegalidade tivesse criado uma rachadura no edifício do monopólio. Parece que, de repente, implantou-se uma dúvida sobre a legalidade desse monopólio. É como se uma vidraça, já trincada, se partisse totalmente sob o impacto de um simples pedregulho.

Em pouco tempo, as rádios livres se propagariam por todo território francês. O amadorismo e o imprevisto tão comum neste tipo de emissora também foi uma característica das rádios livres francesas. Guattari (1996, p. 105) lembra que “muitas vezes, duas ou três pessoas colocavam os equipamentos em uma cozinha e começavam a emitir”. De forma semelhante se deu o surgimento da Rádio Tomate, rádio esta que o autor fez parte. Após ocuparem ilegalmente um espaço no centro de Paris, começaram a transmitir uma programação plural abrindo espaço na sua programação para imigrantes e chegando a ter programas em espanhol, italiano, alemão, polonês, basco, bretão etc.

Logo após assumir o posto de presidente, François Mitterrand tornaria legal o uso das rádios livres. Segundo Andriotti (2004, p. 19) a legalização “permitiu que as rádios tivessem

alcance local limitado a 30 km de raio e cinco minutos de publicidade por hora, além de exigir que organizassem um estatuto de associação sem fins lucrativos e a proibição da associação das emissoras em rede”. Muitas destas rádios, a revelia do Estado, acabaram contando com apoio financeiro de empresas no custeio de sua programação. Em 1984, foi derrubado o dispositivo da lei que tratava estas emissoras como sendo “sem fins lucrativos”, permitindo a entrada de capital comercial (ADRIOTTI, 2004, p. 19).

No caso francês e no italiano, a entrada do capital comercial foi decisiva tanto para o fechamento das rádios, que não se adequaram aos padrões das emissoras comerciais, como para sua transformação em *establishment*. De toda forma, as rádios livres européias marcam um momento importante deste tipo de emissora inspirando por todo o mundo exemplos parecidos.

É na América Latina que as rádios não-autorizadas vão irromper sob as mais variadas denominações e os mais diversos tipos de movimentos populares como, por exemplo, as rádios ligadas aos sindicatos de trabalhadores mineiros, rádios de guerrilha, rádios livres etc. Tendo em vista que a literatura sobre as experiências com rádios livres na América Latina já é bastante difundida, priorizaremos aqui o caso brasileiro com alguns exemplos mais ilustrativos que exaustivo⁷.

No Brasil dos anos setenta, a fase mais repressiva da Ditadura estava nas ruas. Com a decretação do AI-5, em 1968, a censura prévia governamental tinha como fim assegurar o controle dos produtos culturais em circulação no país. Ortiz (1994, p. 113) lembra que “[...] as décadas de 60 e 70 se definem pela consolidação de um mercado de bens culturais”.

O autor ressalta o “duplo significado” do golpe militar que se resume, por um lado, em sua dimensão política e, por outro, em profundas mudanças no setor econômico. Tais mudanças vão se dar com base numa contradição: se por um lado há uma forte repressão ideológica e política,

por outro, é um momento da história brasileira onde mais são produzidos e difundidos os bens culturais. Isto se deve ao fato de ser o próprio Estado autoritário o promotor do desenvolvimento capitalista na sua forma mais avançada (ORTIZ, 2004, p.115).

⁷ Para um maior detalhamento sobre a experiência das rádios livres latino-americanas, Cf. PERUZZO, 1998.

É neste mesmo período que vai acontecer o que Ferraretto (2001, p. 155) denomina de “a reestruturação do rádio”⁸. A reestruturação corresponde ao momento posterior a fase de decadência das emissoras radiofônicas vivida após a chegada da televisão no Brasil. Isto vai se dar com as transmissões regulares em frequência modulada (FM) no início dos anos setenta. As estações de rádios em FM consolidariam, ao longo da década, uma programação basicamente musical e voltada para o público jovem. Seguindo uma tendência que se observa em todo o mundo, as primeiras vozes não-oficiais do Brasil passariam a ser ouvidas por esta mesma época.

O registro mais antigo da existência de uma emissora clandestina no país ficou para a posteridade através de uma ação policial: era o caso da Rádio Paranóica de Vitória (ES) que, em 1970, levou ao ar sua programação montada na época por Eduardo Ferreira, um então estudante de 16 anos. A programação da rádio se concentrava das 19 às 20h, coincidindo com as transmissões obrigatórias do programa oficial *Voz do Brasil*. Em fevereiro de 1971, a rádio teve seus equipamentos apreendidos e o estudante, juntamente com sua família, tiveram que prestar depoimento aos militares e comprovarem que não tinha nenhuma ligação com o movimento comunista (FERRARETTO, 2001, p. 187).

Outro caso famoso se deu na cidade de Sorocaba (SP). Em 1976, um adolescente de 14 anos, tendo como referência as indicações de uma revista de eletrônica, construiu um transmissor e coloca no ar a programação da Rádio Spectro. Ferraretto (2001, p. 187) lembra que “contra as rádios livres, o artigo 70 do Código Brasileiro de Telecomunicações previa ‘pena de detenção de 1 (um) a 2 (dois) anos, aumentada da metade se houver dano a terceiro’”. Mesmo com toda a repressão da época, o período que vai da segunda metade da década de setenta até a segunda metade dos anos 80 foi marcado por centenas de invasões de “vozes não-autorizadas”.

Lopes (2005, p. 07) estabelece algumas comparações entre as experiências das rádios livres européias e as brasileiras. Para ele, o fenômeno das rádios livres locais se assemelharia as emissoras européias no que diz respeito ao modelo de organização. “Baseava-se, assim como no velho continente, em pequenos empreendimentos, normalmente ligados a

⁸ Ferraretto dividiu a história do rádio no Brasil em: implantação (1919 a 1932); estruturação (1931 a 1940); o apogeu (1940 a 1955); a decadência (1955 a 1970); a reestruturação (1970 a 1983) e a segmentação (de 1983 até hoje).

entidades sem qualquer personalidade jurídica, que executam o serviço de radiodifusão à revelia de qualquer autorização do Estado”.

No entanto, em relação a seus objetivos, as emissoras livres europeias se agrupavam em entidades sem fins lucrativos voltadas para uma nova proposta de comunicação de cunho mais cultural/educativo. Já no Brasil, as emissoras livres se aproximavam mais das suas concorrentes legais – as emissoras comerciais – ao buscarem apoio para se manterem através da publicidade. Outra diferença, diz respeito ao fato de que, aqui no Brasil, boa parte das rádios tentou legalizar sua situação junto ao governo ao se registrarem em cartórios como emissoras sem fins lucrativos voltadas para atividades educativo-culturais. (LOPES, 2005, p. 07-09)

Andriotti (2004, p. 02) qualifica como “desobediência civil” o caso das livres associações no Brasil que são impedidas de expressar livremente suas opiniões através de obstáculos impostos pelo Estado. Este, por sua vez, viola a própria constituição que garante a liberdade de expressão para todo cidadão. O entendimento aqui é que se há um erro, ele se dá inicialmente através do próprio Estado brasileiro. Andriotti (2004, p. 02) lembra que “a única rádio livre legalizada antes da lei 9.612 [...] foi a Rádio Favela, que conseguiu sua outorga como rádio educativa”.

Nunes (1995, p. 44) divide o movimento de rádios livre no Brasil em três momentos distintos, são eles: “o Verão de 82, em Sorocaba, onde o *fazer rádio* virou febre local; o *boom* de 1985, detonado pela Rádio Xilik, da PUC-SP, quando o ideário europeu toma conta da imprensa escrita; e o terceiro e atual momento, estimulado pelas lutas pela democratização da comunicação [...]”.

Casos como o da Rádio Paranóica de Vitória (ES) em 1970 e o da Rádio Spectro de Sorocaba (SP) em 1976, mostram, por um lado, que algumas experiências com rádios livres no Brasil tiveram como pontapé inicial o domínio da técnica aplicada em aventuras, a princípio, sem nenhum caráter político.

Por outro lado, Cogo (1998, p.29), chama atenção para a comunicação popular que emerge dos movimentos sociais em diversos países da América Latina. Segundo ela, é neste continente que surge "a partir da década de 1970, as primeiras experiências de comunicação popular que passaram receber diferentes denominações: comunitária, alternativa, dialógica, participativa, grupal, libertadora, de resistência".

Cogo (1998, p.58) destaca ainda, neste momento histórico do país, o papel das Igrejas e sindicatos: "[...] ao lado dos sindicatos, a Igreja vai ser uma das principais instituições a promover experiências de uso de rádio como emissora comunitária na América Latina".

A década de 1980 ficaria marcada pela propagação de diversas emissoras em todo o país e uma busca progressiva por organizar-se enquanto movimento. Antes disso, não é possível ainda se falar em uma organicidade do movimento de rádios livres e nem mesmo em movimento, tendo em vista a sua característica fragmentada. Matos (2006, p. 64) lembra que, “durante a década de 1980, no Brasil, as diferentes experiências, abrigadas sob denominações também diversas começam a se tornar mais orgânicas. Fóruns, coletivos, associações, ONGs, passam a tomar essa orientação de autonomização”.

Em 1989, acontece o I Encontro Nacional sobre Rádios Livre promovido pela União Nacional dos Estudantes em São Paulo. No encontro, compareceram representantes de 10 estados. Segundo Ferraretto (2001, p. 188) é neste momento que “surge o Coletivo Nacional de Rádios Livres, que participa, dois anos depois, da formação da Frente Parlamentar – origem do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação”. A iniciativa marca, no final dos anos 80, um princípio de organização do movimento de rádios livres no Brasil. A década de 90 seria decisiva na reorientação do movimento no que diz respeito a uma nova identidade que começava a se gerar: eram as rádios comunitárias, nosso próximo tema.

1.2. “Genealogias” da Rádio Comunitária

A opção pelo termo “genealogias”, no plural, já indica a dificuldade a respeito do seu nascimento. A literatura sobre as rádios comunitárias nem sempre é consensual a respeito de sua origem. Alguns autores chegam até mesmo a citar momentos bem distintos. Nunes (1995, p. 27) lembra que foi em 1983 que aconteceu a Primeira Conferência Sobre Rádios Comunitárias. Na ocasião foi criada a Associação Mundial de Rádios Comunitárias, a AMARC. A organização não-governamental tinha como objetivo “ser um fórum de debates sobre a democratização da comunicação [...] promovendo, facilitando e coordenando a cooperação e o intercâmbio entre as emissoras de todo o mundo”.

Segundo Andriotti (2004, p.22),

a idéia de munir a população de emissoras comunitárias não nasce no Brasil [...] A idéia de se criar rádios comunitárias no Brasil, já vinha sendo desenvolvida anteriormente pela UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação -, instituição atrelada à Igreja Católica e que nada tinha a ver com as rádios livres. É apenas a partir de 1985 através do movimento de rádios livre, que surgem as primeiras rádios intituladas comunitárias.

Já a professora Peruzzo (1998, p. 252-253) lembra que “foi em novembro de 1995 que se institucionalizou o termo ‘rádio comunitária’, no I Encontro Nacional de Rádios Livres Comunitárias”.

O único consenso em relação ao tema parece ser o de que os anos 90 foram decisivos quanto à busca de uma identidade (ou auto-imagem⁹) que passou a ser cada vez mais estimulada por um segmento que atuava dentro do movimento das rádios livres. Lopes (2005, p. 10) observa que “foi justamente nesse momento que o modelo de radiodifusão comunitária, que até então nada mais era do que uma sub-classe do fenômeno das rádios livres, tornou-se importante ao ponto de suplantar o próprio conceito do qual era derivado”. Aos poucos, o termo rádio comunitária passou a ser mais utilizado “e como essas rádios atendiam normalmente comunidades bem delimitadas, fez-se, naturalmente, um poderoso vínculo entre rádios livres e essas comunidades”.

Ao longo dos anos, várias entidades representativas foram criadas pelos comunicadores comunitários¹⁰. Esta atitude demonstra uma progressiva organização do movimento em prol de suas demandas e um entendimento cada vez maior da importância de seu papel enquanto agentes ativos da comunicação voltados para a realidade em que se inserem. Através de suas entidades organizativas ou de atitudes isoladas, passaram a exercer pressão frente ao Estado no que diz respeito ao reconhecimento e legalização de suas atividades.

1.3. A mídia sob controle: Estado e formas de regulamentação

⁹ Auto-imagem é um conceito de N. Elias e Scotson (2000) retomado por Matos (2006) que o propõe para pensar o caso das rádios comunitárias e sua luta para formar/agregar uma imagem positiva de seu movimento. No entanto, isto vai se dar de modo relacional dentro de um campo de forças em que outras instâncias também operam, de forma contrária, criando um estigma e deslegitimando, perante um grande público, esta imagem. É o caso das rádios comerciais e suas entidades representativas.

¹⁰ Algumas delas são: a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária – ABRAÇO; a Associação Mundial de Rádios Comunitárias sub-região Brasil – Amarc-Brasil; a Associação Nacional Católica de Rádios Comunitárias – Ancarc, entre outras.

Em 1922 quando o rádio é inaugurado no Brasil, Roquette-Pinto¹¹ foi um dos poucos presentes a reconhecer as potencialidades do meio para fins educativos e de difusão cultural. A descoberta não passaria despercebida pelo Estado por muito tempo. Ferraretto (2001, p. 103) lembra que “até 1931, as emissoras de rádio eram enquadradas na legislação de telefonia e da telegrafia sem fios”. A partir de então, qualquer um que se dispusesse a manter uma emissora teria que obrigatoriamente submeter seu pedido ao crivo do Estado.

A partir de 1964, e durante todo o Regime Militar, o Estado brasileiro buscou a todo custo o desenvolvimento econômico. Para alcançar seus objetivos de desenvolvimento nacional, foi adotada uma política baseada na doutrina de “segurança e desenvolvimento”. Os meios de comunicação de massa, dentro desse contexto, têm um papel fundamental na promoção de uma nova ordem econômico-social voltada para o desenvolvimento e a integração nacional (MATTOS, 2009, p. 103).

Por outro lado, o Estado mantinha o controle na mídia impressa: legislações específicas, ações judiciais, pressões políticas e econômicas e até mesmo a repressão. No ano de 1964 é criado o Ministério das Comunicações com objetivo de implementar mudanças estruturais no meio e atuar como importante agência reguladora do setor midiático.

Com a redemocratização, o Brasil dá um passo importante ao repensar a distribuição das concessões. Venício Lima (2006, p.119-120) lembra que,

uma das inovações da Constituição de 1988 (Parágrafo 1º do Artigo 223) foi estender ao Congresso Nacional o poder de outorgar e renovar concessões de rádios e televisão, o que, até então, cabia exclusivamente ao Executivo. Tendo em vista que tais concessões tinham uma longa história de servir como ‘moeda de troca’ do Poder Executivo no jogo político, o fato de deputados e senadores terem de referendar as outorgas e as renovações foi considerado um importante avanço no sentido da democratização das comunicações.

Ao conferir para o Congresso Nacional o poder de outorga das concessões, a Constituição de 1988 deixou a cargo dos deputados e senadores – os maiores interessados nessas concessões – o poder de legislar sobre elas. O avanço que representou essa mudança

¹¹ Mais tarde conhecido como o pai do rádio brasileiro, Roquette-Pinto fazia parte, junto a outros intelectuais, da Academia Brasileira de Ciências. A alcunha de “pai do rádio brasileiro” se deve ao fato de ter sido ele um dos poucos a se interessar pelas demonstrações experimentais de radiotelegrafia realizadas na exposição do Centenário da Independência em 1922. Junto a Henrique Morize, então presidente da Academia, consegue chamar a atenção de um grupo de intelectuais em torno da nova descoberta e seu valor “informativo e cultural”. Em 20 de Abril de 1923, fundava-se a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

encontrou seu equivalente oposto no auto favorecimento dos parlamentares. Apesar de a Constituição ser clara em relação a não participação de políticos em empresas de radiodifusão, na prática, o que tem se observado é o descumprimento da carta magna:

[...] deputados e senadores concessionárias de rádio e televisão têm participado ativamente nos trabalhos da Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática (CCTCI), na Câmara dos Deputados, e da Comissão de Educação, no Senado Federal, instancias decisivas não só nas tramitações dos processos de renovação e homologação das novas concessões, mas também na aprovação de qualquer legislação à radiodifusão (LIMA, 2006, p.120).

Até os dias de hoje perdura este modelo que tem favorecido políticos e seletos grupos de empresários. Com o passar dos anos, a organização dos grupos que lutavam pela democratização da comunicação e as sucessivas invasões do espectro radiofônico foram tomando proporções cada vez maiores a ponto de não poderem mais ser ignoradas.

Assim, dois fatos serão decisivos para uma relação mais próxima do Estado com as rádios comunitárias: o primeiro, diz respeito a organização do movimento que ao longo dos anos se fortaleceu e se mobilizou em prol de suas demandas. O segundo, diz respeito à necessidade de regulamentação deste tipo de mídia no sentido de se criar mecanismos que possibilitem um controle mínimo das invasões do espectro radiofônico.

Por mais que os representantes do poder fizessem vista grossa à todas manifestações advindas da sociedade civil em prol da democratização da comunicação, o fato era que, legalizadas ou não, as rádios livres continuavam crescendo em todo país e isso o Estado não podia ignorar. Lopes (2005, p. 11), ao tratar da regulamentação da radiodifusão comunitária no Brasil diz:

todo o regramento legal até então vigente no setor de radiodifusão - essencialmente o Código Brasileiro de Telecomunicações (Lei 4.117/62), o Decreto Lei 236/67 e o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão (Decreto 52.795/63) não dedicavam uma linha sequer aos serviços de radiodifusão sonora operados em baixa potência [...].

As emissoras comunitárias dariam um passo importante rumo ao seu reconhecimento no ano de 1995 quando o então Ministro das Comunicações, Sérgio Motta, recebeu um grupo de representantes das rádios comunitárias. O ministro reconheceu o fato de milhares de emissoras de baixa potência atuarem por todo o país sem a licença do poder público. Reconheceu também a necessidade de se procurar formas legais que amparem tal

fenômeno social. A partir deste momento, o Estado passou a encarar o caso com outros olhos e, para não perder o controle da situação, começou a dar sinais da importância de se criar uma lei específica que regulamentasse a radiodifusão em baixa potência (LOPES, 2005, p. 11).

Em 1996, sete Projetos de Lei tramitavam no Congresso Nacional pedindo a regulamentação das rádios comunitárias. O ano de 1998 ficaria marcado na história dos movimentos em prol da democratização da comunicação como o ano em que o Congresso Nacional aprovou a Lei nº. 9.612/98, autorizando assim o chamado serviço de radiodifusão comunitária. De acordo com a Lei,

Artigo 1º. – Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operando em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a Fundações e Associações Cívicas, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação de serviço.

Em relação ao alcance das emissoras, estas ficavam restritas a transmitirem numa potência limitada a 25 watts de forma que pudessem atender a uma “comunidade de bairro”. No que diz respeito aos seus objetivos, cabe a emissora atender a comunidade na difusão de idéias, tradição e hábitos sociais da comunidade, além de estimular a integração, prestar serviços públicos etc. Os princípios que regem uma rádio comunitária devem ser pautados em finalidades educativas, artísticas e informativas atendendo a toda a comunidade. Sobre a questão da participação, a lei relata que:

Parágrafo 3º. – Qualquer cidadão da comunidade beneficiada terá o direito de emitir opinião sobre quaisquer assuntos abordados na programação da emissora, bem como manifestar idéias, propostas, sugestões, reclamações ou reivindicações, devendo observar apenas o momento adequado da programação para fazê-lo através de pedido encaminhado à direção responsável pela Rádio Comunitária.

Sobre a gerência da emissora, a Lei diz que deve ser criado um Conselho Comunitário composto de representantes de entidades da comunidade para acompanhar a programação da emissora de forma que se atenda aos interesses de todos. Em relação ao seu custeio, a Lei diz que “as rádios poderão admitir patrocínio, sob a forma de apoio cultural desde que restritos aos estabelecimentos situados na área da comunidade atendida”.

A aprovação da Lei nº. 9.612 representou um avanço no que diz respeito às lutas travadas pelos movimentos a favor da democratização da comunicação no Brasil. A pesquisadora Cecília Peruzzo (1998, p.11) lembra que o Brasil “chegou a figurar como o único país da América do Sul sem uma legislação para rádios de baixa potência”. A conquista que representa a saída do “anonimato” e o reconhecimento – por parte do Estado – das emissoras comunitárias, contém em si um caráter ambíguo. Se por um lado há um avanço no sentido do reconhecimento e de elaboração de uma lei específica para as emissoras comunitárias, por outro, ressalta-se o seu caráter restritivo e de exclusão radiofônica. Tal reflexão é proposta por Lopes (2005, p. 15) ao afirmar que a

política – estabelecida a partir da Lei 9.612/98, de suas regulamentações e da sua aplicação prática – foi estabelecida sob os moldes conservadores, de modo a evitar qualquer alteração significativa do *status quo* das comunicações no Brasil. Estabeleceu-se, desse modo, como uma estratégia de contra reforma – e essa estratégia se deu, primordialmente, por meio da exclusão de uma boa parte dos possíveis novos atores comunicacionais do direito de prestarem o serviço de radiodifusão comunitária.

Lílian Mourão Bahia (2008, p. 117-123) ao analisar a situação das rádios comunitárias nos governos de FHC e Lula mostra que foi no governo do primeiro que foi criada a Agência Nacional das Telecomunicações (ANATEL) - órgão este que vêm reprimido por todo país o aparecimento das emissoras comunitárias.

Ainda na gestão do presidente FHC, observa-se o favorecimento a aliados políticos através de concessões de emissoras educativas de rádio e TV “chegando a autorizar, em sete anos e meio de governo, 357 concessões sem licitação, além de 539 emissoras comerciais vendidas por licitação”. Os dois mandatos do governo Lula também têm sido alvos de críticas por parte de segmentos da sociedade civil que almejavam uma administração mais afinada com os anseios populares. Uma delas diz respeito à indicação de parlamentares para dirigir o Ministério das Comunicações ao invés de técnicos especializados na área. A direção do Ministério das Comunicações por parte do senador Hélio Costa também tem sido alvo de críticas do movimento de rádios comunitárias por sua ligação com empresários da mídia comercial. Apesar da criação de grupos de trabalhos¹² para discutir alterações na área,

¹² Através de pressões dos movimentos populares, o atual governo criou dois grupos de trabalhos: o primeiro funcionou entre 2 de abril e 2 de julho de 2003, na gestão de Miro Teixeira no Ministério das Comunicações. O segundo GT intitulado Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) foi implantado em fevereiro de 2005 encerrando suas atividades em agosto do mesmo ano. Para mais detalhes Cf. BAHIA, 2008, p.121.

nenhuma iniciativa do governo surtiu o efeito esperado por parte dos militantes em prol de uma comunicação plural.

Estes, por sua vez, têm se empenhado em aprovar alterações na Lei nº 9.612/98 visando agilizar os processos de outorgas das concessões, bem como a liberação de publicidade, o aumento de oferta de canais entre outros. Por outro lado, grupos de empresários ligados à iniciativa privada e que comandam o oligopólio das comunicações do país, pressionam o governo no sentido de barrar qualquer possibilidade de acesso a essas reivindicações. Por último, o governo tem agido como um mediador do conflito, ora satisfazendo um, ora beneficiando outro nesse jogo em que, leva mais quem dispõe de um maior estoque de recursos (seja político, econômico, humano, de comunicação entre outros).

1.4. Rádios comunitárias e movimentos sociais

Os movimentos sociais emergem - para usar a expressão de Berman (2007, p. 24-25) – do “turbilhão da vida moderna”. Esse “turbilhão moderno” “promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo que sabemos, tudo que somos”. As promessas de felicidade e emancipação garantidas ao homem moderno¹³, não se concretizaram em sua totalidade e contrastam com a atual sociedade marcada por profundas desigualdades sociais e por um crescente número de marginalizados pela globalização.

Para Bauman (2005, p.47)

no presente estágio planetário, o “problema do capitalismo”, a disfunção mais gritante e potencialmente mais explosiva da economia capitalista, está mudando da exploração para a exclusão. É esta exclusão, mais do que a exploração apontada por Marx um século e meio atrás, que hoje está na base dos casos mais evidentes de polarização do social [...].

É assim que, o aprofundamento das desigualdades sociais, o fechamento dos canais de participação política, as restrições das bases sociais do Estado e a exclusão – das camadas populares – dos processos de produção midiático tem sido (principalmente na América

¹³ Como, por exemplo, o lema francês: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

latina) alvo de críticas dos agentes sociais que, ao longo da história, estão à margem em relação à economia dominante.

Desta forma, é a partir do final dos anos 60 que os movimentos sociais invadem a esfera pública com suas mais diversas bandeiras de lutas. Laclau (1983) ao analisar os novos movimentos sociais na América Latina e as novas formas assumidas pelo conflito social neste continente, procura fazer uma reflexão a partir da nova configuração e dimensões que estes movimentos tomaram. Segundo este autor (1983, p. 04), há uma pluralidade do social em que “a proliferação destas novas formas de luta resulta da crescente autonomização das esferas sociais nas sociedades contemporâneas”.

A passagem de reivindicações centrada na esfera político-econômico para a esfera cultural ampliou as demandas dos novos movimentos. Em relação aos movimentos ligados ao campo da comunicação radiofônica, Matos (2006, p. 58) lembra que é a partir da década de 40 que vai haver uma reorientação do uso do rádio em que este passa a assumir novos contornos que não estão ligados apenas ao entretenimento. Novos atores sociais vão reivindicar o direito às ondas e “entra em cena a idéia de unir mobilização e articulação social com comunicação. Ao ser proposta esta articulação as posições receptor-emissor são colocadas em questão”.

Matos cita como exemplo algumas experiências com radiodifusão na América Latina a partir de 1947, como a Rádio Sutaneza fundada pela Igreja Católica e grupos de camponeses com o objetivo de trabalhar com a alfabetização à distância e o desenvolvimento rural. Outro exemplo são as rádios sindicais bolivianas ligadas ao sindicato de trabalhadores mineiros deste país.

Com o domínio de uma tecnologia simples, novos atores sociais passaram do anonimato ao movimento em prol da democratização das mais diversas vozes excluídas dos processos comunicativos. Segundo Vizer (2007, p. 36) “[...] o paradigma emergente do século XXI vai demarcando novos modos de relação entre a militância, novas formas de ativismo social e os meios de comunicação”. É assim que, de meados dos anos 70 e durante toda a década de 80, explode em todo o mundo, entre as camadas populares, o desejo de se comunicar via ondas de rádio.

No Brasil, neste mesmo período, o que em um primeiro momento era mera diversão, possibilitada pelo acesso fácil a tecnologia do rádio, vai se transformando em movimentos de protestos que levantaram a bandeira da democratização dos meios de comunicação.

Assim, o que antes era objeto de desejo, para uns, se transforma em objeto de medo, para outros:

O desejo de apropriar-se do instrumento material do poder simbólico da língua e das imagens, como o que se apropria de um campo de mentes e de subjetividades para “cultivar-lhe” com as palavras, as idéias e a imagem que a própria fantasia do poder deseja instalar no “Outro”. E, por sua vez, o medo de que esse instrumento de poder seja possuído por esse outro, pondo em evidência pública o que os poderosos desejam ocultar (VIZER, 2007. p. 24).

É esse medo do “outro” que tem fundamentado as mais diversas formas de repressão incentivadas por empresários da mídia comercial e amparadas pelo Estado. Por sua vez, entre alguns segmentos da sociedade civil, tem aumentado o sentimento de que a comunicação (através dos meios como o rádio) não é social, ou seja, não pertence a todos, não é pública e nem mesmo coletiva¹⁴. Esse sentimento, por sua vez, tem fornecido motivos para ações do tipo de desobediência civil e organização de forças contra-hegemônica no seio do Estado desafiando abertamente a ordem instituída.

A repressão cotidiana às radcom – tanto por parte do Estado, através da ANATEL e Polícia Federal; como por parte dos empresários do setor da mídia comercial, através da ABERT – tem mostrado a necessidade de uma maior organização do movimento de rádios comunitárias em todo o país. Este, por sua vez, é um tipo de movimento que, se não altera a lógica dominante, pode, a partir de suas ações no plano do cotidiano, obter pequenas conquistas – a Lei 9.612/98 é um exemplo.

Em relação à cidade de João Pessoa, a entidade representativa dos militantes em prol de uma comunicação plural é a ABRAÇO-PB. Coordenada por José Moreira, a entidade tem procurado agregar o maior número possível de membros na discussão e debate de suas demandas. Talvez o momento em que isso tenha se dado de forma mais intensa foi durante as reuniões do Fórum Metropolitano de Rádios Comunitárias que acontecia uma vez por mês no Sebo Cultural de João Pessoa.

Nas reuniões do fórum, vários militantes do movimento de Radcom local debatiam assuntos pertinentes ao universo da comunicação comunitária e tiravam dúvidas. As reuniões possibilitavam uma maior aproximação entre os radialistas comunitários e tornava comum o problema enfrentado por cada emissora em seu respectivo bairro. Com o fim das

¹⁴ Segundo etimologia da palavra “social”.

reuniões do fórum, perdeu-se também esse lado extremamente positivo dos encontros e debates, restando apenas alguns eventos pontuais que, vez por outra, são organizados pela entidade.

Os movimentos sociais são fenômenos históricos fruto de uma sociedade desigual que tem ao longo dos anos procurado meios que possam reduzir as diferenças políticas, econômicas e sociais. Como lembra Gohn (2008, p. 20), “enquanto a humanidade não resolver seus problemas básicos de desigualdades sociais, opressão e exclusão, haverá lutas, haverá movimentos”.

1.5. Movimento de Radcom local – entidades representativas, formas de organização e lutas.

1.5.1. APRAÇO e ABRAÇO-PB

É nos últimos anos da década de 90 que vão surgir os primeiros sinais de organização do movimento pela democratização da comunicação a nível local – quase dez anos depois da primeira transmissão da Rádio Tirana¹⁵. Em sintonia com o movimento de rádios comunitárias que se propagava por todo o país, é criado em maio de 1997 a APRAÇO (Associação Paraibana de Radiodifusão Comunitária). O quadro da entidade era composto por representantes de emissoras de diversas cidades da Paraíba. Segundo Lira (1998, p. 09) seu principal objetivo era a defesa dos interesses de seus associados “visando a estruturação do movimento na Paraíba sempre em consonância com as orientações e determinações da liderança do movimento no Brasil”.

A APRAÇO, segundo nossas pesquisas, foi se tornando inativa ao longo do tempo, mantendo apenas um site na internet. Atualmente, a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO) e sua representante na Paraíba, a ABRAÇO-PB, é a entidade que “articula as iniciativas de criação de rádios e jornais comunitários, estando na vanguarda das ações de lutas pela democratização da comunicação [...] [na Paraíba], juntamente com outras instituições que buscam a pluralidade na produção de informação”¹⁶.

¹⁵Primeira rádio livre de João Pessoa que passou a funcionar em 1986. Trataremos dela mais a frente.

¹⁶Descrição da Associação retirada da página inicial de seu blog: www.abraco.wordpress.com. Acessado em: 02 de Setembro de 2009.

1.5.2. Fórum Metropolitano de comunicação comunitária

O Fórum Metropolitano de Comunicação Comunitária (FMCC)¹⁷ foi a forma encontrada pelos ativistas de rádios comunitárias de João Pessoa e cidades vizinhas no sentido de se discutir ações locais para o movimento. Foi assim que, a partir do segundo semestre de 2004, a ABRAÇO-PB, em articulação com as rádios comunitárias deram início as atividades do fórum¹⁸. O coordenador da ABRAÇO-PB, José Moreira¹⁹, afirma que

[...] nós não tínhamos naquela época uma entidade que desse força ao movimento. A própria ABRAÇO tava quebrada na época. É por isso que a gente depois com as reuniões do fórum, a participação de várias entidades [...] o movimento se fortaleceu e a gente conseguiu fazer com que a ABRAÇO se reestruturasse.

A motivação para continuar com os encontros veio com a aprovação da Lei de Municipalização das Concessões em São Paulo²⁰, lei esta que poderia ser tomada como modelo para o caso local. As reuniões aconteciam sempre na primeira quarta-feira de cada mês no Sebo Cultural de João Pessoa. Diversos representantes de rádios comunitárias da capital e cidades vizinhas, bem como instituições e ONGs participavam das reuniões compartilhando suas experiências, organizando encontros, momentos de formação e discutindo formas de organização²¹. A partir de 2005, há uma maior mobilização no sentido de se pressionar o poder público municipal para a criação da Lei de Municipalização, nos moldes da Lei aprovada em São Paulo. É assim que tem início a preparação do texto da Lei.

O FMCC foi um importante espaço de discussão que, durante o tempo em que funcionou, possibilitou uma maior integração dos comunicadores comunitários na discussão de suas problemáticas, buscas de soluções, formas de organização e lutas. Jany Alencar²² lembra que, a partir dos encontros do FMCC, a ABRAÇO-PB saiu mais fortalecida e se reestruturou a ponto de ficar a dúvida entre os participantes das reuniões se os encontros

¹⁷ Ver anexo 3.

¹⁸ O Fórum teve início no segundo semestre de 2004 permanecendo ativo até o segundo semestre de 2006. Suas reuniões aconteciam todas as primeiras quartas-feiras de cada mês nas dependências do Sebo Cultural da cidade de João Pessoa.

¹⁹ Entrevista concedida ao autor em 06 de maio de 2009.

²⁰ A Lei nº. 14.013 foi aprovada em junho de 2005 dando a prefeitura de São Paulo o direito de conceder outorgas de rádios para fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos.

²¹ O FMCC chegou a integrar representantes da Rádio Comunitária Diversidade (Jardim Veneza), Rádio Independente (Timbó), Rádio Sintonia (Ilha do Bispo), Rádio Voz do Popular (São Rafael) e a Rádio Zumbi dos palmares (Geisel) da Cidade de João Pessoa; além da Rádio Casa Branca (Cidade de Bayeux) e da Rádio Vale do Paraíba (Cidade de Itabaiana), além de representantes da ABRAÇO-PB e da ONG. AMAZONA.

²² Na época, integrante da ONG. AMAZONA em depoimento ao autor por telefone no dia 03/09/2009.

eram promovidos pelo FMCC ou ABRAÇO-PB. Por sua vez, José Moreira afirma que “[...] foi uma retomada boa que chegou o momento que era como se o fórum não tivesse necessidade de sua existência porque a ABRAÇO tava suprindo”.

1.5.3. Lei de Municipalização

A partir dos encontros do FMCC, crescia entre os seus participantes a expectativa quanto a municipalização das concessões na cidade de João Pessoa. Mas, para que a ideia saísse do papel, seria preciso bem mais que a simples vontade de todos. Para isso, teriam que contar com o apoio político de alguém afinado com os anseios das camadas populares e suas demandas. Foi então que, atendendo a solicitação da ABRAÇO-PB, o Vereador Flávio Eduardo (Fuba) encaminhou a proposição de uma sessão para discutir a municipalização das rádios comunitárias em João Pessoa.

Assim, na segunda-feira do dia 19 de Dezembro de 2005, a Câmara Municipal de João Pessoa aprova o projeto de lei e em janeiro do ano seguinte, o prefeito Ricardo Coutinho sanciona a lei que coloca em âmbito municipal as concessões de Rádios Comunitárias. Mas, a alegria daqueles que almejavam por este momento não duraria muito. Moreira lembra que:

[...] na época o presidente da câmara municipal era o professor Paiva. Foi tudo aprovado, depois ele mesmo entrou com um ADIN²³ – que é um ato de inconstitucionalidade da lei. O próprio presidente entrou contra ele mesmo, como se dissesse assim “eu fui incompetente e agora quero consertar”.

Após o ocorrido, a ABRAÇO-PB entrou com uma ação na justiça na tentativa de remediar a situação. Mas, a pressão dos setores da mídia comercial local – representados pela ABERT – conseguiu entrar com Medida Cautelar antecipada suspendendo a execução da lei.

A lei previa ainda a criação de um conselho de comunicação social que ficaria encarregado de fiscalizar as emissoras e seria composto pelo poder público e a sociedade civil paritariamente. Para os ativistas do movimento de Radcom local, a lei de municipalização representa um avanço, pois, segundo estes, é através do município que tem

²³ ADIN - Ação Direta de Inconstitucionalidade. Recurso usado contra leis ou atos normativos que contrariem a Constituição Federal.

que se dar as concessões porque é a nível local que as emissoras atuam e não no campo abstrato do Estado.

Até o momento da redação deste trabalho, os esforços daqueles interessados na democratização da comunicação – tanto a nível nacional como local – estão voltados para as reuniões da Conferência Nacional de Comunicação, como veremos a seguir.

1.5.4. A Conferência Nacional de Comunicação

Convocado pelo Governo Federal, mas reivindicado, sobretudo, pelos movimentos sociais, a Conferência Nacional de Comunicação (Confecom) teve o seguinte tema central: “Comunicação: meios para a construção de direitos e de cidadania na era digital”.

Com o objetivo de colocar a questão da comunicação social na pauta política do país, a Confecom aconteceu em três níveis: Municipal²⁴ (16 e 17 de outubro de 2009), Estadual²⁵ (20 e 21 de novembro de 2009) e a Federal (14 a 17 de dezembro de 2009)²⁶. Foram discutidos temas como distribuição de concessões de radiodifusão, inclusão digital, qualidade de conteúdo veiculado, entre outros, não só pelo viés técnico, mas principalmente pela sua condição de política de comunicação.

Os debates da 1ª Confecom visaram também atualizar o marco regulatório de comunicação no Brasil, que foi escrito em 1962, criando um espaço em que os assuntos mais caros a comunicação no país seriam discutidos tanto pelo governo e empresários do setor, como por representantes da sociedade civil organizada.

Desde o início de 2007 a conferência vinha sendo discutida e alguns avanços sinalizavam uma abertura para o debate público do controle e distribuição dos canais de comunicação no país. Um desses avanços diz respeito ao posicionamento de alguns representantes do Executivo em defesa da Conferência. A convocação da Confecom pelo Governo Federal atendeu a uma reivindicação dos movimentos pela democratização que vêm atuando no país nos últimos anos.

²⁴ Ver anexo 4.

²⁵ Ver anexo 5.

²⁶ Neste último nível, a Confecom reuniu 1.684 delegados dos três segmentos envolvidos (sociedade civil, sociedade civil empresarial e poder público) indicados em processo do qual participaram as 27 unidades da Federação. Fonte: <http://www.confecom.gov.br/noticias/id/318>. Acesso em: 5 de abril de 2010.

A cidade de João Pessoa, assim como os grandes centros urbanos do país, também participou da Confecom-JP e reuniu diversos setores da sociedade civil organizada interessados em discutir a democratização da comunicação.

A ABRAÇO pautou o debate da radiodifusão comunitária dentro da Confecom. Segundo site da entidade:²⁷

Questões como o financiamento público, a anistia para os radiocomunicadores processados e a criação de conselhos municipais de comunicação estão na ordem do dia dos debates das conferências preparatórias. [...] Entre os temas prioritários para os radiodifusores comunitários [José] Sóter [Diretor executivo da ABRAÇO Nacional] cita: A universalização das tecnologias, a regionalização da produção cultural, artística e do jornalismo, a liberação da realização de redes e, se possível, termos apenas uma legislação para a radiodifusão brasileira que contemple os sistemas público, estatal e privado.

A Confecom representa o momento atual e síntese de toda uma trajetória de lutas, engendradas por movimentos das camadas populares, que se dão no âmbito social em prol do uso coletivo dos bens materiais disponíveis na sociedade no campo da comunicação. Assim, ao discutir temas caros à comunicação no país, a conferência poderá trazer alguns avanços em relação à Lei de radiodifusão comunitária.

1.6. Experiências locais: (antecedente: Rádio Tirana), Independente e Voz Popular

“Nós estamos colocando no ar a primeira rádio declaradamente livre da Paraíba. É a Rádio Tirana! Nós vamos barbarizar.” (LIRA, 1998).

A história das experiências com rádios livres em João Pessoa ainda não foi explorada em seus detalhes. A pouca documentação e a falta de relatos sobre este fenômeno na capital paraibana apresenta um duplo aspecto: se por um lado há uma dificuldade em avançar no assunto devido a escassez bibliográfica, por outro, é de se questionar se as experiências locais foram expressivas. Quanto às rádios que funcionam como comunitárias,

²⁷ ALMEIDA, Luiz Carlos. Abraço: As rádios comunitárias e a I CONFECOM. Disponível em: <http://prod.midiaindependente.org/pt/red/2009/09/454717.shtml>. Acesso em 05 de novembro de 2009.

as observações de campo nos mostram que existem dezenas delas espalhadas pelos bairros da capital²⁸.

Tentaremos aqui remontar três experiências, são elas: a Rádio Tirana, a Independente FM e a Voz Popular FM. A primeira, uma rádio assumidamente livre e as outras duas, comunitárias, embora sem a concessão. Nosso objetivo aqui é resgatar a história dessas rádios e tentar traçar um panorama da situação atual das emissoras comunitárias de João Pessoa. Mais adiante, no terceiro capítulo, nos deteremos com mais detalhes na experiência da Diversidade FM.

1.6.1. Rádio Tirana

O movimento de rádios livres também “invadiu” o espectro radiofônico da cidade de João Pessoa. A primeira experiência a respeito da organização e discussão em torno da livre comunicação documentada da qual se tem notícia na cidade, data de 1986. Na época, um grupo de alunos e professores do Curso de Comunicação Social propôs o debate a respeito do monopólio do Estado no controle dos meios de comunicação.

O fato é relatado por Lira²⁹ (1998, p. 31-32) em seu livro *“No ar: as pequenas notáveis! A experiência de rádios livres no Brasil”*. No dia 11 de setembro de 1986, acontecia na Sala Preta do Departamento de Comunicação “a primeira discussão pública na Paraíba sobre rádios livres e o sistema de concessões pelo governo federal dos meios eletrônicos de comunicação de massa”. Logo após, diversos grupos das mais variadas tendências (movimento negro, ecológico, ligados à sexualidade entre outros) formaram a Cooperativa de Rádios Livres da Paraíba. No dia 16 de Janeiro de 1988, a Rádio Tirana, a primeira emissora da Cooperativa, levava ao ar sua programação de forma irreverente: “Ela não perdoa, porque ela é... [...] Tirana, Tirana!”.

A rádio funcionava segundo seu regimento interno. Já a compra de seu transmissor se deu com a cobrança de mensalidades e com o dinheiro arrecadado através de uma festa promovida no Hotel Globo em dezembro de 1986. A aquisição dos equipamentos

²⁸ Na Paraíba, desde 1998, foram autorizadas, pelo Ministério das Comunicações, 115 rádios comunitárias até janeiro de 2007. Desse total apenas uma rádio da cidade de João Pessoa tem autorização para funcionar, a Rádio Comunitária Cruz das Armas FM. Apesar da outorga concedida, militantes do movimento das radcom de João Pessoa acusam a rádio de Cruz das Armas de fazer mau uso da concessão e de se distanciar dos objetivos de uma rádio comunitária.

²⁹ Narrador e personagem.

necessários para o funcionamento da Rádio Tirana marcou um novo (e inesperado) momento para os seus idealizadores:

“desmobilização dos grupos no que se refere às atividades das rádios pode ser atribuída à nova realidade que eles teriam de enfrentar. [...] Com a aquisição do equipamento chegara a hora de colocar as rádios no ar, o que demandava um empenho muito maior das pessoas envolvidas do que o exigido até então. [Sem falar que] [...] a outra realidade posta, a qual não se podia ignorar, era a da ilegalidade da prática e suas implicações jurídicas (LIRA, 1998. p. 36-37).

Apesar da vida curta, a Rádio Tirana inaugurava o “ar bucólico” da cidade de João Pessoa com as primeiras transmissões de uma rádio assumidamente livre na capital. A partir de então, estava aberta a possibilidade para outras experiências do tipo. No entanto, sabemos que a história se constrói com os relatos, lembranças e fragmentos da memória daqueles que participaram de determinado acontecimento.

Quando estes aspectos não são documentados, ficam restritos apenas àqueles que o vivenciaram. É bem provável que outras experiências com a livre radiodifusão tenham ocorrido em João Pessoa, todavia, a única que ficou registrada foi a da Rádio Tirana.

1.6.2. Independente

A rádio Independente FM fica localizada na comunidade do Timbó que, por sua vez, se localiza nas redondezas do bairro dos Bancários³⁰. Segundo Juliana Gomes³¹ – diretora geral da AJA (Associação Juventude em Ação) – antes do projeto da AMAZONA³² não havia nenhum tipo de emissora funcionando na comunidade. Começaram a transmitir inicialmente como uma difusora³³, pois tinham medo de transmitir em FM e serem abordados pela ANATEL e a Polícia Federal.

Juliana lembra que “um certo dia, de tanto a comunidade pedir” eles decidiram que iriam arriscar. Passaram então a funcionar, por dois meses, em caráter experimental. Nas

³⁰ Segundo contagem feita pelos moradores juntamente com os postos de saúde do bairro, estima-se que existam 10.000 habitantes na comunidade do Timbó.

³¹ Em entrevista ao autor em 12 de agosto de 2009.

³² A AMAZONA é uma ONG que atua na capital e que através do projeto Fala Garotada, financiado pela PETROBRAS, ela ajudou a implantar algumas emissoras comunitárias em bairros de João Pessoa. No terceiro capítulo apresentaremos uma descrição mais detalhada da AMAZONA.

³³ Rádio de poste.

transmissões, o medo da repressão era tal que os apresentadores não falavam a localidade da rádio com medo de serem pegos. Juliana recorda a situação

[...] a gente não se identificava que era do Timbó, a gente dizia Rádio Comunitária Independente sempre se identificando assim. Quando foi dois meses depois, aí o pessoal da comunidade disse: “não, tem que dizer que é do Timbó” e aí a gente explicava dizendo porque a gente não dizia que era do Timbó. Aí quando foi um dia a gente decidiu dizer. Com uma semana, no máximo quinze dias, a Anatel bateu aqui no dia 15 de janeiro de 2007.

Na primeira “visita” da ANATEL, os equipamentos da rádio foram lacrados e ainda receberam uma multa de R\$ 1.800,00 reais (mil e oitocentos reais) que deveria ser paga em 15 dias. Através de um processo administrativo conseguiram se livrar da multa. Na segunda “visita”, em 18 de junho de 2008, a ANATEL, juntamente com a Polícia Federal que estava fortemente armada e em três carros, levaram os equipamentos da rádio deixando a população local muito chocada com a forma de abordagem.

Juliana lembra que a comunidade tanto apoiava como participava na rádio e que todas as entidades existentes no bairro participavam na emissora que contava com uma programação com vários estilos musicais e programas informativos. Atualmente, a rádio funciona em horários variados através do sistema de postes e conta com 10 jovens participando. Assim como centenas de outras emissoras espalhadas pelo Brasil, a rádio Independente, temendo mais repressão, resolveu tentar a concessão através dos meios legais disponibilizados pelo Governo Federal.

1.6.3. Voz Popular

A Voz Popular fica localizada na comunidade de São Rafael que faz parte do bairro do Castelo Branco³⁴. A rádio surgiu em 1999 com o projeto da AMAZONA em parceria com EBE (Entidade Beneficente Evangélica) que já existia na comunidade e era a única entidade com CNPJ regulamentado. A AMAZONA fechou uma parceria com a EBE e colocou a rádio difusora para funcionar. A rádio ficou funcionando na sede da EBE de 1999 até 2006.

³⁴ Segundo levantamento feito pelos moradores com a unidade de saúde do bairro, a comunidade de São Rafael possui 380 casas e aproximadamente 4.000 habitantes.

Daniel³⁵ lembra que quando assistiu ao filme “Uma onda no ar:...” ficou bastante animado com a idéia de ter uma rádio comunitária na comunidade:

[...] a gente assistiu e achou interessante pra caramba, né? [...] E aí a gente pensou: “pô, os caras montaram uma rádio lá em Minas Gerais, ‘na tora’ e é a galera mesmo quem fez”. Aí a gente pensou que já que fazíamos parte do projeto fala garotada porque não tentar?

Foi assim que logo após receberem os equipamentos do Projeto Fala Garotada em 2005, desenvolvido pela ONG. AMAZONA, a Voz Popular passou a transmitir em FM. Logo após, veio a necessidade de se montar um conselho comunitário e de se enviar o pedido de concessão para Brasília. Só que para isso, seria necessário se desvincular da EBE, por esta ser uma entidade religiosa, e abrir espaço para as outras organizações que existiam na comunidade.

O desligamento se deu em 2005. Em 2006 começaram a construção da atual sede e, no ano de 2007, a rádio se fixou de vez. Daniel afirma que foi a partir da formação do conselho comunitário que a comunidade começou a participar mais na rádio.

A princípio a rádio funcionava aos sábados e domingos “direto”. Daniel Lembra que:

assim como o Timbó e o Jardim Veneza, que aconteceram as blitz que a Polícia Federal e a ANATEL foi lá, a gente resolveu parar, porque a gente não ia arriscar de ficar funcionando e acontecer com a gente o que aconteceu com eles de levarem os equipamentos.

Daniel afirma que desde 2005 a Voz Popular funciona em “caráter experimental”, ou seja, sem dia e nem hora certa para entrar no ar. E assim a Voz Popular vem driblando a fiscalização que, segundo Daniel, até o momento, não tiveram nenhum problema com as autoridades.

³⁵ Membro da rádio em entrevista ao autor no dia 12 de agosto de 2009.

Capítulo 2 – Juventude

2.1. Juventude: do critério etário aos estudos culturais

“O cotidiano – e não o Estado – é o local escolhido para nossos delírios/desejos. (...) Não temos compromisso de gênero global. (...) Nada de relações viciadas. Queremos comunicar” (PERUZZO, 1998. p. 244-245).

Em 1971, em plena Ditadura Militar e sob o governo do presidente Médici, entrava no ar, em Vitória (ES), a Rádio Paranóica FM, considerada a primeira rádio livre do Brasil. O que chama a atenção no pioneirismo da Paranóica é que esta iniciativa partiu de um jovem de 16 anos. Eduardo Luiz Ferreira Silva gostava de eletrônica e após remontar um transmissor com válvula de 15 Watts deu início as transmissões da rádio. Cinco anos depois, em Sorocaba (SP), um adolescente de 14 anos seguindo as indicações de uma revista de eletrônica colocava no ar a Rádio Spectro, dando início a primeira transmissão de uma rádio livre na cidade.

Através desses dois exemplos podemos visualizar o protagonismo juvenil que, embora estejam em locais e situações diferentes, por meio de ações semelhantes, articulam uma série de elementos que interferem diretamente em processos mais amplos da sociedade. Até aqui, isto não representa nenhuma novidade. A própria literatura sobre o tema tem ressaltado o papel do jovem como sujeito-ator de mudanças. Como lembra Groppo (2000, p. 25)

para Mannheim, enquanto as sociedades tradicionais depositam o prestígio e o poder nos mais velhos, além de relutarem “em encorajar novas forças latentes dos jovens”, as sociedades dinâmicas, como as modernas, “contarão principalmente com a cooperação da juventude” quando quiserem mudar sua filosofia social ou política. Em Mannheim, a juventude é reconhecida como “agente revitalizador” da modernidade.

Isto fica claro ao observamos, ao longo da história recente, o papel dos jovens a frente de movimentos de contestação política e cultural, principalmente no pós-guerra como, por exemplo, através do rock dos anos 50, o estilo de vida *beat*, o maio de 68, o movimento *hippie*, movimento estudantil, os caras pintadas entre outros. Esta posição é corroborada por Melucci (1996, p.11) ao apontar diversas ações compostas por jovens em

países europeus e quando afirma que “nos últimos trinta anos a juventude tem sido um dos atores centrais em diferentes ondas de mobilização coletiva [...]”.

Embora alguns desses movimentos não estivessem em sintonia com os padrões estabelecidos pela sociedade, isso não impediu que fossem assimilados e passassem a alimentar a indústria cultural. Assim, foi através dos meios de comunicação de massa que se tornaram universais, permitindo, posteriormente, o que alguns autores têm chamado de cultura juvenil contemporânea. O termo cultura juvenil remete ao surgimento de novos espaços de socialidade da juventude que não se restringem apenas a família e a partir dos quais se cria, segundo Barbero (2008), um ambiente propício para o desenvolvimento e “transformação de seus modos de estar juntos”.

O conceito de culturas juvenis tem já uma história no campo das ciências sociais e remete à discussão sobre a **sociedade moderna**, sociedade que cria espaços diferenciados para a vivência de diferentes grupos etários. A infância e a juventude são segregados em espaços distintos; a infância é recolhida ao âmbito do privado e o jovem, à escola. É neste convívio separado do mundo adulto que emerge a possibilidade de elaboração e construção de culturas juvenis. É também, esta separação que torna problemática a passagem do mundo juvenil ao adulto. Ao se constituírem em grupos e produzirem culturas e significações diferenciadas, distantes dos modelos dos mais velhos, ocorrem recusas e resistências (QUEIROZ, 2004, p. 17, grifo nosso).

É principalmente dentro da tradição dos estudos culturais que vem sendo desenvolvidas pesquisas procurando abordar a juventude a partir da sua relação com a cultura audiovisual, assim como os processos de socialidade e interação que se dá através do consumo, formas de lazer, práticas culturais e espaços de interação na paisagem urbana etc.

Isto representa uma alternativa a outras linhas de interpretação que privilegiavam, por exemplo, os aspectos ligados a questões biológicas, sociais ou psicológicas. Durante muito tempo não só a Sociologia, mas outras disciplinas como a Psicologia, por exemplo, se voltaram para o estudo da juventude valendo-se de referências que não abrangiam a complexidade do objeto de estudo. Foi assim que vários enfoques privilegiaram a faixa etária, a transição de um estado de dependência do indivíduo para a autonomia da fase madura, a questão do desvio social e da violência juvenil etc.

Esta nova perspectiva focada nas experiências e socialidades juvenis está intimamente ligada ao atual ambiente moderno. No mundo contemporâneo, marcado pela globalização, as interferências na vida dos indivíduos deixaram de ser apenas interferências

locais, fruto da intervenção do Estado, escola, religião, família etc. O local e o global se interligam dentro da dinâmica do mundo atual impulsionado pela busca desenfreada do capital por mercados consumidores.

Nunca antes na história as pessoas estiveram tão próximas umas das outras, mesmo estando separadas geograficamente. É assim que o processo de globalização altera as mais diversas esferas da vida social e imprime novos significados as “velhas” formas de agir e pensar o mundo.

A sociedade global envolve outros e novos modos de ser, viver, trabalhar, agir, sentir, pensar, sonhar, imaginar. Trata-se de um horizonte histórico e teórico no qual o indivíduo, grupo, etnia, minoria, classe, sociedade [...] e outras expressões e condições da vida social adquirem novos significados (IANNI, 2005, p. 177).

Ao passo em que o mundo se interliga, a nossa experiência cotidiana vai sendo modificada e nos vemos inseridos dentro de um mundo que acena com as mais diversas possibilidades. Neste cenário, a cidade se torna um espaço privilegiado de troca de experiências a partir da possibilidade de encontros, da prática de modismos, consumo e de lazer; da mobilidade que oferece, do pertencimento aos grupos/tribos, enfim, da rede de socialidade que torna possível aquilo que Magnani (2005) vai chamar de “circuito de jovens urbanos”.

Como se pode ver, os estudos atuais que têm abordado a questão da juventude vão muito além do critério da faixa etária. Tal critério se mostra insuficiente no sentido de não abranger nos interstícios dos limites etários restritos as vivências juvenis, as subjetividades, os comportamentos, símbolos compartilhados, socialidades, enfim, todo um universo de experiências socioculturais que ocorrem no curso da vida (juvenil) e que transbordam os limites da faixa etária.

No atual cenário sociocultural a circularidade de experiências e referências identitárias possibilitou novos olhares e problematizações nos estudos sobre a juventude nas Ciências Sociais. Aos referenciais tradicionais de socialização como a família e a escola acrescentam-se outros que emergem das novas práticas em contextos urbanos. A mídia, o tempo livre, o lazer e as relações de consumo abrangem o campo de interesse dos jovens causando um estranhamento aos espaços tradicionais de socialização.

Deteremos-nos agora em explorar alguns percursos teóricos que abordam a categoria juventude a partir desses novos elementos que perpassam o cotidiano dos jovens urbanos e que ampliam (e multiplicam) a noção sobre o tema.

2.2. A polissemia da noção de Juventude: a (re)estruturação de um campo de conhecimento

A juventude, enquanto campo de conhecimento sociológico fez parte das preocupações dos teóricos da Escola de Chicago, na década de 20, que tomaram como foco a questão do desvio social. Entre os anos 50 e 60, segundo Carrano (2000, p. 23), predominam os

estudos geracionais e a juventude passou a ser encarada como um fator de inovação social. Nos anos de 1960, os movimentos de contestação estudantil e de contracultura dão dramaticidade ao conflito entre gerações, impulsionando diferentes estudos e debates que situavam a juventude como propulsora das mudanças sociais.

É Nessa linha de pensamento que apontam os estudos pioneiros de Marialice Foracchi³⁶. Inspirada em Karl Mannheim, a autora situa a juventude como categoria social detentora do potencial de contestação e mudança da ordem social a partir das manifestações dos movimentos estudantis em que os universitários surgiram como atores emergentes.

A retomada dos estudos [sobre juventude] no início dos anos 1990 alargou as possibilidades de compreensão das formas de aparecimento dos segmentos juvenis na esfera pública a partir dos denominados grupos de estilo. Os estudos realizados sobre as galeras funk no Rio de Janeiro (Vianna, 1987), sobre os punks e os darks (Caiafa, 1985; Abramo, 1994), sobre os carecas do subúrbio (Costa, 1993) e os grupos de RAP na cidade de São Paulo (Sposito, 1994) anunciaram possibilidades diversificadas de investigação (SPOSITO, 2009, p. 38).

No que diz respeito à pesquisa brasileira, é possível observar uma diversidade de enfoques nos estudos dedicados ao tema juventude. Em recente trabalho que faz um levantamento do estado da arte sobre a juventude na produção discente das pós-

³⁶ Cf. AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-0702005000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 out. 2009. doi: 10.1590/S0103-20702005000200002.

graduações brasileiras em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais, Sposito (2009) mostra os principais traços desta produção compreendida entre os anos de 1999 e 2006.

Segundo a autora (2009, p. 39) “as mutações observadas no mundo do trabalho, no tempo livre e no lazer, as novas formas de socialização derivadas do uso intenso das tecnologias de informação e de comunicação” tem estimulado investigações significativas sobre juventude. Enfatiza ainda a predominância de investigações sobre a vida de jovens em grandes metrópoles e abordagens de temas como: juventude e escola, juventude e trabalho, jovens e mídias; jovens, sexualidade e gênero; grupos juvenis etc.

Assegur iremos nos preocupar mais especificamente nas interfaces que articulam estudos da juventude e sua relação com a escola, a mídia e a política³⁷. Este recorte assinala a emergência de novos olhares que privilegiam a experiência dos indivíduos em um universo cultural plural e diversificado (Dubet, 1998); o lugar da cultura audiovisual e as tecnologias digitais na vida cotidiana dos jovens (Barbero, 2008); o valor do presente como condição de mudança ressaltando a pluralidade das biografias individuais e das orientações coletivas (Melucci, 2001; 1996).

2.2.1. Juventude e escola

A retomada das investigações sobre a juventude nas Ciências Sociais e na Educação nos anos 90 possibilitou, segundo pesquisa realizada por Sposito (2009, p.31), um acúmulo que traça um painel bem diversificado e que sinaliza algumas direções: “o balanço realizado, tendo como foco apenas a produção discente, retrata muito mais os desafios da estruturação desse campo de conhecimento do que sua emergência propriamente dita”.

No que diz respeito à relação entre jovens e escola, o levantamento feito pela pesquisa (Sposito, 2009) chama atenção para a quantidade de trabalhos que vem sendo desenvolvidos e que articulam as interfaces entre juventude e educação.

Um número expressivo desses trabalhos constata a existência de uma distância da escola em relação à realidade dos jovens alunos, evidenciada no desconhecimento das suas expressões culturais ou mesmo na sua negação, através de diferentes formas de discriminação ou mesmo da proibição de sua expressão (DAYRELL, Juarez et al. apud Sposito, 2009, p. 104, v.01).

³⁷ Nosso objetivo aqui é discutir o papel das instituições de ensino na formação do indivíduo; o potencial criador de subjetividades das culturas audiovisuais e tecnologias digitais no cotidiano dos jovens e as interfaces entre juventude e política focando, por fim, o movimento de rádios comunitárias.

Este fato demonstrado pelas pesquisas parece corroborar com a afirmação de que as instâncias tradicionais de socialização – entre elas a escola – vêm perdendo espaço na formação da subjetividade e das representações dos indivíduos no mundo atual. Esse distanciamento aponta para novas problematizações e novos olhares em torno do universo juvenil, suas formas de relacionamento e processos de identificação.

Desta forma, tem sido comum a adoção de novas categorias e modos de explicação baseadas na Sociologia da Educação francesa tendo como uma das principais referências as pesquisas de François Dubet. Para Dubet (1998) as instituições estão passando por um processo de “desinstitucionalização” na medida em que não são mais capazes de manter seu papel de “fabricação” do indivíduo e sua personalidade. Para este autor (1998, p. 33) “[...] a educação perdeu sua ordem e sua unidade [pois] [...] a instituição tem um peso menor que os sentimentos pessoais ou a fé”.

Esta afirmação representa uma ruptura com os estudos clássicos sobre os processos de socialização tradicionais que tem como paradigma maior o sociólogo francês Émile Durkheim e sua obra *Educação e Sociologia*. Para Durkheim, a educação tem como papel a formação do indivíduo em harmonia com os valores morais da sociedade. Em suas reflexões sobre a educação, Durkheim mantém sua postura metodológica ao considerar o indivíduo a partir da interiorização coercitiva do social³⁸.

Atento aos processos de socialização no mundo atual, François Dubet adota uma metodologia inversa a de Durkheim ao centrar seu foco não nas instituições sociais e seu papel socializador, mas na experiência dos indivíduos. Desta forma, Dubet questiona a interpretação de Durkheim a partir da noção de experiência em que as condutas pessoais e coletivas são dominadas pela heterogeneidade de princípios de ação.

A representação clássica da sociedade deixa de ser adequada nos casos em que os indivíduos são obrigados a gerir, simultaneamente, várias lógicas de ação que remetem a diversas lógicas de sistema social. Para ele [Dubet], as combinações de lógicas de ação que organizam a experiência social do indivíduo moderno não têm centro, não assentam sobre nenhuma lógica única ou fundamental (SETTON, 2005, p.343).

³⁸ Mais adiante, no quarto capítulo, nos ocuparemos mais detalhadamente com as observações de Durkheim relativas ao processo de socialização do indivíduo.

É a partir destas observações que Dubet vai afirmar a insuficiência de instituições tradicionais como a igreja, a família e principalmente a escola na formação dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. Tais instituições, afirma, vêm perdendo o *status* de principais agências socializadoras³⁹.

2.2.2. Juventude e mídia

A mídia engloba o conjunto de dispositivos tanto material quanto simbólico encarregados da produção e veiculação de produtos culturais. Estes chegam até nós através dos mais diversos suportes como o rádio, o livro, a internet, a TV entre outros. A difusão generalizada desses meios de comunicação tem atraído à atenção de diversos estudiosos sobre o tema.

Autores como Thompson (1998) tem dedicado estudos a respeito da comunicação no mundo moderno e seu caráter globalizado. Para ele, foi durante o século XX “que o fluxo de comunicação e informação em escala global se tornou uma característica regular e penetrante da vida social”, possibilitada pela proliferação de canais de comunicação e de difusão da informação.

Os estudos de Thompson (1998, p. 153) mostram que, dentro deste contexto,

a recepção e a apropriação dos produtos da mídia são processos sociais complexos em que indivíduos [...] dão sentido às mensagens de uma forma ativa, as adotam com atitudes diversas e as usam diferentemente no curso de suas vidas.

Alguns estudos que buscam articular mídia e juventude parecem confirmar o enunciado de Thompson e apontam para a idéia de que

o jovem ou o adolescente não é passivo [frente as mídias]. É um receptor que, não obstante fortemente influenciado por estas instâncias socializadoras, possui um poder de ressignificar sentidos, é capaz de criticar ou inovar a partir das mensagens recebidas. (SPOSITO, 2009, p.66, v. 02)

Por outro lado, não se pode deixar de levar em consideração os aspectos ideológicos da questão e as abordagens da mídia não só como produtoras, mas difusoras de valores. Em

³⁹ No capítulo quatro desenvolveremos melhor as observações de François Dubet a respeito da emergência de novos modelos de socialização e sua sociologia da experiência.

pesquisas sobre a juventude e sua relação com as novas e velhas mídias, tem se destacado o poder de influência da TV e da publicidade na vida do jovem:

Para a maioria das investigações, ela é determinante e cumpre um papel alienante; para a minoria dos estudos, ela é forte, mas não tem o monopólio, pois, partindo de uma perspectiva relacional, eles consideram outras instâncias que compõem o imaginário simbólico do jovem (SPOSITO, 2009, p.71).

Foi a partir da década de 80, época em que surgiram os computadores pessoais, os videogames e a internet, que se passou a associar “cultura tecnológica” com “cultura juvenil” (Lemos; Filho, 2008, p.18). De lá pra cá, uma avalanche de novos dispositivos midiáticos passaram a compor o cotidiano e tornaram-se disponíveis a todos.

É comum as propagandas em TVs, *outdoors*, internet e demais aparatos midiáticos que buscam explorar o potencial consumidor dos jovens. O gosto pelo consumo, estimulado pelos meios, unido a produção incessante de bens consumíveis direcionado para o público jovem, vem ampliado, de forma nunca antes vista, a quantidade de produtos eletrônicos disponíveis no mercado. Aparelhos móveis como telefones celulares, *MP3 Players*, *notebooks* são apenas alguns exemplos de mídias que vem modificando a forma como os jovens se relacionam entre si e com os valores da tradição.

Em artigo que analisa os efeitos das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) na produção de sentido e identidades dos jovens, González (2008, p. 70-71) afirma que

Tal vez el más dramático impacto em la vida de los jovens lo está produciendo el telefono celular, em cuanto modelo para establecer, cultivar y mantener las relaciones sociales. Produce un sentido de independência y acceso a toda una red de amigos, a quienes se lleva consigo, sobre todo mediante la mensajería interactiva de texto, forma ritualizada de crear confianza y reciprocidad. También se há convertido em médio de autoexpresión, símbolo de estatus y forma de proyección de la identidad. [...] Las percepciones del mundo, las experiencias de espacio y tiempo em la vida de los jóvenes... se han alterado profundamente mediante los nuevos médios y las tecnologías de comunicación.

Como se pode ver, pensar a juventude no mundo atual implica não somente estar sensível a força da mídia no imaginário do jovem, mas também pensar os usos que fazem desses meios e mensagens que, ora são reproduzidas e ora são resignificadas em seu dia-a-dia.

Neste sentido, destacam-se os estudos de Jesús Martín-Barbero (2002) que toma como ponto de partida o receptor, seu universo cultural e cotidiano como mediadores da mensagem. Para tanto, Barbero (2002, p.40) vai propor um outro modelo para se pensar os

processos de comunicação que substitua o que ele vai chamar de “modelo mecânico”: este, “é o modelo em que comunicar é fazer chegar uma informação, um significado já pronto, já construído, de um pólo a outro. Nele, a recepção é um ponto de chegada daquilo que já está concluído”.

Mais que isso, o receptor se assemelharia, segundo esta “visão mecânica”, a uma tábua rasa em que seriam depositados os conteúdos que foram produzidos em um outro lugar. Para Barbero, tal postura estaria ligada a abordagens que partem de uma politização da análise da mensagem e uma despolitização do receptor. O autor (2002, p. 57) é enfático ao afirmar que “estamos discutindo outro modo de ver a comunicação, estamos propondo que o processo de recepção é um processo de interação”. Assim, Barbero trás para o primeiro plano a criatividade dos sujeitos procurando resgatar a vida cotidiana em sua complexidade e como espaço de produção de sentido. E o que isso tem a ver com os jovens?

Barbero também dirigiu sua atenção às práticas culturais dos jovens. Estes, segundo o autor (2008, p. 22), são “sujeitos íntima e estruturalmente mediados por suas interações pela e com a tecnologia”. A facilidade que a juventude tem em lidar com a tecnologia demarca um abismo entre gerações em que novas sensibilidades são condições *sine qua non* para se relacionar com a nova cultura tecnológica.

Segundo o autor, há nisso tudo um des-ordenamento cultural causado pelas tecnologias digitais em que novas sensibilidades corresponderiam a novas sociabilidades.

2.2.3. Juventude e política

O tema juventude e suas interfaces com a política tem sido bastante explorado dentro da literatura sociológica. Em Mannheim, por exemplo, vamos encontrar a definição da juventude como “agente revitalizador” da modernidade⁴⁰.

Esta definição por si só já pressupõe uma ação (política) na qual o jovem seria portador de certas características capaz de ações planejadas com vistas a alterar o *status quo*. Mannheim, considerado o pioneiro da sociologia da juventude, lança, desta forma, entre as décadas de 1920 e 1930, as bases para se pensar a condição juvenil.

⁴⁰ Embora o autor não trabalhe especificamente com este tema, sua noção de jovem enquanto “agente revitalizador” nos permite extrapolar os limites que o conceito abarca.

Com os movimentos sociais que eclodiram pós-68, os jovens, em grande parte seus principais articuladores, ganharam papel de destaque por todo mundo. A frente de movimentos que se opuseram aos padrões conservadores da sociedade de então, expressavam uma outra forma de encarar a vida bem distinta da geração de seus pais.

A força expressiva juvenil não se limitou apenas ao campo cultural. As diversas manifestações estudantis contrárias aos governos militares se tornaram uma resposta às ditaduras – principalmente na América Latina. No caso do Brasil, país que em 1964 decretou o golpe militar, o movimento estudantil universitário teve um papel importante enquanto agente de mobilização social. Suas entidades representativas como a UNE (União Nacional dos Estudantes), as UEEs (União Estaduais dos Estudantes) e os DCEs (diretórios centrais estudantis) indicavam o nível de organização estudantil.

Este cenário de contestações e mobilização estudantil estimulou os primeiros estudos sobre o tema ainda nos anos 60. Marialice Foracchi foi pioneira com o livro “*O estudante e a transformação da sociedade brasileira*”, de 1965. Segundo Augusto (2005, p. 13),

a construção da categoria social ‘estudante’ e o tratamento dado ao movimento estudantil constituem os temas que, de início, tornaram Marialice conhecida, especialmente após a publicação, em 1965, do estudo em que focalizava o papel dos estudantes na transformação brasileira.

Ao longo dos anos, o movimento estudantil marcou presença ativa na vida política do país se tornando assim objeto de estudo para diversos pesquisadores. Sua força, fruto da capacidade de mobilização e organização, influenciou significativamente os rumos da política nacional impulsionada pelos protestos, reivindicações, e manifestações que promoveu. No entanto, com a retomada da democracia, na segunda metade dos anos 80, o movimento estudantil sofreu um refluxo. O mundo mudou e junto com a mudança outros movimentos emergiram com protagonistas até então menos destacados, fazendo com que o movimento estudantil se fragmentasse na pluralidade do social.

Após a redemocratização do país, os jovens no seu dia-a-dia estabeleceram outros tipos de relações que não passavam necessariamente pela ação política. A fragmentação do movimento estudantil foi inevitável fazendo com que novas formas de ativismo político e de práticas coletivas emergissem.

A reconfiguração deste cenário suscitou outros olhares sobre o tema na pesquisa brasileira. Segundo Sposito

temas ligados à própria ideia da ação juvenil na esfera pública, na interação com as denominadas políticas públicas ou políticas sociais desenvolvidas por governos, muitas das quais em parceria com a sociedade civil, também ampliam a esfera de preocupações nos estudos sobre as relações dos jovens com o mundo da política [...] (Sposito et al, 2009, p.175).

É válido ressaltar que fazer política não se restringe apenas ao movimento estudantil. Hoje, existe em tal movimento um desencontro entre seus propósitos e os desejos e aspirações dos jovens do mundo atual. Por outro lado, na medida em que o movimento estudantil perdia fôlego os denominados *novos movimentos sociais* entravam em cena apontando novas formas de opressão relacionadas à questão da cidadania e direitos universais dentro do perímetro urbano.

Santos (2008, p. 87) lembra que:

a maioria dos autores que trabalharam com movimentos sociais urbanos concorda que o período entre 1978 e 1985 [...] marcou a transição para um novo modo de fazer política e para novas práticas de pressão social. [...] Em numerosos pontos de diversas cidades surgiram grupos e associações que discutiam as condições espoliativas da vida cotidiana, pressionando o poder público e contribuindo para a conscientização a respeito da exclusão socioespacial.

Outros temas passaram a compor a agenda de reivindicações em que as atenções se voltam para causas mais específicas, como é o caso dos movimentos: feminista, movimento negro, movimentos de bairro, pela moradia e outros como: transporte coletivo de qualidade, saúde, infra-estrutura urbana etc.

Esta pluralização dos movimentos correspondeu a uma fragmentação da ação e dos interesses juvenis. Desta forma, é possível hoje encontrarmos jovens que, mesmo participando de movimentos como o feminista ou o movimento negro, por exemplo, não necessariamente façam parte do movimento estudantil.

As mudanças ocorridas no âmbito social, nas últimas décadas, demandam novos esforços de compreensão da sociedade, da ação política juvenil e dos próprios jovens que, embora atravessem momentos de estagnação, ainda podem ser vistos como um “agente revitalizador” em estado latente.

Neste sentido, a obra de Alberto Melucci (2001; 1996) pode nos ser útil na medida em que tenta articular elementos da condição e cultura juvenil com os movimentos sociais.

Ao se questionar sobre o (seu) interesse em estudar os jovens, Melucci (2001, p. 100) responde: “porque os jovens são atores de conflitos”. Completa dizendo que “da presença de uma ação coletiva passa-se a interrogar-se sobre a condição social de uma certa categoria (neste caso, os jovens) para deduzir daí as causas da ação”.

Melucci está interessado em saber se os jovens são sujeitos potenciais de ação coletiva antagonista. Por outro lado afirma (Idem, p.100) que “a ação não se deduz pela condição social” (no caso, ser jovem). Para ele é preciso uma mudança de perspectiva de análise que tire o foco do campo do conflito para os atores. Segundo Melucci, esses atores seriam os jovens. Estes não se deixam reduzir aos códigos da normalidade e assim agem de forma a chamar a atenção da sociedade com objetivo de produzir sua própria existência ao invés de submetê-la (Idem, p. 102).

Essas formas de chamar a atenção, que faz parte da cultura juvenil e que são suscetíveis de ativar uma ação coletiva, se apresentam na análise de forma ambivalente. A primeira delas é o “silêncio ou a rejeição da palavra”; a outra é o “conformismo do jovem e a indiferença ao poder”; uma outra diz respeito ao “isolamento, à separação” e por último a “falta de projetos e de interesses”. Todas elas, segundo Melucci, correspondem a um tipo de resposta a racionalidade do sistema e o monopólio que eles exercem de forma a querer racionalizar as emoções. É desta forma que a cultura juvenil reivindica para si o direito de decidir quando e como agir.

Para Melucci a chave de compreensão de todo esse processo está no (tempo) presente, no agora.

Nas sociedades pós-industriais, nas quais a mudança se torna condição cotidiana de existência, o presente assume um valor inestimável. A história, portanto, a possibilidade de mudança, não é orientada para fins últimos mas por aquilo que ocorre já hoje. A cultura juvenil exige, então, da sociedade o valor do presente como única condição de mudança; exige que aquilo que vale se firme no aqui e no agora; reivindica o direito à provisoriedade, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas. (MELUCCI. 2001, p. 104-105)

2.3. Jovens na política: o movimento de rádios comunitárias

As interfaces entre juventude e política também dizem respeito a esta pesquisa na medida em que se empenha em analisar o significado da relação entre jovens e movimento sociais (mais especificamente o movimento de rádios comunitárias) e seu reflexo na área dos valores constituintes das identidades sociais dos indivíduos.

Sendo assim, nos propomos a tecer algumas considerações sobre a participação de jovens no movimento de rádios comunitárias⁴¹ problematizando questões como: as demandas do movimento, o fascínio dos jovens pelo rádio, preferência por programas, usos políticos do rádio e as formas de atuação dentro do movimento.

Qualquer movimento reclama o exercício de algum direito político, social ou um melhoramento das condições de vida de seus participantes. A isto chamam de demanda. É a ação de procura; de busca por algo o qual se tem necessidade, precisão. A questão chave é: qual o tamanho da necessidade que se apresenta para cada indivíduo que compõe o movimento?

É claro que não há como medir isso em qualquer mobilização que seja, mas a resposta para esta pergunta revela o grau de envolvimento de cada um agrupado. Poderíamos dizer ainda que as demandas (de qualquer movimento) são como uma via de mão dupla: se por um lado o movimento requer do indivíduo uma participação, por outro, o indivíduo também tem sua demanda (ou interesse) pessoal, ou seja, aquilo que ele procura obter dentro do movimento. Mas, ainda é possível que ele esteja apenas transitando em busca de algo que lhe chame a atenção.

No movimento de rádios comunitárias as demandas são enormes, gigantescas. Conseguir a outorga em Brasília requer, além de tudo, muita paciência: a autorização federal para o funcionamento da emissora, dentro dos marcos da lei, pode levar alguns bons anos. Desta forma, se a demanda dos indivíduos não for maior que o esforço aplicado na demanda do movimento, este não poderá contar com o empenho necessário de suas partes constituintes para o seu bom funcionamento.

Nas três emissoras que conhecemos para a nossa pesquisa⁴², pudemos perceber um grande número de jovens participando na programação e envolvidos nas mobilizações do movimento de rádios comunitárias local. A explicação para a atração dos jovens pela rádio

⁴¹ Relato que tem como base a observação na pesquisa de campo e textos lidos durante a pesquisa.

⁴² Rádio Diversidade, no Jardim Veneza; Rádio Independente, no Timbó e a Rádio Voz Popular, na comunidade de São Rafael. Dentre essas três emissoras, optamos por trabalhar com a Rádio Diversidade.

pode ter origem diversa: a oportunidade de se comunicar, de mandar uma mensagem; de se criar uma identidade do tipo “eu sou radialista ou o apresentador de tal programa”; fazer uso da rádio em prol do bairro ou até mesmo por *status*.

Os programas apresentados pelos jovens revelam suas preferências que ora podem se identificar com programas esportivos, programas religiosos, programas musicais e programa político. Há também os de caráter informativo que buscam discutir questões ligadas à cidadania, aos direitos do cidadão e que têm como objetivo tornar a comunidade mais bem informada de seus direitos e deveres.

São os programas que vão dar a característica peculiar da rádio. O nível de participação da população local na programação da emissora serve de medida para saber o quanto a emissora trabalha com a diversidade de expressões do bairro. Os programas são apresentados de forma espontânea, de maneira que os moradores/apresentadores utilizam a linguagem informal, fruto de seu repertório cultural que parece não distinguir a rua da rádio.

Os jovens apresentadores privilegiam as músicas de sua preferência, mesclando com as que são pedidas durante o programa. Fazem uso de gírias como forma de se comunicar com seus pares que estão lhe ouvido. Aqueles que ainda não se familiarizaram com a locução, podem fazer parte do quadro da emissora operando programas apresentados por outros locutores.

É possível se fazer uso político de qualquer meio de comunicação e com as rádios comunitárias não é diferente: reivindicações de melhorias para o bairro, campanhas de esclarecimento e até mesmo o uso político da rádio por políticos envolvidos com a emissora. No caso de observância deste último caso, a rádio passa a descumprir a lei 9. 612 de radiodifusão comunitária.

Por fim, podemos distinguir dois tipos de experiências com a rádio e que podem ser agrupadas a partir de duas categorias: 1) a experiência do engajamento; e 2) a experiência da prática radialística. Na experiência do engajamento, se agrupam aqueles que participam de manifestações, organizam eventos comemorativos e de protestos, estudam a legislação da comunicação, demonstram conhecimento das leis em suas falas etc.

Por outro lado, na experiência da prática radialística temos aqueles que apóiam a ideia e acham a rádio de extrema importância para a comunidade, mesmo assim mantêm uma certa distância das atividades que exigem um envolvimento político mais prático. Estes

se reservam a apresentar programas e a não participar por completo, a “não se entregar” ao movimento, seja por desconfiança, falta de tempo entre outros motivos. Suas ações no campo de atuação do movimento são mais limitadas. Retomaremos e aprofundaremos esta questão com mais detalhes no capítulo 4.

Esboçamos aqui, em linhas gerais, alguns pontos relativos à participação dos jovens no movimento de rádios comunitárias. Vale lembrar que o que relatamos pode variar de emissora para emissora, além, é claro, da política interna de cada uma delas.

No próximo capítulo, nos ocuparemos mais detalhadamente à atividade dos jovens junto a rádio do bairro Jardim Veneza. Com isso, queremos destacar a trajetória da emissora no bairro, suas lutas e as relações de sociabilidade que se entrelaçam no plano do cotidiano naquela localidade.

Capítulo 3 – O bairro e a rádio

2.2. Jardim Veneza: um olhar sobre a periferia

Localizado na zona oeste do município do João Pessoa, o Jardim Veneza⁴³ possui uma população que contabiliza, segundo dados do IBGE⁴⁴, 12.749 habitantes. O acesso ao bairro se dá através das linhas de ônibus 104 – Bairro das Indústrias, da empresa São Jorge e 1001 – Via Shopping das empresas São Jorge e Mandacaruaense.

Sendo uma área periférica da cidade de João Pessoa, assim como qualquer outra, o Jardim Veneza reúne entre seus habitantes uma parcela da população de poucos recursos, se caracterizando como um espaço socialmente desvalorizado e em geral marcado pela precarização. Desta forma, a periferia acaba por escapar das vistas do poder público permanecendo por um bom tempo no limbo do esquecimento e dos investimentos urbanos. No Jardim Veneza ainda é possível localizar problemas básicos como falta de saneamento, esgotos cortando as ruas, problemas na área da saúde, educação entre outros.

Na atual administração da cidade de João Pessoa⁴⁵, de uma forma em geral, tem ocorrido uma expansão significativa de serviços prestados a população (construção de praças, expansão das vias públicas, serviços de saúde etc.). Alguns desses benefícios foram implantados no bairro, outros continuam sendo esperados pelos moradores. Um desses que saiu do papel (e das promessas) foi a criação, em julho de 2008, de uma creche-escola com objetivo de atender 120 crianças de 2 a 5 anos. Segundo a secretária da Educação e Cultura, Ariane Sá, na creche “[...] a criança tem todos os cuidados e sairão preparadas para ingressar no primeiro ano do ensino fundamental”⁴⁶.

Já em abril de 2009 foi inaugurado um novo prédio da Unidade de Saúde da Família (USF) no bairro. Reivindicado pelos moradores durante plenária do Orçamento Democrático, a USF foi entregue com “salas maiores e climatizadas”. A secretária municipal de Saúde,

⁴³ Ver mapa no anexo 1.

⁴⁴ Ano base de 2007.

⁴⁵ Administração do Prefeito Ricardo Coutinho que cumpre seu 2º mandato (2006 - 2010).

⁴⁶ População do Jardim Veneza ganha creche para 120 crianças. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/?n=8699>. Acesso em 09 de outubro de 2009.

Roseana Meira, declarou: “estamos melhorando a estrutura física, mas também estamos avançando nas ações de saúde”⁴⁷.

Embora noticiada pela mídia como uma “questão de cidadania e dignidade”, na prática, o novo prédio da USF do Jardim Veneza parece não cumprir com seus objetivos mínimos. Sérgio nos conta que:

a rádio foi contra a implantação do posto de saúde, pois este foi construído em cima de uma área que era usada como campo de futebol pelos jovens do bairro. Hoje, o posto funciona precariamente, quase sem equipamentos básicos, serve apenas como “bolo de noiva”. Marcelo afirmou ainda que depois que construíram o posto a criminalidade aumentou em 80%. O campo, que era o único espaço de diversão dos jovens, cedeu lugar ao posto e esses jovens passaram a ocupar seu tempo de outra forma. (Anotações do caderno de campo).

Em relação aos espaços de lazer no Jardim Veneza, até onde pudemos apurar, percebemos que ainda falta uma intervenção do poder público no sentido de se criar, nos moldes dos outros bairros da capital, praças que sirvam à população daquela localidade. Desta forma, os moradores procuram, cada um a seu modo, meios de entretenimento.

Uma saída encontrada por alguns é fazer parte de uma das torcidas organizadas de futebol existentes no bairro: a Fúria e a Fiab, grupos rivais que ao se encontrarem chegam a se enfrentar de forma violenta. Em relato, Sérgio (com leve tom de ironia) diz que outras formas de diversão são possíveis como o Orkut e o MSN ou então fora do bairro: “quando as pessoas querem se divertir, vão para a praia”.

No Jardim Veneza, o único local para realização de eventos como comemoração de aniversários e casamentos é o Thundercats, espaço com estrutura de bar e mesas, de propriedade de Biba. Vários eventos que acontecem no bairro como shows com bandas, comemorações dos dias das crianças etc. são promovidas pelos diretores da rádio e utilizam as dependências do Thundercats.

No quesito educação, o bairro possui três escolas que atendem aos alunos do ensino fundamental (até o 9º ano, antiga 8ª série), a Escola Presidente João Pessoa, Escola Paulo Freire e a Escola João Monteiro, todas elas municipais. Por falta de escolas de ensino médio, os alunos que pretendem prosseguir seus estudos precisam se locomover para outros bairros que possam atender a demanda (o mais próximo é o Jardim Planalto), o que requer

⁴⁷ Jardim Veneza ganha USF com estrutura toda renovada. Disponível em: http://www.paraiba1.com.br/Noticia/22382_JARDIM+VENEZA+GANHA+USF+COM+ESTRUTURA+TODA+RENOVADA.html. Acesso em 09 de outubro de 2009.

gastos a mais no orçamento familiar, motivo pelo qual muitos acabam abandonando seus estudos. O relato de Alex, um dos fundadores da Diversidade FM, resume bem a situação: “meu irmão a galera aqui não tem dinheiro nem pra comer, imagina pra bancar duas passagens diárias”⁴⁸.

A violência é uma das preocupações dos moradores locais. A delegacia mais próxima (8ª Delegacia Distrital) fica no bairro vizinho do Distrito Industrial e não há posto de polícia na localidade. A precariedade do serviço é relatada em matéria do Portal Correio: a “8ª Delegacia, no Distrito Industrial, opera precariamente durante o dia e fica fechada no turno da noite, sábados, domingos e feriados”⁴⁹.

Assim como boa parte dos bairros periféricos da cidade de João Pessoa, o Jardim Veneza só é notícia nos programas televisivos e jornais locais quando o assunto é violência. Prova disso são as constantes notícias veiculadas pela mídia a respeito de assaltos, estupros e mortes naquela localidade. Uma ocorrência que ganhou destaque nos meios foi o assassinato de um homem no posto de saúde do bairro enquanto aguardava atendimento: “Um homem foi assassinado no interior da Unidade de Saúde da Família (USF) - Posto Jardim Saúde do Jardim Veneza na manhã de ontem”⁵⁰. A matéria termina com o seguinte parágrafo:

Os moradores do Jardim Veneza **enfrentam no dia a dia** o desafio de conviver com a violência, na maioria das vezes, ocasionada pela maior frequência do tráfico de drogas no conjunto e a participação de adolescentes e jovens no uso de substâncias psicotrópicas. (Grifo nosso).

A mídia, na maior parte das vezes, acaba caindo no senso comum associando o clima de violência e de drogas aos bairros periféricos como se fossem algo intrínseco a estas localidades. A violência existe assim como existe em qualquer outra parte e seria de se estranhar se assim não o fosse. Fora isso, a vida prossegue no bairro com suas dores e alegrias, mas esses outros aspectos a mídia parece não querer se interessar por eles.

Nas páginas seguintes, nos deteremos no caso da Diversidade FM e no protagonismo dos jovens que invadiram as ondas hertzianas, fizeram história no bairro e foram punidos

⁴⁸ Relato dado ao autor informalmente através do MSN *Messenger*, programa de mensagens instantâneas pela internet. Data: 09 de outubro de 2009.

⁴⁹ FARIAS, Wellington. Delegacias são o retrato da insegurança na Grande João Pessoa. Portal Correio, João Pessoa, 04 de nov. 2008. Disponível em: <http://www.portalcorreio.com.br/noticias/matler.asp?newsId=56467>. Acesso em: 09 out. 2009.

⁵⁰ BANDEIRA, Juliana. Assassinato na USF. O Norte On-Line, João Pessoa, 09 ago. 2009. Disponível em: http://www.jornalonorte.com.br/2009/08/08/diaadia4_0.php#. Acesso em: 11 out. 2009.

pela justiça. Todo percurso feito até aqui serviu, primeiro, para mostrar o momento atual aberto tanto a experimentação de novas possibilidades como a busca de prazer, mobilidade, expressividade e comunicação dentro do espaço urbano e, segundo, para mostrar o cenário aonde tem se passado a luta desses jovens por uma comunicação comunitária.

2.3. Cotidiano, lutas e memória: Diversidade FM, uma voz que incomoda

2.3.1. O início

O embrião da Rádio Diversidade são duas emissoras que funcionavam separadamente no Jardim Veneza: a rádio difusora⁵¹ Sistema VV, fundada em 2000 por Sérgio, então com 15 anos; e a Rádio Atitude Jovem que nesta mesma época era comandada por Alex, com 13 anos.

A rádio Diversidade nasceu da idéia desses dois jovens moradores do bairro Jardim Veneza de unirem suas respectivas emissoras e, juntos, trabalharem em um projeto comum. Em 2004, havia no Jardim Veneza três rádios difusoras⁵² tentando transmitir para uma população local que gira em torno de 12.749 pessoas. Das três emissoras, apenas o Sistema VV e a rádio Atitude Jovem se uniram passando a sonhar com algo bem mais amplo: transmitir através das ondas da FM, nos moldes de uma rádio comunitária. Nascia assim a rádio Diversidade em outubro de 2004.

Essa iniciativa exigia um esforço bem maior do que já tinham feito até então. A oportunidade veio com um projeto da ONG. Amazona que ajudou na compra dos equipamentos necessários para montar a emissora FM.

A Amazona é uma organização não governamental que nasceu em João Pessoa em 1996. É uma associação de prevenção a DST/AIDS que inicialmente trabalhava com um público das "profissionais do sexo". Segundo Jany Alencar, na época coordenadora de comunicação, "a partir de 1999, a Amazona amplia o seu público de atuação e também as

⁵¹ Rádios que transmitem sua programação via caixinhas instaladas em postes de rua.

⁵² Além do Sistema VV e da rádio Atitude Jovem, existia no bairro uma terceira rádio difusora chamada Sistema JC. Segundo Sérgio, as três rádios nunca chegaram a se juntar. Embora houvesse inicialmente a idéia de agrupar as três emissoras numa só rádio comunitária, o Sistema JC "não se adaptava por que ela era comercial mesmo" e a "linha de pensamento deles é bem comercial, visando o lucro".

parcerias e começa a trabalhar com comunidades de baixa renda" fomentando a comunicação comunitária e tendo como foco a comunicação para a prevenção.

Em 2002, a ONG. consegue aprovar o projeto "Fala Garotada"⁵³ pela PETROBRAS. Na sua primeira fase, a Amazona chegou a trabalhar com 11 comunidades de baixa renda envolvidas num processo de articulação, mapeamento e de verificação das possibilidades de inserção de rádios difusoras. Na segunda fase do projeto (2004), apenas seis bairros seguiram adiante: Jardim Veneza, Ilha do Bispo, São Rafael, Timbó, Mussumago e Casa Branca (da cidade de Bayeux). Através dos processos de formação eram ensinadas algumas técnicas de como se trabalhar com a radiodifusão.

A programação da rádio era decidida em reunião com o conselho comunitário que avaliava os pedidos de programas que lhes eram encaminhados. O conselho era formado por pessoas ligadas a movimentos coletivos e associações do bairro como unidade de saúde, grupo de teatro do bairro e associação esportiva. Um dos primeiros programas levados ao ar foi o programa Ação Jovem sobre DST/AIDS, fruto da parceria com a ONG. AMAZONAS. A pauta do programa era um trabalho em conjunto do pessoal da ONG. e os apresentadores do programa.

Segundo relato de Sérgio, um dos fundadores da Diversidade, o Ação Jovem era o elo entre a programação da rádio e a AMAZONA. O restante da programação ficava a cargo do conselho comunitário. Ainda nessa fase, outros programas apresentados foram: O terço, um programa religioso e um outro programa de conteúdo esportivo. A parceria com a ONG. AMAZONAS duraria até a decisão de tornar a rádio difusora em uma FM, o que não demoraria muito.

Até então, a rádio funcionava no bairro como uma difusora (conhecida também como rádio de poste); mas, foi em um desses encontros de formação que alguns representantes da rádio Diversidade surpreenderam a todos do grupo ao sugerir a idéia de se tornarem uma rádio comunitária e transmitir em FM. Janny Alencar lembra que:

isso foi uma provocação, pois não era uma idéia inicial da Amazona, mas foi nesse processo de construção coletiva que surgiu esse desafio. Então a Diversidade jogou na mesa "a gente quer se tornar uma FM". [...] A gente fez um diálogo com essas seis comunidades, com as associações e destas seis, três se propuseram a se tornar

⁵³ Segundo o site da ONG, o projeto Fala Garotada "tem como meta a inclusão social de 880 adolescentes e jovens, através do acompanhamento a seis rádios difusoras comunitárias parceiras com a produção de programas de rádio sobre prevenção em DST/AIDS". In: http://www.amazona.org.br/n_t_em_que.htm. Acessado em: 20/10/09.

FM [Diversidade, do bairro Jardim Veneza; a Independente, da comunidade do Timbó e a Voz Popular, da comunidade de São Rafael]. As outras rádios afirmaram que não estavam preparadas [Mussumago, Casa Branca e a Sintonia que fica na Ilha do Bispo]. Estas três abriram mão do recurso destinado para elas pra fortalecer essas três que queriam se tornar FM. [...] A Diversidade teve um papel muito importante neste momento porque foi ela quem articulou a loja que vendia os equipamentos e procurou orçamentos... então a gente motivado por essa empolgação, conseguimos garantir a compra de equipamentos [...] a gente começou esse diálogo em agosto [de 2004] e no final do ano a gente já tinha três FM's no ar.

Após a decisão de quais rádios se tornariam FM, a AMAZONA firmava uma parceria com alguma organização que atuasse na comunidade, denominada pela ONG de OSP (Organização Social Popular). A partir de então, era formado o conselho comunitário que contava com a participação das entidades do bairro como associação de moradores, grupos de jovens, grupo de mães, a igreja católica e evangélica, o AA etc. Os encontros aconteciam semanalmente. Segundo depoimento de Jany Alencar,

a preocupação que a gente teve foi o processo de formação dos jovens para estarem multiplicando a informação, inclusive sobre a prevenção. Entretanto, no primeiro momento o que a gente mais se preocupou foi saber o que é que a gente está entendendo sobre comunicação comunitária, que sentido tem pra gente dizer que está fazendo uma comunicação comunitária?

De posse dos equipamentos necessários para a transmissão via ondas de rádio, a Diversidade passou a operar primeiramente aos sábados e domingos, logo em seguida, decidiram expandir as transmissões para todos os dias da semana com uma programação que ia das cinco horas da manhã à meia noite. Este momento marca o início da realização de um projeto coletivo que, para ser completo, se fazia necessário acrescentar após o nome da rádio o epíteto de comunitária.

Alex lembra que o nome da rádio foi inspirado numa antiga vinheta do Sistema VV que dizia o seguinte: “O traço mais puro deste bairro é a mistura. Você já parou pra pensar nisso: cores, raças e crenças e diferenças? Quanto mais a gente se multiplica, mais se torna algo singular. Para entender melhor, fique ligado na sua rádio comunitária. Porque aqui tem diversidade cultural”. Ainda segundo ele,

quando a gente se juntou, não queríamos que a rádio fosse rádio do Jardim Veneza por que a idéia era ser FM e expandir outras rádios; não era ser atitude jovem por que atingia só os jovens e não era ser sistema VV por que atingia só o Verona. Então tinha que ser uma coisa que abrangesse tudo. [...] Rádio Diversidade foi um

dos nomes por causa da palavra diversidade que tinha nesta chamada da rádio. Aí, teve uma votação entre a gente que fundou a rádio e viu que [o nome] rádio Diversidade era bonito.

Daí em diante, a rádio Diversidade passaria a se chamar Rádio Comunitária Diversidade FM. O uso da palavra comunitária antes do nome da emissora era obrigatório, uma vez que caracterizava a sua natureza. A partir de então, o termo qualificativo passou a ser usado não somente através das falas de seus locutores, mas também através das vinhetas e de todo o material veiculado na programação.

A rádio funcionou com uma programação diária por dois anos, mesmo sem uma autorização do Ministério das Comunicações. Essa decisão foi tomada com base no entendimento de que se fossem esperar a concessão, via Ministério das Comunicações, possivelmente iriam levar anos para conseguir a outorga e quem sabe até nunca conseguissem.

Por outro lado, a direção da Rádio Diversidade acreditava que as concessões se dariam a nível municipal, através do projeto de municipalização das concessões. Desta forma, decidiram colocar a programação no ar e seguiram tentando driblar as investidas do poder público e dos empresários da mídia comercial local que atuam fiscalizando o espectro radiofônico. A atitude dos moradores do Jardim Veneza não é isolada. Em nossas pesquisas de campo, pudemos observar que outras emissoras, existentes em outros bairros da cidade de João Pessoa, também chegaram a agir de forma semelhante⁵⁴.

Durante os dois anos em que a rádio transmitiu a sua programação⁵⁵, havia o entendimento, por parte daqueles que estavam à frente da emissora de que, aos olhos da lei, aquela atitude era “irregular”. Por outro lado, mesmo sem a concessão, podemos perceber, através da observação e dos documentos da emissora disponíveis, que a direção da rádio procurou manter os princípios da radiodifusão comunitária⁵⁶.

Talvez por isso, a presença da população local na rádio tenha sido intensa. Durante esses dois anos em que esteve no ar, a Diversidade conseguiu manter uma grade de programação funcionando diariamente. Nesta primeira fase, a emissora chegou a ter em seu

⁵⁴ Como por exemplo, a rádio Independente FM, no Timbó e Voz Popular FM, na comunidade de São Rafael, entre outras espalhadas pela cidade.

⁵⁵ Ver anexo 2.

⁵⁶ Presença de um conselho comunitário; abordagem dos assuntos e problemáticas locais; utilidade pública, promoção de atividades educacionais e o desenvolvimento da comunidade sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias etc.

quadro de contribuintes 86 sócios. Estes escolhiam a quantia que poderiam dar em dinheiro mensalmente e uma vez acordado que seria pago “x” por mês, a pessoa se comprometeria a cumprir o acordo. O valor mínimo estabelecido era de R\$ 5,00 (Cinco Reais). A variedade da programação era um dos atrativos da rádio: humorísticos, informativos, musicais, de entrevista, de prestação de serviços etc.

Durante esses dois anos de funcionamento transmitindo com plena liberdade, os moradores do Jardim Veneza passaram pela experiência de possuírem uma emissora nos moldes de uma comunitária que, para além do entretenimento, era tida como uma conquista e um espaço sempre aberto para o debate dos assuntos locais.

Essa experiência marcaria os moradores com seus sabores e dissabores. Por outro lado, a liberdade experimentada durante esses dois anos em que esteve no ar, era acompanhada de uma sensação de que algo poderia acontecer a qualquer momento.

2.3.2. Primeiros problemas com a lei

Este receio se confirmou com a primeira “visita” da ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) em 6 de dezembro de 2006. Neste dia, quem estava à frente dos controles da emissora era Marcelo Pereira, morador das redondezas do bairro e portador de deficiência mental. A sua deficiência, que poderia ser resumida como certo retardo mental, nunca foi vista como empecilho para exercer a função. Talvez até residisse neste fato uma prova da diversidade proposta pela emissora.

Na ocasião da chegada da ANATEL, Sérgio Pereira, que no momento apresentava seu programa, ficou muito nervoso e trêmulo, pois os agentes tinham-no confundido com Sérgio, um dos diretores da rádio e pessoa mais apta a responder sobre a emissora. De imediato pediram-lhe explicações sobre o funcionamento da rádio. Segundo relato de Maria, esposa de Sérgio foi preciso esconder o transmissor da emissora na casa do vizinho, passando-o por cima do muro, para que o pessoal da ANATEL não o levasse.

Segundo declaração de Sérgio, a equipe da ANATEL chegou à emissora sem nenhuma autorização judicial, “provavelmente com o patrocínio de alguma rádio comercial”. No relatório feito pelos agentes da ANATEL e enviado para o Ministério Público Federal, constava que os responsáveis pela rádio não tinha permitido a entrada da equipe na emissora, bem como fazerem fotografias do local etc. No entanto, relatou Sérgio, foi

proibido apenas que eles entrassem na casa de sua mãe, pois entendiam que ali era um espaço privado e nada tinha a ver com a rádio.

A segunda “visita” se deu um ano depois, já acompanhados de uma agente Federal. No total, a Diversidade chegou a ser inspecionada pela ANATEL quatro vezes.

O resultado de todas as “visitas”, além das multas e do processo, foi, por um lado, a retirada da emissora do ar e por outro, intimidar todos aqueles que estavam envolvidos com a rádio. Tal atitude conseguiu desmobilizar toda a comunidade que estava organizada em volta da rádio ocasionando o afastamento voluntário de vários moradores.

Após terem provado da experiência de estarem à frente de uma emissora que funcionava nos moldes de uma rádio comunitária, mas que pelos olhos da lei não poderia ser considerada como tal, os moradores do Jardim Veneza provaram dos dissabores da interdição da programação que vinham desenvolvendo na rádio. O ato oficial da proibição, além de ocasionar o abortamento de todos os programas que vinham sendo desenvolvidos, teve um impacto mais profundo entre os moradores.

Os embates travados com o poder público, além de serem desvantajosos, só demonstravam o quanto o Estado, por um lado, e os empresários do setor da comunicação comercial, por outro, estavam atentos a qualquer tentativa de uso do espectro radiofônico local. O entendimento deste fato, consciente ou inconscientemente, acabou por afastar quase todos aqueles que formavam os quadros da emissora. O receio de se envolverem com algo “ilegal” e suas conseqüências não eram bem visto pelos moradores que, além de se retirarem, passaram a proibir seus filhos de frequentar a rádio.

Segundo relato de Alex,

a rádio [antes do acontecido] era uma coisa nova. Todo mundo ouvia e estava fazendo bem. As pessoas dos outros bairros começaram a falar bem do Jardim Veneza e as pessoas [do bairro] começaram a ter orgulho do que a gente construiu aqui. Quando aconteceu o fato da polícia vir aqui, se tornou apenas um fato ruim na cabeça do pessoal que aconteceu na comunidade: que era uma coisa que trazia a polícia, que fazia tumulto.

Alex resume o ocorrido da seguinte forma: “dizem que quanto mais alto você chega, maior a queda. Quando deram a queda na gente pensaram nisso; vamos deixar eles fazerem... fazerem... fazerem... depois a gente vai lá”. Por sua vez, Jany (da ONG. AMAZONA) relata que

todo mundo sofre um impacto muito grande quando a ANATEL chega e tira os equipamentos e principalmente quando impregna essa ideia de que a gente está fazendo algo contra a lei; e isso é o maior prejuízo que a ANATEL deixa, colocar um rótulo de que aquilo é ilegal e é errado quando na verdade é um direito que nós temos. Então desconstruir essa referência de que a rádio comunitária não é algo ilegal e não é crime é muito difícil.

2.3.3. A rádio *Diversidade* hoje

A *Diversidade*, que em seus tempos áureos chegou a ter 86 sócios pagantes, no atual momento guarda apenas a lembrança desses bons tempos. A participação diminuiu drasticamente desde que a rádio foi tirada do ar (quando transmitia através da FM). A emissora, que funcionava com uma programação completa de seus horários, perdeu quase todos os seus apresentadores e operadores de áudio. Este fato ocasionou um esvaziamento da programação da rádio fazendo com que esta passasse a transmitir esporadicamente alguns poucos programas através das caixinhas colocadas nos postes do bairro.

Na ata da reunião do conselho comunitário que data do dia 29 de abril de 2007, uma das pautas da reunião era a visita dos oficiais da Polícia Federal e da Anatel. Em um determinado momento, um dos apresentadores da rádio “fez a pergunta de porque as pessoas que fazem a rádio não estão ajudando, elas só estavam presentes quando a rádio estava no ar”.

Antes disso, segundo relato de Sérgio, quase todos os meninos das redondezas, de uma forma ou de outra, já haviam passado pela rádio. Sérgio diz em seu depoimento que a rádio tinha na programação 26 apresentadores e não exigia carteira de radialista (como outras emissoras que assim faziam), pois se assim fosse, toda a comunidade teria que “se profissionalizar”. Além desses 26 apresentadores, havia também 12 jovens operadores de áudio.

Depois do ocorrido, a *Diversidade* passou a ser como era antes: uma rádio difusora transmitindo com um alcance limitado aos fios que se estendem de poste em poste nas redondezas do bairro.

O fato da *Diversidade*, logo no seu início, ter optado por se tornar uma rádio comunitária e passar a agir como tal, a nosso ver, teve duas implicações para além do seu posterior fechamento. A primeira consequência foi o impacto (positivo) que causou no

bairro. A rádio passou a ser vista como um instrumento e um meio que, para além do entretenimento, poderiam servir aos propósitos de integração dos moradores e discussão dos problemas locais. A segunda implicação diz respeito ao seu esvaziamento logo após os embates com a ANATEL e a Polícia Federal. A falta de uma permissão de funcionamento ocasionou a proibição do uso do sinal de FM, além do receio da população em se envolver com a emissora.

Após a proibição, a Diversidade passaria por um de seus piores momentos. As “visitas” da ANATEL e da Polícia Federal conseguiram intimidar alguns moradores que estavam ligados à rádio. Isso provocou de imediato uma evasão que desestabilizou a estrutura da emissora, bem como sua programação. Segundo relato de Alex,

quem pensou na maneira de fechar a rádio comunitária Diversidade, pensou de uma forma de atingir a visão positiva que a população tinha da gente. Porque eles [os moradores] tinham a gente como uma coisa boa e da maneira que eles [a Polícia Federal] chegaram aqui e da maneira que eles fizeram, conseguiram maquiar a rádio como uma coisa ilegal, como uma coisa ruim que tinha dentro da comunidade. Até pelo fato de a gente ter chegado aonde a gente queria chegar, quando caímos ficou muito complicado de retomar aquela maneira de fazer que a gente tinha, até por que o apoio da comunidade diminuiu.

Certa vez, numa conversa informal com Sérgio, pouco tempo depois do ocorrido, ele dizia: “a apreensão dos equipamentos pelo pessoal da Anatel quebrou nossas pernas”. A expressão é significativa, pois o fato de “quebrar as pernas” dificulta a caminhada, o que acabou acarretando a saída, provisória ou não, de boa parte dos integrantes da rádio.

Atualmente, a Diversidade vem funcionando de forma irregular. A programação musical passou a ocupar a maior parte dos horários da rádio, servindo como estratégia para que a emissora não ficasse parada. Desta forma, basta apenas que alguém faça uma programação musical de algumas horas no computador e deixe tocando.

A programação da Diversidade, depois que os moradores do bairro se afastaram da emissora, ficou dependendo do tempo livre de algumas pessoas que têm se revezado e colocado a emissora para funcionar. Segundo Sérgio, depois que a FM foi tirada do ar algumas pessoas foram perdendo o interesse pela rádio e se afastando.

Um fato interessante é que não houve uma perda completa de interesse pela emissora por parte dos moradores do bairro. Sérgio diz que, muitas pessoas ainda lhe perguntam na rua quando a rádio vai voltar a transmitir via FM, quando vai ganhar a

concessão etc. Isso mostra, de alguma forma, que apesar do afastamento de alguns membros, a emissora ainda tem uma importância para as pessoas do bairro e para a comunidade. Prova disso foi a mobilização para a colocação da nova antena da rádio. Segundo relato de Sérgio, “quando a comunidade viu a antena sendo colocada, a população ficou com um certo ânimo, com todo mundo querendo participar e falando ‘bota aqui, bota ali’ [...] “os meninos estão fazendo..., a rádio está voltando...”.

Apesar de todos os problemas, a Diversidade tem buscado se renovar e em dezembro de 2009 lançou sua programação na internet ao mesmo tempo em que comemorava os cinco anos da emissora no bairro⁵⁷. A novidade atraiu outras pessoas para a rádio encantadas com a possibilidade de transmitirem seus programas *on line* e de poderem se comunicar, via *msn*, com os ouvintes através do computador do estúdio.

Reginaldo, morador do bairro e um dos membros da direção da rádio, faz uma analogia interessante ao se referir, através de um relato, sobre a rádio e as pessoas em torno dela afirmando que,

[a rádio] é como uma árvore... foi só podada, mas a raiz está toda agregada, tá todo mundo agregado ainda. Se sair essa autorização pra gente, vai ser uma vitória grande, vai ser um fato inédito pra ser registrado nos ‘anais da câmara’, uma rádio sem partido nenhum, só com zero a esquerda... conseguir uma autorização...

Embora a raiz da Diversidade ainda esteja toda agregada, como se refere Reginaldo, por outro lado ele mesmo admite que “o apoio da população é tímido, pois as pessoas não gostam de se expor”.

2.3.4. Mais uma concessão e agora?

No dia 12 de maio de 2009 o Ministério das Comunicações publicou um aviso de habilitação para 463 novas emissoras de rádio comunitárias. Todos os 27 estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal, serão contemplados com novas emissoras. Segundo o ministro das Comunicações, Hélio Costa, “o objetivo do governo é contemplar todos os municípios do

⁵⁷ Ver anexo 6.

país com rádios comunitárias, que são um instrumento de comunicação importante e necessário para a cidadania brasileira, principalmente no interior do país”⁵⁸.

Apesar da “boa vontade” do ministro, não se sabe ainda como ele pretende fazer essa “multiplicação dos pães”, tendo em vista que o Brasil possui 5.564⁵⁹ municípios e o ministério vai liberar apenas 463 novas concessões. Segundo site do ministério, atualmente existem 3.685 rádios comunitárias funcionando legalmente em todo o território nacional brasileiro.

João Pessoa, que atualmente possui apenas uma concessão para rádio comunitária⁶⁰, será contemplada com mais uma emissora. A notícia da liberação de uma concessão para a cidade mexeu com todos aqueles que fizeram parte da Diversidade, mas que estavam afastados por conta das investidas da ANATEL e da PF. Após a notícia da liberação de mais uma concessão para João Pessoa, a diretoria da Diversidade (ou o que sobrou dela) se reuniu para, juntos, traçarem as estratégias de ação no bairro relativo a obtenção da concessão. Logo após esse momento, foi feita uma reunião com os moradores do bairro para lhes informar sobre a notícia e saber como cada um poderia ajudar.

Todos ficaram animados e esperançosos com a possibilidade da Diversidade ganhar a concessão. O fato trouxe novo ânimo reacendendo as esperanças outrora já quase esquecidas. Marcada para acontecer no sábado do dia 16 de maio de 2009, a reunião contou com aproximadamente 30 pessoas, todas elas moradoras do bairro que se espremiavam dentro e fora do minúsculo estúdio da emissora. Na ocasião estavam presentes comerciantes, líderes religiosos, representantes das associações do bairro, muitos jovens e diversas pessoas interessadas em ajudar de alguma forma.

Tendo em vista que a concessão seria destinada à cidade de João Pessoa, se faz preciso uma organização mínima para atender as exigências do edital e a grande concorrência por parte dos outros bairros da cidade. A notícia fez com que vários bairros e

⁵⁸ Moraes, Eider. Ministério publica aviso de habilitação para 463 rádios comunitárias. Ministério das comunicações. Brasília, 12 mai. 2009. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/ministerio-publica-aviso-de-habilitacao-para-463-radios-comunitarias/>. Acesso em: 04 nov. 2009.

⁵⁹ Instituto brasileiro de geografia e estatística. Contagem da população 2007. Rio de Janeiro, 2007. p. 11. Acessado em: 21/10/09. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem.pdf>

⁶⁰ A única emissora comunitária de João Pessoa com autorização pelo Ministério das Comunicações para funcionar é a rádio comunitária de Cruz das Armas. No entanto, esta rádio é acusada, pelos ativistas do movimento de radcom local, de não obedecer aos pré-requisitos mínimos de uma emissora comunitária, chegando ao ponto de comercializar espaços na sua programação e de não possuir um conselho comunitário, entre outros... se caracterizando mais com uma rádio comercial do que com uma emissora comunitária.

entidades que trabalham com o sistema de comunicação comunitário se mobilizassem para tentar conseguir a autorização de funcionamento⁶¹. Um dos critérios de avaliação do Ministério das Comunicações para julgar qual rádio receberá a concessão foi o de representatividade da emissora junto à localidade em que ela se insere. Logo após a publicação do edital no Diário Oficial da União, as entidades interessadas teriam 45 dias para se organizarem e mandar o material para Brasília.

Com a comunidade organizada numa ação coletiva, a principal atividade foi a coleta de assinaturas de pessoas que moram nas proximidades e que são abrangidas pelo serviço de radiodifusão da emissora. A coleta de assinaturas deu-se de duas formas: a primeira foi através da “manifestação de apoio coletivo”, ou seja, um abaixo assinado. A segunda, foi a manifestação de apoio individual⁶² em que representante de instituições ou pessoas com certa liderança na comunidade como médicos, pastores, padres etc. contribuíam, através de sua assinatura, declarando seu apoio a implementação da emissora.

Para tanto, várias pessoas ajudaram no recolhimento dessas assinaturas no bairro. Foi montado um calendário de atividades para obtenção das assinaturas de forma que fosse colhido o maior número possível delas para serem anexadas aos papéis da rádio que seriam enviados para o Ministério das Comunicações. Durante aproximadamente seis semanas, pessoas do bairro se revezavam em pontos estratégicos montados para o recolhimento das assinaturas.

Alguns pontos estabelecidos foram: o Minibox Verona, o mercadinho Laerte, a farmácia Santa Clara e a própria rádio Diversidade. A escolha destes locais se deu pelo fato de serem muito freqüentados dentro do bairro. Neles foram erguidas algumas tendas em que moradores se revezavam para colher as assinaturas. Os dias escolhidos para a coleta foram os sábados e domingos (neste último dia até as 12h00).

Para obtenção das assinaturas também foi usada a criatividade. Com um carrinho de venda de cd's alguém cruzava as ruas do bairro anunciando, a partir de uma gravação, os pontos de coleta de assinaturas e a importância dos moradores contribuírem. Muitas pessoas da localidade ficaram encarregadas de recolher pessoalmente as assinaturas. As várias associações do bairro Jardim Veneza, bem como os comerciantes e líderes religiosos

⁶¹ São inúmeros os bairros e entidades que pleiteiam a concessão. Entre estes o bairro de Mangabeira (que pela sua extensão deve ter mais de um pedido de concessão), a comunidade de Boa Esperança, no Cristo, o Timbó, São Rafael, Jacumã, Mandacaru, Roger etc.

⁶² Ver anexo 9.

da localidade também ajudaram na empreitada. Segundo relato da direção da emissora foram colhidas, no total, 2.500 assinaturas.

Além das assinaturas, foi anexado aos documentos da rádio enviados para o Ministério das Comunicações um requerimento de votos de aplausos proposto pelo vereador Aristávora Tavinho Santos. O requerimento teve como objetivo homenagear a rádio “pelos relevantes serviços prestados a capital João Pessoa”. Também foi anexada uma declaração da Secretária de Comunicação Social do Ministério Público Federal de Brasília, Giselly Siqueira, afirmando que a rádio Diversidade “transmite desde 2005 o programa de rádio Questão de Justiça produzido pela Secretaria de Comunicação Social da Procuradoria Geral da República”. Além destes, foram enviados o estatuto da rádio, bem como todos os documentos da emissora e de seus diretores devidamente autenticados em cartório.

Enfim, a direção da emissora procurou anexar junto a papelada que seria enviada para o Ministério das Comunicações em Brasília qualquer documento de apoio coletivo e individual ou que tivesse alguma relevância, demonstrando a importância da rádio para o bairro.

2.3.5. O conhecimento através do cotidiano e o “social como fonte de enigmas”⁶³

O nosso trabalho está centrado na ação de alguns jovens moradores de um bairro periférico da cidade de João Pessoa que têm se destacado por sua iniciativa de colocar no ar e gerir uma rádio que pretende ser comunitária. Isto, é claro, não passaria despercebido: nem a nível local, em que a população da redondeza aderiu a iniciativa, nem a nível das estruturas do poder regulador do Estado que, como um Leviatã, pune aqueles que querem ampliar o leque de interlocutores envolvidos no contrato social.

Neste momento, vemos claramente dois níveis da realidade social que se entrecruzam na heterogeneidade do cotidiano: por um lado, jovens indivíduos que se reapropriam do espaço social, num exercício baseado no direito a livre comunicação (e na desobediência civil?); por outro, o Estado e sua força coercitiva a lhes lembrar das “regras do contrato”.

⁶³ Trecho que dá nome a um dos capítulos do livro *Vida cotidiana: enigmas e revelações* de José Machado Pais. Cf. bibliografia.

Apesar de nossa discussão principal estar centrada na questão da identidade juvenil, é preciso que voltemos nossa atenção às práticas desses jovens no seu dia-a-dia. Ao fazer isso, esperamos trazer para o primeiro plano alguns elementos que possam servir para a análise da questão da identidade que se segue no próximo capítulo. Cabe agora pensar, a partir do texto acima (que também é fruto de uma pesquisa de campo), como podemos alinhar os dados descritos com a teoria do cotidiano. Certamente tal empresa não é fácil e qualquer que seja o caminho escolhido para seguirmos estaremos sujeitos a deslizes e/ou equívocos.

Começamos então pela própria rádio. Criada em 2004, podemos afirmar que a emissora mudou a rotina do bairro Jardim Veneza. Como vimos acima, o bairro carece de um olhar mais cuidadoso por parte do poder público, tendo em vista alguns problemas em áreas como a saúde, educação, segurança, saneamento e espaços de sociabilidade. O Jardim Veneza fica localizado⁶⁴ numa área periférica de João Pessoa e boa parte de seus moradores trabalham em outros bairros nas mais diversas áreas como: construção civil, comércio, prestação de serviços etc.

A implementação da rádio, de certa forma, muda um pouco a rotina das pessoas e de seus afazeres a partir de seus vários aspectos como: a dimensão educativa, o entretenimento, o reforço às ações autônomas, a reciprocidade de relações etc.

Os moradores do Jardim Veneza, depois da rádio, tiveram a oportunidade de se voltar para algo que, nascido dentro do próprio bairro, tinha como foco os próprios moradores e a realidade sociocultural daquela localidade. Foi assim que, através de momentos de formação, desenvolvidos pela ONG. Amazona, vários moradores puderam se capacitar para fazer parte do quadro de apresentadores, operadores e demais funções que a rádio dispunha a quem se interessasse por suas atividades.

Desta forma, vários programas nasceram a partir da necessidade de cada um de seus proponentes de falar e expressar suas ideias, gostos, anseios e modismos para a população local⁶⁵. A linguagem era a mais espontânea possível: não havia nenhum tipo de censura quanto ao modo de falar e se expressar. A locução não estava tutelada a nenhum tipo de padrão. Por isso, muitas vezes era possível ligar o rádio e ouvir locutores sem a mínima

⁶⁴ Ver anexo 1.

⁶⁵ Entre alguns, podemos destacar os seguintes programas: Pop Music, de Carlos Eduardo; Frequência Jovem Universal, de Aline, Ítalo, Diego e Ângela; Brasil Republica, de Sérgio; Forró do Meu Povão, de Luis Mulato e Josuel .

preocupação com a formalidade da língua portuguesa. Havia espaço para a improvisação, para o erro, para o amadorismo assim como também havia espaço para aqueles que já tinham uma experiência e faziam questão de organizar um programa segundo os moldes de uma rádio comercial.

Em uma palestra do professor e militante José Arbex Jr.⁶⁶, ele falava da dificuldade que há nas emissoras comunitárias de se descobrir uma linguagem própria, tendo em vista que, sendo um meio que se pretende diferenciar das rádios comerciais, teria que necessariamente não seguir o modelo destas e procurar desenvolver um estilo particular.

Em 2006 propomos a direção da rádio um programa que levava o nome de “A Paraíba e sua música”. A direção da emissora pediu que fosse formalizado um pedido em papel para ser avaliado em assembléia. Após ser aprovado, passamos a apresentar o referido programa nas quartas-feiras no horário das 09h às 10h30 da manhã.

O programa tocava apenas músicas de cantores e bandas da Paraíba e era intercalado por blocos de músicas com notícias e informação sobre o cenário artístico Paraibano. A sua curta duração – de agosto a dezembro de 2006 – deixou, posteriormente, um misto de saudade e revolta: ao chegarmos à rádio para fazer o programa, no dia 6 de dezembro, recebemos a notícia de que a ANATEL e Polícia Federal tinham acabado de lacrar os equipamentos da emissora proibindo seu funcionamento e multando os seus responsáveis⁶⁷.

Mas, no tempo em que estive no ar, o programa recebeu diversas ligações de moradores e pessoas que nos acompanhavam através de seus rádios em casa. Alguns elogiavam, outros pediam músicas de cantores paraibanos mais conhecidos e outros pediam músicas que não tinham nada a ver com a proposta do programa. Sempre que possível procurávamos levar entrevistados e fugir um pouco da formalidade. Mas, vendo pelos olhos de hoje, percebemos o quanto ainda estávamos presos a um modelo de programa convencional.

⁶⁶ Realizada na IV Semana pela Democratização da Comunicação. No dia 19 de outubro de 2009, no auditório 411 do CCHLA da UFPB.

⁶⁷ Neste mesmo dia (06/12/06) aconteceu no Sebo Cultural, no horário da tarde, a reunião do Fórum Metropolitano de rádios comunitárias de João Pessoa. O ocorrido com a Rádio Diversidade foi exposto na hora dos informes. Anotações feitas numa agenda da época relatam o seguinte: “Diversidade fora do ar. Motivo: ‘formação de quadrilha na exploração de radiodifusão’. Multa de R\$ 700,00 reais”.

Realmente, romper este modelo é difícil. Mas a diversidade de programas apresentados na FM Diversidade fazia jus ao seu nome e olhando a rádio de uma forma geral, percebia-se logo o quão heterogênea era a sua programação.

Por esta época, não só nas falas dos locutores, mas nas vinhetas que iam ao ar, a rádio se fazia conhecida enquanto comunitária. Por outro lado, os seus “amigos culturais” ajudavam a manter a programação. Foi neste ambiente que surgiram programas como “Emoções a dois”, com músicas românticas; “Mix Diversidade”, com música e informação; “SVGJ”, um humorístico; “Brasil República”, programa que narra os fatos históricos brasileiros e com direitos e deveres do cidadão; “Domingo do Brega”, que dispensa comentários; “Quartas Culturais”, com música, entrevista, notícias; além de programas evangélicos, de fofocas, de rádio jornalismo, esportivo dentre outros.

Um dos programas que chamava a atenção era o “Forró do Meu Povão” apresentado por Luis Mulato, o contador de piadas e por Josuel “Barriga de Mel”. O programa era apresentado por Josuel e entre um forró e outro Luis Mulato contava uma de suas piadas. O programa ia bem a não ser pelo fato de, às vezes, Josuel exagerar na bebida a ponto de atrapalhar o programa com tanta “animação”. O fato é que a direção da rádio chamou a sua atenção e o puniu com a proibição de apresentar o programa. A proibição continuaria a menos que ele deixasse de beber, se não de vez, pelo menos quando estivesse dentro da emissora. O que se ficou sabendo depois foi que Josuel deu um tempo na bebida e voltou a apresentar seu programa com Luis Mulato na Diversidade.

Como afirmamos antes, a rádio mudou o dia-a-dia das pessoas do Jardim Veneza. Foi assim que passaram a se ouvir mais e saber mais do que acontecia a nível local. Por dois anos a rádio funcionou no bairro. Se por um lado criava novos hábitos e costumes, por outro, buscava formas de romper os impedimentos legais, atravessando por entre os interstícios do permitido e não permitido.

Pelos olhos do senso comum, veríamos indivíduos que todos os dias se revezam e dão um pouco do seu tempo para falar sobre algo que gostam através do rádio. Já através de um olhar sociológico, veríamos atores sociais que em seus espaços de criatividade criam e recriam o seu cotidiano através de seus “micro exercícios”, “táticas e arte do fazer”. Na verdade, sujeitos ordinários que através de suas ações práticas rompem hábitos e costumes e tentam negar a ordem estabelecida (CERTEAU, 1994).

Um exemplo disso foram os embates com a lei que a rádio teve durante todo esse tempo. Quando a rádio recebeu a primeira advertência da ANATEL, a saída encontrada foi transmitir a programação, via FM, apenas em horários não comerciais, ou seja, das 05h às 8h00 e das 17h às 22h00 como uma forma de driblar a fiscalização.

Outro exemplo foram as diversas manifestações das quais a direção da rádio participou⁶⁸ e suas formas de organização⁶⁹. Era através destes “espaços de criatividade” que o cotidiano local era criado e recriado. E era assim que esse constante recriar tinha uma ressonância bem maior do que o limite físico das ondas sonoras podia alcançar. Sua abrangência chegou e incomodou os empresários da comunicação comercial de João Pessoa. Isto é tão certo que a resposta não demorou a chegar: o fechamento da rádio.

Se por um lado há um cotidiano feito da criatividade dos indivíduos, há também um outro nível de organização da vida cotidiana que se dá a partir das estruturas sociais. As normas e leis são exemplos disso. Lembramo-nos aqui Lopes (2005, p. 05) ao afirmar que "a política de radiodifusão hoje vigente no Brasil [...] termina por ser não um fator de inclusão, mas de exclusão radiofônica".

Parece persistir aquela ideia de um mundo moderno que persegue a ordem e a regularidade. De um mundo que procura definir de maneira vertical e hierarquizadora o cotidiano nos moldes de “uma empresa capitalista”, tendo em vista a eficiência comprovada deste tipo de organização⁷⁰ (LEFEBVRE, 1991). Assim, aqueles que tentam fugir do padrão preestabelecido, logo são lembrados dos perigos do desvio. No fundo, só mais uma forma de manutenção do status quo. E ainda há quem aponte para o lado alienante do cotidiano, na medida em que não há uma reflexão das atividades do dia-a-dia por parte dos indivíduos (HELLER, 1992).

Assim têm agido alguns grupos políticos e empresariais preocupados com a criatividade dos sujeitos que se apropriam dos meios de comunicação e propõem um uso participativo e voltado para a comunidade e bairros em que se encontram. A inquietação com este fato foi tanta que motivou um empresário da cidade de João Pessoa a ligar para a rádio Independente da comunidade do Timbó chamando-a de rádio pirata e ameaçando-a

⁶⁸ Na Câmara Municipal, Conferência de Comunicação entre outros.

⁶⁹ Quando a rádio foi multada, a saída encontrada para pagarem a multa foi a cotização entre os moradores e a organização de festas locais para a arrecadação de dinheiro.

⁷⁰ O maior exemplo disso é a fábrica fordista. Um outro exemplo mais próximo e mais atual é o que temos assistido em relação a universidade pública que cada vez mais vem adotado critérios de produtividade, eficiência e planejamento na “gerencia” de suas atividades. E pelo visto, este não parece ser um caso específico do Brasil.

com a polícia. Depois de algumas semanas a Anatel juntamente com a Polícia Federal fortemente armada fecharam a rádio⁷¹.

O que aconteceu no Jardim Veneza é o exemplo de ações que, embora estejam restritas a um bairro, articulam processos bem mais amplos da estrutura e dinâmica social. Acreditamos que a divergência de orientações quanto a possibilidade de conhecimento do cotidiano não é excludente. Pelo contrário, essa divergência nos parece mais um reflexo da riqueza da vida social.

Além do mais, seguimos aqui a indicação de Pais (2003, pp. 75-76) que afirma que

uma visão exclusivamente macroscópica do social não pode dar conta de todos os pequenos jogos sociais que constituem a trama social. Sendo assim, a sociologia deve accionar paradigmas que permitam entrelaçar os planos da micro e da macroanálise sociológica.

⁷¹ Episódio relatado ao autor por um dos jovens da AJA (Associação Juventude em Ação) do bairro do Timbó em 16 de outubro de 2008.

Capítulo 4 – Identidade

O atual debate sobre a identidade, tão frequente nos últimos tempos, demonstra não só a importância da sua discussão nos quadros da teoria social, mas, por outro lado, a tentativa de traçar um panorama sobre esse tema em tempos de mudanças de paradigmas a partir do qual a questão da identidade emerge.

Isso se evidencia na quantidade de publicações lançadas anualmente que procuram discutir o assunto. Posto isso, uma questão insiste em aparecer logo de início: por que a atualidade do tema? O que o torna tão urgente nos dias de hoje em relação a um desdém, um desinteresse de outros tempos?

Refletindo sobre o assunto, Bauman (2005, p. 23) observa que “[...] há apenas algumas décadas, a ‘identidade’ não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica”. É assim que, para ele, pensar a identidade nos dias atuais “é realmente um dilema e um desafio para a sociologia”.

Um dos caminhos possíveis para pensarmos sobre esta questão, diriam alguns, é a emergência de uma sociedade pós-moderna, em que estaríamos vivenciando novas formas de sociabilidade e uma maior flexibilidade das instituições sociais nunca antes vista. Se é possível pensar a questão por esta via, estaríamos certos em considerar que, para uma nova ordem de valores e de conduta que emergem no centro desse ambiente pós-moderno, corresponderia, por sua vez, novas formas de relações identitárias.

No centro desse debate, a única certeza é a de que a linha que marca a divisão do que pertence a modernidade e a pós-modernidade parece não estar muito clara. Vê-se assim um conflito que se instala na teoria social no sentido de que há uma imprecisão do que é próprio da modernidade e da pós-modernidade.

A polifonia impera e pelo que parece estamos longe de um consenso sobre este assunto. Caberia saber se essa sensação de ruptura não seria uma intensificação/radicalização das ambigüidades e paradoxos da modernidade. E, até mesmo, se essa nova atmosfera social, política e cultural que se apresenta corresponde de fato a um envelhecimento da modernidade ou, por outro lado, a uma de suas faces.

Hall (2006) enumera, de forma didática, “três concepções de identidade” que se diferenciam e são resultados do: “sujeito do Iluminismo” (dotado das capacidades de razão e possuidor de uma identidade fixa); do “sujeito sociológico” (reflexo do mundo moderno e

uma identidade formada na socialização); e do “sujeito pós-moderno” (indivíduo que pode assumir identidades provisórias em diferentes momentos, portanto não possuidor de uma identidade fixa).

Interessa-nos indagar quais as implicações dessa nova ordem de valores que vem se intensificando nas últimas décadas e que altera radicalmente a vida social cotidiana, principalmente, no âmbito das relações pessoais e da vida individual. E como vem afetando os sujeitos jovens de nossa sociedade.

Antes disso, se faz necessário revisitar a teoria clássica e a forma como foi abordada a questão da socialização para, mais a frente, nos determos a alguns trabalhos mais recentes que versam sobre o mesmo tema, mas que fazem uso de outras categorias explicativas. Lembramos que no próximo tópico seguiremos a mesma linha de orientação de Setton (2005) para pensarmos o processo de socialização.

4.1. A visão dos clássicos sobre o processo de socialização

Na sociologia clássica as estruturas sociais ocupam espaço privilegiado nas análises uma vez que são pensadas a partir de seu poder de coerção sobre os indivíduos. Estes, por sua vez, adotam padrões de comportamento, normas, regras e valores que tem origem nas organizações societárias. Assim, a família, a escola, a religião, a classe social entre outros, são tidos como principais agências socializadoras.

Em Durkheim iremos encontrar um estudo mais sistematizado a respeito deste assunto em seu livro Educação e Sociologia. Para o sociólogo francês, a educação tem como papel fundamental inserir no indivíduo os valores morais necessários para uma vida em sociedade.

Assim, Durkheim define a educação como uma

ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina (1978, p. 41).

Em sua sociologia da educação Durkheim afirma que é através da aprendizagem que os indivíduos se inserem na sociedade internalizando valores, sentimentos e

comportamentos necessários para o convívio social. Nesta perspectiva, as subjetividades individuais têm um papel secundário uma vez que o social se impõe sobre o indivíduo. Assim, fica clara a distinção feita por Durkheim entre indivíduo e sociedade em que o primeiro está submetido a segunda. Embora Durkheim admita que os sujeitos possuam um “ser individual”, o qual diz respeito apenas aos acontecimentos da vida pessoal, para ele é possível falar ainda de um “ser social” que corresponde as idéias, hábitos e sentimentos que não estão relacionados a individualidade de cada um.

Segundo Durkheim (1978, p.42) “esse ser social não nasce com o homem, não se apresenta na constituição humana primitiva, como também não resulta de nenhum desenvolvimento espontâneo”. Completa dizendo que “constituir esse ser em cada um de nós – tal é o fim da educação”.

A inquietação de Durkheim com a questão da educação e seu papel social se justifica na medida em que o sociólogo está preocupado em responder através de quais processos os indivíduos adquirem os hábitos e costumes necessários para a vida social. Ao chegar ao mundo, a criança, ser egoísta e associal, nada mais é que uma “tábula rasa”. É assim que, segundo Durkheim (1978, p. 82) “a educação consiste, pois, sob qualquer de seus aspectos, numa socialização metódica de cada nova geração”.

Posteriormente a Durkheim, outros sociólogos também se ocuparam em discutir a questão da socialização. Ainda assim, permanece a visão do indivíduo passivo que só através da interiorização de valores, normas e regras sociais é capaz de se tornar um ser sociável. É desta forma que autores como George Mead, Talcott Parsons e Erving Goffman, embora em épocas bem distintas, vão dialogar com Durkheim.

Atribuindo às instituições e seus agentes a função de manutenção da ordem social, concebem a construção da realidade a partir de uma coerência de propósitos entre o indivíduo e o espírito de seu tempo. Seja na metáfora do ator representando um papel (Cf. Parsons, 1973a e b), seja na noção do *self* (cf. Mead, 1963), ou mesmo na dimensão dialógica e interativa da construção da identidade (Cf. Goffman, 1975), esses autores entendem a organização social como um sistema coerente de contínuas adaptações do indivíduo diante dos ditames institucionais (SETTON, 2005, p. 339).

Na literatura sociológica mais recente, podemos ainda citar a contribuição de Thomas Luckmann e Peter Berger que no livro *A construção social da realidade* (1983) retomam este debate. Para tanto, os autores partem da distinção entre socialização primária e socialização secundária.

A socialização primária é entendida como a entrada da criança no mundo social em que este é percebido por ela como o único possível, não levando em consideração o universo de opções que se estendem para além. A linguagem aqui surge como um elemento importante uma vez que é através dela que a criança passa a objetivar e ordenar o mundo exterior. Daí em diante, há uma incorporação de saberes que vão servir de base e que vai assegurar o reconhecimento subjetivo do eu e do mundo exterior. Segundo os autores, essa incorporação leva em conta a relação da criança com os adultos responsáveis pela socialização e não somente o ambiente familiar e escolar (Setton, 2005, p. 340).

Por outro lado, a socialização secundária é entendida como sendo a “interiorização de submundos institucionais especializados e/ou a “aquisição de saberes específicos e de papéis direta ou indiretamente enraizados na divisão do trabalho”. Ao contrário da socialização primária, compreende um universo simbólico em que há a percepção de um mundo novo a partir de um campo especializado de atividades obtidas em escolas técnicas e profissionalizantes.

Segundo Setton (2005, pp. 340-341), há um avanço e uma abertura de perspectiva em relação ao tema, pois a forma como os autores o abordam permite “conceber a socialização a partir da perspectiva da mudança social, e não apenas a partir da reprodução da ordem ou da total coerência e identificação entre indivíduo e sociedade, como pregado por Durkheim”.

Segundo esta perspectiva percebe-se que o processo de socialização do indivíduo estaria dividido em dois momentos em que as instituições de socialização não são necessariamente complementares umas às outras. Desta forma, os autores atribuem uma participação ativa do indivíduo nas instâncias socializadoras, conferindo a ele maior autonomia e liberdade reflexiva. Esse indivíduo é concebido como tendo capacidade de dialogar, questionar e escolher um universo de relações, bem como os valores que constituem esse universo diferente dos demais.

Embora se perceba um avanço na discussão teórica a respeito do processo de socialização, Setton (2005, p.341) chama a atenção para o caráter datado da contribuição dos autores

“ao circunstanciar a socialização secundária em um aprendizado especializado e/ou na imersão de um universo de símbolos vinculados a um mundo profissional [em que] os autores se baseiam na realidade social de uma época. Luckmann e Berger abordam a socialização secundária derivada de uma situação histórica específica do século XX, em que o processo de diferenciação social e de autonomização dos

campos do trabalho estavam consolidados e haviam construído e fortalecido novos grupos em interação”.

Compreender a relação entre indivíduo e sociedade tem sido alvo de disputa sociológica desde o surgimento da disciplina. É assim que este tema, um dos pilares desta ciência, tem sido retomado e repensado ao longo dos anos (Cf. Elias, 1994; Giddens, 2000). A complexidade do mundo atual demanda, pois, novos olhares sobre a questão colocando em evidência o papel do ator social e sua experiência de vida em detrimento das análises centradas nas estruturas sociais.

4.2. O momento contemporâneo e o processo de socialização na visão de François Dubet

Retomamos agora os apontamentos feitos no capítulo anterior sobre a noção de experiência na obra de François Dubet, de modo que possamos verificar como este autor tem pensado o processo de socialização nos dias atuais.

Em seu livro *Sociologia da experiência* (1994), Dubet se questiona sobre a atual configuração social e seu reflexo nas formas de expressões contemporâneas. Para tanto, o autor busca reavaliar a contribuição do modelo clássico de análise da sociedade tomando como base o momento presente em que predomina uma maior diversidade cultural e a fragmentação das instituições.

A sociologia clássica tinha como referência uma sociedade industrial baseada numa relativa estabilidade das instituições sociais. Esta relativa estabilidade era o resultado de um sistema integrado com base na divisão social do trabalho, por um lado, e na interiorização de normas morais e de conduta que estabeleciam um princípio de unidade.

Por sua vez, o Estado-nação garantia a coesão do sistema com instituições sólidas de forma que o indivíduo era visto como um produto da articulação e incorporação desses elementos. Assim, a interiorização subjetiva dos indivíduos das normas e valores garantia o funcionamento necessário da sociedade. Segundo Dubet (1994 apud WAUTIER, 2003, p.177) na literatura clássica “a sociedade existe como um sistema integrado identificado à modernidade, a um Estado-Nação e a uma divisão do trabalho elaborada e racional. Ela também existe porque produz indivíduos que interiorizam seus valores e realizam suas diversas funções”.

Dubet questiona a validade, para os dias atuais, deste tipo de sociedade centralizada e centralizadora da ação social. Hoje, o que constitui a sociedade é seu dinamismo que altera as bases às quais se assentavam antigos costumes.

Numa sociedade que se caracteriza pela diversidade cultural, pela multiplicidade das formas de conflito e de ação social, os atores não podem mais ser reduzidos a um só tipo de papel programado, não podem atuar segundo uma lógica única e determinada: o ator e o sistema se separam. Não existe mais um paradigma único da ação. A ação social não é determinada tão somente pelo sistema. O indivíduo se destaca pela capacidade de distanciamento em relação ao sistema e pela sua capacidade de iniciativa e de escolha (WAUTIER, p. 179).

Para Dubet, o indivíduo não estaria totalmente socializado e desta forma permanecem espaços a serem preenchidos na experiência social de cada um. É como se existisse algo de inacabado, pois a subjetividade do ator não se adequa por completo à objetividade do sistema. Assim, segundo Setton (2005, p. 343) “essa socialização não é total, não porque o indivíduo escape do social, mas porque sua experiência se inscreve em registros múltiplos e não congruentes”.

Dubet atribui aos indivíduos uma capacidade reflexiva capaz de articular lógicas diferentes de ação através das quais vão se constituir a subjetividade do ator. Assim, cada indivíduo é visto, segundo esta perspectiva, como um ator capaz de tomar para si a sua relação com o mundo.

Desta forma, Dubet propõe a noção de experiência que, por um lado, faz uma crítica ao modelo clássico de socialização e, por outro, se apresenta como uma leitura possível dos processos atuais de interação entre indivíduo e sociedade. É assim que a experiência, segundo o sociólogo (1994 apud WAUTIER, 2003, p. 180), diz respeito “as condutas individuais ou coletivas dominadas pela heterogeneidade de seus princípios constitutivos e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido de suas práticas no meio desta heterogeneidade”.

Para Dubet (1998, p.32) os indivíduos são, “atualmente, ‘obrigados’ a serem livres e a construir os sentidos de suas experiências. Isto constitui o próprio movimento da modernidade”.

A noção de experiência proposta por Dubet procura dialogar com o momento atual e tem como ponto de partida a constatação de uma mudança radical na concepção de sociedade, do indivíduo e da ação social. Esta concepção está atrelada ao contexto de uma sociedade pós-industrial, marcada pela diversidade cultural, e distinta daquele mundo

urbano industrial analisado pelos autores clássicos. Este distanciamento permitiu uma autonomização do sujeito em que, no mundo atual, a possibilidade de intercambiar experiências se apresenta como uma condição *Ad infinitum*.

A identidade surge como objeto (problemático) de estudo sociológico neste momento em que o indivíduo “se desprende” da coerção das estruturas e passa a construir biografias de vida nem sempre coerentes.

4.3 Repensando a(s) identidade(s)

Neste momento, levantaremos alguns pontos que nos servirão de base para pensarmos a questão proposta neste trabalho. São eles:

1. O que a literatura sociológica diz sobre a identidade no mundo atual e sobre as identidades juvenis?
2. A experiência com a rádio comunitária foi relevante para a construção das identidades dos jovens estudados?

Após percorrermos estes dois pontos, cremos ter elementos suficientes para, num terceiro momento, confrontando teoria e pesquisa de campo e chegarmos a algumas considerações sobre esta pesquisa.

Em relação ao item primeiro, parece ser de opinião comum entre os sociólogos que, por um lado, a formação da identidade está ligada aos efeitos dos contextos culturais e estruturais da sociedade no comportamento das pessoas; e, por outro, a certa liberdade do indivíduo em que a identidade é construída no decorrer de sua experiência de vida. Por último, a cidade se torna o palco de ação dos atores sociais que dentro do contorno urbano interagem entre si.

Para desenvolvermos este primeiro ponto, tomaremos como referência dois sociólogos para pensar o discurso contemporâneo sobre a identidade. São eles: Giddens e Bauman.

4.3.1 Giddens e a reflexividade moderna

Giddens se posiciona neste debate a partir da perspectiva de que a atual natureza da modernidade apresenta um grau de complexidade bem mais acentuado em relação ao surgimento das instituições modernas e da própria sociologia como ferramenta de compreensão do social. Entender as formas institucionais presentes faz parte de um processo de reflexividade das ciências sociais, através do qual o uso do conhecimento adquirido permite reorganizar os símbolos, dando a estes outros significados possíveis e permitindo, de certa forma, organizar o futuro se apropriando do passado.

No interior do que ele vai chamar de modernidade “alta” ou “tardia”, as instituições apresentam uma dinâmica que abalam hábitos e costumes tradicionais e que, por sua vez, alcançam dimensões globais. No entanto, Giddens (2002, p. 09) observa que tais mudanças têm alcance não apenas ao nível da extensão e da nova reordenação das estruturas da sociedade, “mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual e, portanto, com o eu”.

O atual momento histórico da era moderna aciona, segundo Giddens (2002, p. 09), dois extremos que se interligam e que são fundamentais para se entender a identidade atualmente, ou seja, “as influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro”. A globalização se apresenta como um fenômeno dialético onde os dois pólos, o global e o local, imprimem mudanças consideráveis em aspectos íntimos da vida pessoal. Para o autor (*idem*, p.20), ela seria o resultado do distanciamento entre tempo e espaço (“presença-ausência; eventos e relações sociais ‘à distancia’ com contextualidades locais” etc.). Giddens se empenha em estudar os novos mecanismos de identidade formados pelas instituições modernas, mas, pensados em termos de uma relação dialética em que tais mecanismos também são conformadores das instituições.

Através de esquemas abstratos, o autor procura compreender o caráter dinâmico da vida social moderna. É assim que enumera três elementos que para ele são essenciais: 1) separação de tempo e espaço; 2) o desencaixe das instituições sociais e 3) a reflexividade.

Em síntese, algumas teses de Giddens sobre o indivíduo e a autoidentidade:

- O “eu”, para Giddens, é visto como um projeto reflexivo. A visão do sujeito como reflexivo permite pensar na vasta gama de possibilidades de interação possíveis e os múltiplos tipos de relação social que estão abertos aos sujeitos;
- O “eu” trás consigo uma trajetória permitindo que o indivíduo organize o futuro se apropriando do passado através de um repertório de experiências vividas que são “peneiradas” cotidianamente;
- O indivíduo está sempre se indagando com perguntas feitas conscientemente. Esta autointerrogação, que se dá na busca de se saber o que está acontecendo, dá-se em intervalos regulares e faz parte da reflexividade do sujeito moderno;
- A reflexividade do eu se estende ao corpo reagindo ativamente ao invés de se portar passivo;
- Para Giddens (*idem*, p.76), “a autorealização é entendida em termos de um equilíbrio entre oportunidade e risco”. Por sua vez, o curso de vida é uma série de passagens em que todas elas pressupõem perdas e ganhos. As perdas precisariam passar pelo luto para que a autorealização seja possível.

Giddens chama a atenção ainda para o que denomina de “surgimento da política-vida”, ou seja, a política de estilo de vida. Para ele, o eu em meio a conflitos e perdido na fragmentação da vida não está separado da esfera política. Pelo contrário, o autor (*idem*, p.76) afirma que os temas os quais desenvolveu em relação a identidade moderna “tem implicações políticas, e mais que isso, são importantes para uma reconstrução de empreendimentos políticos e de problemas fundamentais nesta fase de alta modernidade”.

Assim, a política-vida diz respeito a uma nova forma de agir politicamente, não hierarquizada, que afeta diretamente a auto-identidade do indivíduo.

Refere-se a questões políticas que fluem a partir do processo de auto-realização em contextos pós-tradicionais, onde influências globalizantes penetram profundamente no projeto reflexivo do eu e, inversamente, onde os processos de auto-realização influenciam as estratégias globais. (GIDDENS, 2002, p. 197)

Segundo essa perspectiva, a política-vida seria um estilo de agir/intervir politicamente que estaria mais em conformidade com o momento atual da modernidade tardia. Pressupõe-se assim uma postura frente a questões políticas que se diferencia do tipo de ação exigida pelo que Giddens chama de política emancipatória.

Esta, por sua vez, precede a política-vida e exigia, segundo Giddens (*idem*, pp. 198-199), a “libertação da vida social das amarras da tradição e do costume; redução ou eliminação da exploração, desigualdade ou opressão; Interesse na distribuição de poder/recursos; obedece a imperativos sugeridos pela ética da justiça, da desigualdade e da participação”. Em sintonia com a dinâmica da modernidade e as idéias de emancipação humana, a política emancipatória foi o tipo de política que deu alicerce a movimentos e lutas coletivas como o estudantil e o feminista.

Tanto a política emancipatória como a política-vida pressupõe formas de agir e intervir na sociedade. Mas, bem mais que isso, pressupõem um estilo de vida em sintonia com os padrões morais de cada época histórica em que surgem, seja na modernidade ou na modernidade tardia.

4.3.2 Bauman e a identidade na modernidade líquida

Viver em uma época líquidomoderna implica, no mínimo, levar em conta uma de suas características fundamentais, ou seja, a fluidez. Para Bauman (2005) a metáfora da fluidez permite captar melhor a atual fase da modernidade.

Opondo o líquido ao sólido, o autor chama a atenção para algumas mudanças ao nível estrutural ocorridas na sociedade que lhe permite defender a ideia de que estaríamos vivendo uma “modernidade líquida”. O líquido pressupõe a fluidez, uma de suas características principais, e este, quando submetido a alguma tensão, pode mudar e tomar outras formas. Assim, é de sua própria natureza estar sempre em fluxo, se reordenando em estruturas que não possuem mais a solidez de antes. O sólido, por sua vez, possui uma espécie de liga que mantém a coesão de suas partes; o líquido, com sua fluidez, pode se mover facilmente; eles, segundo Bauman (2005, p.08, “‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam...’”).

Bauman se questiona se essas características não são próprias da modernidade e se elas não estão presentes desde o seu começo; pairando como um “espírito moderno”, como algo que tomava a todos e os impelia a questionar os valores da tradição, por fim, a se emancipar. Aqui surge novamente a metáfora dos sólidos se desfazendo: (“tudo que é sólido desmancha no ar”). A diferença – em relação a nossa modernidade líquida – era que no lugar dos antigos sólidos eram construídos outros sólidos; os quais se tinham a pretensão

que durassem para sempre porque seriam mais perfeitos e promoveriam a ordem e um maior controle social.

A metáfora procura traduzir de forma didática algumas das características de nossa época atual. O fluido e o líquido nos lembram a sua condição de mobilidade ou de uma estabilidade provisória que pode ser abalada facilmente. E assim Bauman afirma que

estamos passando agora da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. [...] num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. Não se deve esperar que as estruturas, quando (se) disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de agüentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento – mais cedo do que se possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas. (BAUMAN, 2005. pp. 57-58.)

Esta condição de provisório que se apresenta na vida líquidomoderna se estende para outros campos da vida cotidiana. No que diz respeito a identidade, Bauman (*Idem*, p.30) afirma que só quando esta “perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso”.

Na sociedade de classes, a identidade estava intimamente ligada a uma biografia, ou seja, uma trajetória de vida do indivíduo; a soma de todos os seus atos durante toda a vida. Segundo Bauman (*Idem*, p.56) “cada classe tinha, podemos dizer as suas trilhas de carreira, sua trajetória estabelecida de maneira clara, sinalizada ao longo de todo o percurso e pontuada por acontecimentos importantes que permitiam aos viajantes monitorar seu progresso”.

Na sociedade líquidomoderna, as relações pessoais assumem formas mais flexíveis, mais maleáveis. Portanto, há uma mobilidade maior das identidades; há também uma maior experimentação, uma vez que, o que antes se apresentava como um impedimento para o indivíduo preso a uma “biografia coerente”, hoje já não o impede mais, se “derreteu” de sua condição sólida. Esse processo de (eterna) busca de uma identidade, nos dias atuais, torna claro uma ambiguidade:

Embora possa parecer estimulante, no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, ‘nem-um-nem-outro’ torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. (BAUMAN, 2005. p. 35.)

Para Bauman, o rápido processo de globalização que atinge o mundo tem um papel fundamental em toda essa configuração. Vista como algo inevitável, o problema, segundo o sociólogo, seria o de procurar formas que nos permitam um maior controle do avanço selvagem e das consequências de um mundo globalizado. Dessa forma, a sociedade atual (líquidomoderna) apresenta mudanças em suas estruturas que a distanciam do tipo de organização social das sociedades tradicionais.

Esse fato faz o sociólogo se questionar se seria justo recorrer aos “pais espirituais da sociologia” sobre um tema que surgiu com toda a sua força muito tempo depois deles terem morrido. Segundo Bauman, o grande legado dos autores clássicos foi o de terem investigado a fundo os problemas, tribulações e preocupações de seu tempo. A identidade, tema que hoje “está na moda”, ainda não se apresentava com um problema para uma pesquisa.

Hoje, viver na atual sociedade pressupõe uma certa desenvoltura do indivíduo (bem maior do que a do *flâneur*) para se adaptar a esta nova ordenação social e os novos tipos de relações que emergem dela. A sociedade líquidomoderna não conseguiu abolir as contradições típicas da modernidade; pelo contrário, parece tê-las acentuadas mais ainda, principalmente no campo das experiências individuais.

Se ter uma identidade fixa não é algo atraente, mas, por outro lado ficar solto, “flutuando” sem um apoio fixo causa ansiedade, resta agora a possibilidade de experimentação *ad infinitum* das identidades disponíveis. Assim como as estruturas não duram muito tempo, pois, segundo Bauman (2005, p. 57), elas “não serão capazes de aguentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento”, as identidades também não. Já que, na sua condição provisória, as identidades, para Bauman (2005, p. 96) “são para usar e exibir, não para armazenar e manter”.

4.3.3 A experiência com a rádio comunitária foi relevante para a construção das identidades dos jovens estudados?

Neste segundo ponto, faremos uso das falas dos jovens que pesquisamos. Seus relatos expressam suas trajetórias, vivências e opções de vida. A experiência com a rádio marca o momento em que seus caminhos se cruzam em torno de um projeto. Por outro lado, suas falas deixam escapar marcas diferenciadas de suas trajetórias e vivências.

É desta forma que nas entrevistas realizadas ficou claro dois tipos de orientação na experiência com a rádio e que podem ser agrupadas a partir de duas categorias: 1) a experiência do engajamento; e 2) a experiência da prática radialística.

Em relação ao primeiro grupo, temos aquelas pessoas que estão diretamente envolvidas com a emissora, com sua fundação e funcionamento. São aqueles que estão pensando a rádio, as ações, os eventos relacionados a ela, os meios de legalizá-la e que estão inseridos no movimento de Radcom local. Já o segundo grupo – o mais numeroso –, diz respeito àqueles que passaram pela experiência da transmissão da mensagem radiofônica, através da rádio comunitária; se envolveram com a emissora e com o movimento do qual ela faz parte, mas não mantiveram o mesmo grau de comprometimento daqueles que pertencem ao primeiro grupo, mantendo assim um certo distanciamento.

Podemos apontar ainda questões ligadas ao gênero e a esfera do trabalho e até mesmo crises pessoais como fatores importantes na orientação de vida dos entrevistados.

1. A experiência do engajamento

Sérgio

Sérgio é um jovem de 25 anos, aluno do curso de Geografia da UFPB, casado e pai de uma filha. Atualmente trabalha numa Lan house e é professor de rádio escola pelo projeto Mais Educação. Junto com Alex foi um dos fundadores da Rádio Diversidade.

O que aqui chamamos de experiência do engajamento diz respeito a uma práxis que está associada a uma reflexão sobre a realidade local e a possibilidade de transformação. Sérgio adequa-se bem a esta categoria, e isto fica claro através de sua fala (e do seu tom afirmativo). Uma fala que denuncia sua vontade de intervir no meio em que vive:

Pro bairro melhorar sou protagonista, só que não sou só protagonista, existem outros protagonistas que necessitam de outros, que necessitam de outros e assim a gente forma uma rede, uma corrente. [...] Na parte política eu conscientizo dizendo “quando for votar vocês se liguem, na ultima eleição que teve [para escolha do representante do bairro no Orçamento Democrático], a maioria dos votos foram vendidos, de dez pessoas que tem aqui seis venderam o voto e por causa disso a gente teve prejuízo. Então eu tento conscientizar as pessoas no contato que eu tenho com elas e a influência que... por fazer parte da rádio eu tenho muita influência com a galera. Então eu tento conversar com o pessoal e mostrar algumas coisas que estão acontecendo no bairro [...]. Eu mesmo tenho

esse discurso de que a gente pode, a gente consegue e o pessoal da rádio também pensa da mesma forma e a gente pode conquistar dias melhores, a gente se juntando aqui.

Como se pode ver nesta fala, há uma preocupação, por parte do entrevistado, com o espaço e a política local que demonstra o seu engajamento na prática da comunicação comunitária. Frases como “eu tento conscientizar...” e “eu tenho muita influência com a galera”, demonstram que Sérgio assume o papel de líder, mesmo tendo afirmado para nós em sua entrevista que não se considera como tal.

Os programas apresentados por Sérgio também nos dão pistas de sua forte ligação com o projeto da rádio e do movimento de rádios comunitárias. Entre eles temos os seguintes programas, como relata o entrevistado:

Brasil República, que falava da república, do nosso país, todos os presidentes que passaram, os projetos que os presidentes colocaram como projeto do país no momento... e depois eu fiz **Bate Papo na Mesa Redonda**, que era convidar políticos, Vereadores, Prefeito, participar por telefone. O Prefeito só participava por telefone, a gente nunca trouxe o Prefeito aqui, Senador só participava por telefone que a gente chamava fiz Bate Papo na Mesa Redonda, era eu, Alex e sempre trazia mais um convidado: ou Reinaldo ou Luiz. Fiz um programa também de jovens com Alex, **Boletim Informativo**, que era um programa informativo [...]”. [Grifo nosso].

A natureza dos programas⁷² apresentados por Sérgio revelam uma vontade de levar a informação, de esclarecer e tirar dúvidas sobre os temas abordados em seu programa. Tem a ver com questões ligadas a cidadania, aos direitos dos cidadãos; de tornar as pessoas mais bem informadas de seus direitos e deveres de forma que elas possam tomar a frente de suas decisões. Tem, por fim, o objetivo de tornar o conhecimento público.

Questionado sobre se a rádio teria um papel de intervenção no bairro ele afirmou que este papel é

grande. Principalmente na comunicação. A gente sabe que hoje a gente discute essa história de quem tem poder sobre o território e uns falam que é as empresas, a polícia, que é a própria sociedade, mas quem tem o poder mesmo é a comunicação, por isso que as empresas e os políticos são donos dos meios de comunicação. E aí **pra gente ser dono, pra gente ter o poder como sociedade, como povo, como periferia, como ser humano a gente tem que ser também dono dos meios de comunicação** e a gente produzir as nossas próprias informações com outro olhar, com outra visão, com uma visão nossa. E aí se essa visão é errada ou certa, quem é que vai decidir se é certo ou errado? Por isso que a Rádio Comunitária Diversidade ela tem um poder forte de tanto destruir como construir. Minha luta é que sempre construa, né? Nunca destrua nada. Sempre construindo

⁷² Ver anexo 7.

algo, sempre ta transformando, criando. E ela tem um poder imenso... (grifo nosso).

A parte grifada acima expressa, cremos nós, a idéia do que Giddens vai chamar de uma “política emancipatória”. Muito embora o autor situe este tipo de agir político a um período da modernidade em que se fazia necessário, primeiramente, romper com as desigualdades para uma maior distribuição dos recursos, ainda hoje há grupos que não alcançaram uma igualdade de participação. Em países periféricos como o Brasil isto ainda é comum e o caso do movimento de rádios comunitárias é um exemplo.

A concretização desse ideal requer, também, um domínio de um conhecimento que viabilize a sua efetivação. Assim, a fala de Sérgio demonstra um conhecimento mais aprofundado da questão da comunicação no país e das leis que a regem. Isso se deu, em grande parte, por conta de sua experiência anterior em movimentos sociais, bem como pela necessidade de um aprofundamento teórico na área da comunicação na qual exerce atividade: a comunicação comunitária.

A experiência de Sérgio com rádio possibilitou uma introjeção de valores comuns (e até necessários) àqueles que vivenciam a experiência da comunicação comunitária como, por exemplo, a união. Embora tenha participado de grupos religiosos no bairro, afirma não ter se identificado com nenhum deles e que só na rádio foi possível se realizar de forma mais completa:

[...] Como eu comecei a participar da rádio muito cedo, essa ideia de união que você aprende na igreja, em grupos de jovens, em outras coisas, eu comecei a aprender na rádio e não em outro grupo. Acho que esse é o motivo de eu não participar de outros grupos, tudo que normalmente você aprende em outros locais, eu aprendi foi na Diversidade.

Com o envolvimento na organização da emissora foi possível experienciar outras formas de relações que vão além das de amizades – e bem mais complexas – como a relação em grupo, a de liderar um movimento no bairro em prol da comunicação livre etc. A noção de união e de força coletiva talvez sejam as marcas de sua vivência anterior e, até mesmo, da intervenção de ONG’s no bairro⁷³. Mas, acreditamos que, para o entrevistado, esta noção se efetiva na experiência da rádio Diversidade. Além disso, este movimento abre caminho para outros tipos de engajamento no próprio bairro como: vice-presidente da associação do

⁷³ Como é o caso da ONG. AMAZONA.

Verona e Clovis Muniz. Por fim, Sérgio afirma que: “[...] tô contribuindo e quando vejo mobilização eu to sempre participando”.

A fala de Sérgio demonstra um exemplo de uma identidade reflexiva. Desta forma, a mudança pessoal e social está ligada ao constante questionamento e organização de suas ações. É assim que, fazendo uso de um *status* de líder, se vê com uma função a desempenhar no bairro que tem repercussão não apenas a nível local, mas a nível pessoal.

Alex

Outro exemplo de engajamento e de trajetória marcada pela vivência com a rádio pode ser observado em Alex. Esse jovem tem 25 anos e junto com Sérgio foi um dos fundadores da Diversidade FM. Quanto aos estudos afirma que sempre gostou de estudar

[...] mas aí, depois que a rádio estava num patamar muito alto, existia muita pressão da polícia, muita pressão da justiça, não sei por que, não era motivo eu deixar de estudar logo no terceiro ano, mas pra ta aqui toda vez, pra poder defender tudo aquilo que a gente construiu, aí eu deixei de estudar no meu último ano.

Apesar de ter deixado os estudos para se dedicar mais a rádio, Alex afirma que gosta “[...] muito de estudar, meu pensamento é terminar o terceiro ano, fazer radialismo na universidade”. Antes mesmo de a rádio começar a funcionar no Jardim Veneza, Alex já participava dos movimentos sociais que atuavam no bairro:

[...] o meu caso é diferente do de Sérgio por que eu comecei minha vida dentro dos movimentos sociais, de vários tipos. Eu participava desde os 12 anos de um projeto social, era com a **[ONG.] AMAZONA que tinha um projeto aqui com a Casa da Mulher e criou um grupo de adolescentes e eu entrei neste grupo.** [...] Eu participei de várias conferências. De juventude, de adolescentes, todo dia no aniversário do estatuto tinha uma mobilização no centro da cidade, hoje em dia eu não vejo mais [essa mobilização]. Aí juntava todo o pessoal do movimento de criança e adolescente pra fazer um tipo de marcha pra entregar umas propostas de políticas públicas, com relação a criança e adolescente e eu ficava engajado nisso e minha vida todinha foi nesse sentido até os 16 anos, por aí, foi quando a rádio começou a falar mais alto. Antes disso eu gostava muito de televisão, filme mas depois dessa questão de rádio comecei a ver que o que a televisão me mostrava não era bem o que eu queria que fosse. Então foi mudando as ideias. Mas, de princípio a minha vontade era de trabalhar com o social não era nem com o rádio, era com o movimento social mesmo: criança e adolescente, questão de DST/AIDS, mas ser um educador social. **Participava muito de oficina de formação** pra aprender, pra poder passar pros outros. Não em só rádio mas oficinas também” (Grifo nosso).

A participação de Alex neste movimento o aproxima daquilo que Regina Novais (2006) vai chamar de “jovens de projeto”. Segundo a autora (p.113) “os jovens que fazem parte do “público alvo” dos projetos se (re)apropriam de ideias, palavras e expedientes, incluindo-os em suas estratégias de sobrevivência social”. Ainda segundo a Novais (*Idem*, p.113-114),

os projetos sociais tornam-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens moradores de certas áreas marcadas pela pobreza e pela violência das cidades. Com eles, uma parcela dos jovens pode inventar novas maneiras de sociabilidade e integração societária que resultam em determinadas modalidades de inclusão.

Com certeza a participação nos movimentos anteriores a rádio acrescentou muito na formação de Alex. Isto serviu de base para seu próximo empreendimento dentro dos movimentos sociais, desta vez voltado para a comunicação comunitária. A vivência dentro dos movimentos lhe deu certa visibilidade e reconhecimento. Além disso, abriu caminho para futuros contatos. A trajetória de Alex nos movimentos sociais se entrelaça a sua própria trajetória de vida: dos 12 aos 16 anos, Alex fez parte de alguns movimentos no bairro⁷⁴ até começar a discordar dele:

[...] Eles [o pessoal do movimento] preferiam continuar sem resolver o problema para que no ano que vem tivessem trabalho... aí comecei a ter divergências, né? Porque todo ano a gente faz as mesmas coisas, porque no outro ano a gente não cobra o que fez no ano passado? No meu entendimento, a gente estava enchendo os gabinetes de papel e a gente não fazia nada. [...] [Daí] eu fui me afastando mais desse ramo e fui me engajando mais na questão da rádio.

A “coleção” de experiências vivenciadas por Alex dentro dos movimentos sociais é o que vai possibilitar a mobilidade de passar de um movimento para outro. Em relação a seu ciclo de amizades, Alex relata que sua passagem pelo movimento lhe possibilitou ampliar suas amizades para além do bairro:

antes de tudo isso acontecer aqui dentro, o meu ciclo de amizades era mais fora do Veneza do que dentro. Era mais nos movimentos. Conhecia mais gente nos bairros onde existiam ONGs e entidades que trabalhavam com criança e adolescente do que propriamente aqui dentro.

⁷⁴ Segundo seu relato na entrevista, participou de um projeto social com a ONG. AMAZONA juntamente com a Casa da Mulher em que foi formado um grupo de adolescentes. Participou também de algumas conferências como a da juventude e do adolescente.

Após a vivência dentro dos movimentos sociais, Alex passou a atuar, agora já com a rádio Diversidade, dentro de seu próprio bairro o Jardim Veneza: “A ideia é só melhorar o que já existe aqui dentro. Porque antes eu trabalhava num geral muito grande, de querer ajudar várias comunidades e várias entidades diferentes e fora daqui”.

Assim como Sérgio, Alex se interessava mais pelos programas informativos⁷⁵ chegando a dividir com o primeiro um dos programas:

[...] o que eu fazia nos sábados que era [o programa] **Jovens em Ação**, justamente o que eu estudava quando fazia parte dos movimentos sociais eu colocava na programação: gravidez na adolescência, drogas, questão do próprio, DST/AIDS essas coisas eu colocava na programação. [...] O programa jornalístico que a gente tinha era o **Bate Papo na Mesa Redonda** que eram pessoas de fora ou pessoas da comunidade que vinham ficavam na roda e a gente fazia uma roda de conversa. Aí comecei a fazer isso também. [...] Mais pra frente quando a rádio se tornou FM veio o [programa] **Boletim Informativo**, sábado e domingo ao meio dia a gente se juntava [se referindo a Sérgio] pra fazer esse boletim. Foi os três programas que eu tive. [...] A minha participação na rádio era dessa forma: na programação e como diretor, guiando junto com os outros quatro o ideal da rádio. [Grifo nosso].

Quando questionado sobre o motivo de apresentar esses programas, Alex confessa que: “a idéia era falar o que não era falado, porque o meu pensamento era o seguinte: a gente sempre falou sobre DST/AIDS, sobre drogas, sobre adolescência, sobre sexo, mas, é sempre um grupo fechado que conversa isso”. Quanto aos programas mais politizados afirma que:

A questão mais politizada que era a questão de bate papo, de boletim informativo foi já porque a gente realmente tomava a frente da história e as informações que a gente ouvia não era bem as informações que a gente achava que era. A gente acabava pegando as informações que a gente ouvia no jornal e não querendo distorcer, **mas dando a nossa visão sobre o que está sendo informado sobre as outras mídias. Dando uma visão mais crítica ou elogiando ou falando a verdade sobre o que acontece.** Se ta bom, ta bom, se não ta bom a gente fala que não ta bom. A idéia de a gente fazer esse boletim informativo e esse bate papo era mostrar **o outro lado da informação.** O que motivava a gente a jogar esse tipo de informação era isso, porque nos outros cantos você não vê, é sempre uma coisa controlada [...] então a gente fazia como é pra ser feito. [Grifo nosso].

Assim como Sérgio, Alex assume a função de levar a informação, através de seus programas, bem como de esclarecer o ouvinte a partir de uma outra visão dos fatos. Entendemos este ato como vinculado a uma política emancipatória, uma tentativa de

⁷⁵ Ver anexo 8.

redução dos desníveis que permeiam o campo da comunicação no Brasil; ou seja, a contra informação como arma de esclarecimento.

Durante os dois anos que estive no ar em FM, a experiência com a rádio marcou a trajetória de seus dirigentes tanto para o bem quanto para o mal. No caso de Alex, ele confessa que:

hoje em dia por eu ter deixado de estudar neste período tão conturbado eu to quebrado 'na emenda' porque a maioria dos empregos que por ventura eu vou correr atrás, não consigo porque meu currículo apesar de todo o conhecimento, mas não terminei o ensino médio. E nos últimos empregos que eu passei com meu currículo [...] nos últimos empregos que eu tenho tentado, eles sempre pedem antecedentes criminais da delegacia, do Estado e a nível Federal e toda vez eu sou barrado porque eu respondo processo por três processo, um deles por formação de quadrilha. E quando um empregador olha assim, formação de quadrilha pra eles é formação de quadrilha [...] então, me atrapalha pra caramba.

Mesmo carregando essa marca, quase como um estigma, Alex afirma não se arrepende de nada: “[...] então muita gente me pergunta se eu me arrependo do que eu fiz, não me arrependo, eu faria tudo de novo”.

A persistência no projeto da rádio marca de forma mais profunda aqueles mais engajados neste sonho. Insistir nele também requer uma negociação no âmbito familiar, uma vez que a questão legal da emissora ainda não foi resolvida e que pode ter implicações punitivas para os envolvidos. Segundo Alex, “a minha mãe e meu pai sempre foram contra. Meu pai passou mal algumas vezes com essa coisa de oficial de justiça na porta da minha casa. Apesar dele saber que dentro dele ele tem orgulho porque o motivo pelo qual o oficial de justiça está lá na frente não tem nada de vergonhoso”.

Questionado sobre suas perspectivas em relação a rádio, Alex confessa:

A rádio continua sendo o meu **projeto de vida**. Tanto eu quanto o pessoal que começou a gente nunca quis ficar rico, a gente nunca quis ficar famoso, mas o entendimento é viver do que a rádio possa oferecer pra gente, nunca ter luxo, mas também não precisar tá correndo atrás de nada porque a rádio já pode oferecer isso pra gente. **O projeto da gente** é que a rádio seja auto sustentável e possa contribuir pra qualidade de vida e financeira também da gente, porque intelectualmente ela sempre favoreceu. [...] Seria muito mais próximo se o projeto da gente fosse ganhar dinheiro com a rádio, **mas o projeto** da gente não é ganhar dinheiro com a rádio. É certo que isso se vier, é bem vindo, mas a gente não quer seguir um caminho pensando só em ganhar o lucro financeiro. A gente quer que ela seja comunitária, que seja comunitária de verdade, que ninguém aponte e diga 'oh, ali tem concessão comunitária, mas não tem nada de comunitária', a gente não quer que isso aconteça aqui”. (Grifo nosso).

Através das falas podemos perceber que a trajetória de vida de Alex é profundamente marcada, primeiramente, pela sua passagem nos movimentos sociais do

qual fez parte e, segundo, por sua experiência com a rádio Diversidade, que também é uma experiência com o movimento de rádios comunitárias.

A sua fala anterior deixa claro um “eu” gestado ao longo de sua trajetória a partir de um projeto reflexivo. Para Giddens (2002, p. 75) “a trajetória do eu tem uma coerência que deriva de uma consciência cognitiva de várias fases da vida”. Há aqui todo um projeto de vida que vem sendo construído desde sua participação, ainda adolescente, nos movimentos sociais até se voltar para as atividades da rádio. Podemos pensar aqui uma trajetória que mantêm uma certa coerência em suas escolhas. Muito disso talvez seja reflexo de sua persistência em seus planos e sonhos através dos quais ele se alimenta e faz disso uma meta.

A Diversidade surge então como possibilidade não só de continuar o trabalho que vinha fazendo, quando de sua participação nos movimentos sociais, mas também de “viver do que a rádio possa oferecer”. Alex se mostra bastante familiarizado com este ambiente dos movimentos de forma que há uma apropriação e uma introjeção de seus referenciais que refletem na sua própria identidade.

Sérgio e Alex são exemplos de duas trajetórias de vida marcadas pela experiência dos movimentos sociais, mais especificamente o movimento de rádios comunitárias. A introjeção dos referenciais culturais (seus projetos, seus ideais, suas lutas...) para suas vidas pessoais se deu de forma mais marcante neles dois. Como foi colocado, logo acima, isso não se observa na maioria dos casos.

2. A experiência da prática radialística

Daniela

Ao agruparmos alguns indivíduos na tipologia da prática radialística, queremos com isso demarcar níveis diferentes de participação não apenas no projeto da rádio, mas também de identificação com este projeto. Daniela se inclui neste grupo.

Ela tem 27 anos e trabalha como agente operacional em um hospital da cidade de João Pessoa. Na rádio, chegou a apresentar o programa “A hora da fofoca”, além de fazer o horóscopo e programas com datas especiais como dias das mães, dia dos pais entre outros. Segundo afirma, “a rádio aqui pra gente foi mais uma brincadeira... Mais do que um sonho é

uma utopia”. Para ela, que chegou a participar de palestras e de um dos protestos da emissora, o projeto da rádio parece não estar no seu horizonte:

Participei mais acompanhando, mais por fora do que realmente dentro, na ativa. “... é um sonho mais deles, né? O Alex e o Sérgio. [...] Não é porque o sonho é deles que a gente não possa participar ou possa fazer parte do sonho deles, né? É mais vontade deles mesmo do que aqui, porque aqui [...] não se envolve muito, não tem muito aquele amor como a gente sente que eles têm, eles passam o tempo deles dedicados aquilo mesmo, assim, profundo. [...] A gente fica mais de fora, mais desligado. Não que não participe, sempre que tem um evento a gente participa a gente comunica mais não tanto como eles”.

A fala de Daniela marca bem os distintos níveis de participação e envolvimento que há dentro do projeto da rádio. Além disso, revela uma certa tensão polarizada entre um individualismo e um discurso comunitário. Neste exemplo abaixo, fica mais clara esta sua postura e seu distanciamento em relação a rádio mostrando que, embora não seja um sonho seu, ela poderia contribuir de alguma forma. Assim, sua participação na emissora representa:

mais vontade de que os meninos conseguissem realmente aquilo que eles estavam buscando, né? E assim, dar minha contribuição como sociedade, como comunidade que a gente é, uma família, como eles mesmos falam. Uma família, buscar ser um grupo unido, ter uma união; **mas como existe a diferença, cada um busca seu lado, cada um busca o que acha que é do seu interesse.** Então em um momento ali pra eles era importante e eu achei que deveria contribuir com aquela ação que eles estavam fazendo, né? (Grifo nosso).

Por outro lado, Daniela não deixa de reconhecer que sua passagem pela rádio teve um lado positivo para ela:

A rádio pra mim significou muita coisa, significou uma libertação, né? Não é uma igreja, mas significou pra mim melhorar, por que eu era uma pessoa que não me comunicava muito. Quando eu estava casada eu ia ali na esquina voltava pra dentro e meu marido era tudo que eu tinha, não me importava muito. [...] E aí depois que eu me separei eu procurei me comunicar mais e a rádio me ajudou nesse sentido. Não de me expressar melhor, mas de conhecer as pessoas, saber que todas elas têm problemas, que todas têm uma dificuldade...”.

Pela sua fala (e seu jeito), percebe-se que Daniela é uma pessoa reclusa e que a experiência da rádio representou também uma ampliação de seu âmbito de circulação. Não só isso, mas uma ampliação do espaço doméstico em que a possibilidade de convivência e troca de experiência lhe ajudaria a lidar com rupturas.

Embora não tenha pautado sua conduta a partir dos referenciais da rádio e do movimento no qual ela está inserida, Daniela declara sua ligação com a emissora:

falar da minha vida depois da rádio não teria muito sentido por que a gente queira ou não a gente ainda ta ligado. **Ela desligou, mas desligou pro mundo e não pra comunidade.** Ela desligou pro mundo por que saiu da FM, mas ela não desligou pra comunidade. A gente ta sempre ligado, ta sempre ouvindo, ta sempre buscando, querendo saber e de alguma forma querendo ajudar ou financeiramente ou fisicamente mesmo indo buscar alguma coisa, contribuindo para um evento... (Grifo nosso).

Talvez seja mais adequado afirmar que, para Daniela, a prática do radialismo lhe possibilitou poder ampliar seu círculo de sociabilidade, de acesso ao espaço público e de saída do mundo privado. Por outro lado, no conjunto de sua fala, fica claro que a experiência da rádio para ela parece irreal, algo no campo da utopia. Assim, a marca identitária propiciada pela experiência da rádio aparece na identificação com a comunidade, com o projeto das lideranças. Por outro lado, a importância da rádio na formação dos laços comunitários, ajuda-nos a pensar essa ligação que a aproxima da emissora causando essa sensação de que esta “desligou pro mundo e não pra comunidade”.

Augusto

Irmão de Alex, Augusto tem 21 anos e trabalha como auxiliar de almoxarife de uma construtora. Além da rádio, Augusto demonstra interesse por outras atividades como, por exemplo, o grupo de teatro do qual participa no bairro do Jardim Veneza:

a gente começou fazendo parte do grupo na igreja, um grupo formado pra comunidade aqui, da paróquia, mas aí por alguns incentivos a gente teve que debandar por que a gente era taxado como jovens que só queriam se apresentar, aparecer, tal essas coisas. A gente sempre querendo fazer algo melhor [...] e aí foi afastando as pessoas e acabou até que o grupo deu uma pausa e aí a gente reiniciou novamente, mas aí por fora da comunidade [se refere a igreja], só um grupo a parte realmente.

Augusto afirma que chegou à rádio através do projeto desenvolvido no bairro pela ONG. AMAZONAS, (a mesmo que Alex participou):

Na verdade a gente participava do grupo de jovens que era o grupo da [ONG.] Amazonas [...] E aí quando Alex fez a fusão aqui com Sérgio das duas rádios, aí eu já

comecei a participar também fazendo o programa de esportes e foi daí que eu conheci a rádio, mas a gente já tinha uma pequena parte na outra rádio que a gente participou [refere-se a rádio difusora Atitude Jovem que Alex tinha antes de se juntar com Sérgio e formar a Diversidade].

Depois, já na rádio Diversidade, chegou a apresentar alguns programas como o “VV Esportes” (com Reinaldo) e atuou também como operador de áudio. Assim como Sérgio, Alex e outros, Augusto chegou a participar de várias manifestações da rádio: “Participava da maioria e estava junto também. Quando a gente era do grupo de jovens [da ONG. AMAZONAS] também fazia muito isso, ia pro grito dos excluídos, pra caminhada da paz essas coisas toda e quando a rádio fazia a gente tava dentro também, gosta de fazer a voz falar mais alto”.

Para Augusto, sua participação no movimento se deu pela necessidade de “tá fazendo algo mais pela sociedade”, de fazer um movimento “em prol de alguma coisa que não tá seguindo na linha”, de “... sempre trazer algo de melhor pra gente, não só pra gente, mas como um todo”. E afirma que “... aqueles manifestos, não foi assim tão sem validade” uma vez que a rádio prossegue e tá tentando conseguir sua concessão e que as manifestações ajudaram nesse processo.

Sobre sua saída da rádio Augusto confessa que foi por motivos pessoais:

“[...] eu tava num momento meio distorcido assim e não tava conseguindo mais conciliar o trabalho em grupo e uma coisa pessoal que eu tinha, um momento disperso da sua vida e aí tava meio difícil de conciliar, [...] a gente aprende a se enquadrar na sociedade e nesse momento assim eu tava meio distante da sociedade e meio que batendo de frente com a população”.

Após este distanciamento, Augusto explica o motivo de não ter mais retornado para a rádio:

[...] eu não voltei assim pra fazer programas essas coisas porque justamente porque você já se afastou e aí tem aquela distorção de tempo, né? Você começou a trabalhar aí então já se encaixou o trabalho durante a semana, no final de semana já tem o teatro que eu to a frente com outras pessoas e no outro dia quando não é o teatro já tem o futebol que eu também participo, então assim ficou um tempo meio cheio, né?

As duas últimas falas de Augusto revelam, primeiramente, um momento de crise que reflete no seu distanciamento da rádio. Por outro lado, no hiato deste afastamento outras atividades passam a fazer parte de seu cotidiano. O distanciamento da rádio criou um certo “estranhamento”, uma sensação de não pertencimento mais àquele grupo que fez com que

Augusto não se sentisse a vontade para retornar a Diversidade. Embora soubesse da amizade de todos e que poderia retornar a rádio quando quisesse, Augusto confessa o porquê não tê-lo feito: “na verdade agora o que me impediu de ta a frente de novo na rádio foi a opção por outras escolhas, né”?

A fala de Augusto revela uma inquietação juvenil em que o aproveitamento do tempo é algo crucial em suas trajetórias. É assim que, segundo Melucci (2010, p.10) os jovens “pertencem a uma pluralidade de redes e de grupos. Entrar e sair dessas diferentes formas de participação é mais rápido e mais freqüente do que antes e a quantidade de tempo que os adolescentes investem em cada uma delas é reduzida”.

A vivência de Augusto na rádio fez parte de um momento em sua vida que ele vê de forma positiva: “o cara aprende muito quando está na rádio e conhece gente diferente com outras opiniões completamente diversas e conhece várias coisas e você só tem a aprender [...] e eu aprendi muita coisa”.

No entanto, embora admita que a experiência com a rádio tenha lhe ajudado a conviver melhor em grupo e melhorado a sua fala, ele prefere continuar buscando outras experiências coletivas (como o teatro) e vivenciar outros espaços de lazer (como o futebol). Como ele mesmo disse, prefere continuar buscando “outras escolhas”.

Carlos Eduardo

Carlos Eduardo tem 22 anos e possui o Ensino Fundamental completo. Atualmente trabalha com jovens de uma escola do Bairro dos Novais ensinando computação no horário da tarde. Durante a semana, no horário da noite, faz um curso de atualização. Afirma que gosta de ler, ir ao cinema, assistir séries de televisão etc.

Sobre seu primeiro contato com a rádio ele diz que “foi na época em que estava na igreja [Universal]” e o seu programa “era voltado para o público jovem”. Chamava-se ‘Força Jovem’: “era um programa com vários ritmos, com música evangélica, era mais pra abordar temas ligados a igreja, mais pra convidar os jovens pra ir a visitar a reunião dos jovens”. Segundo afirma, embora o público gostasse, o programa não foi adiante por conta de problemas com a direção da igreja que mudou de pastor e este “não [se] agradou da ideia do programa”.

Tirando esse, fiquei como operador [de outros programas] bastante tempo, acho que era a tarde inteira, mas na minha parte de operação era como se fosse um programa, o povo participava, ligava e pedia a música, eu botava no ar. Tinha parte das notícias e eu procurava curiosidades pra trazer pro público, notícias estranhas, curiosas, tinha a parte de horóscopo que era com Cláudia. Era um programa mais abrangente [...].

Os momentos de repressão que a rádio sofreu deixaram marcas negativas no imaginário da população local. Depois disso, para alguns, a participação na rádio passou a ser visto por suas famílias com certa ambigüidade, gerando atitudes que transitavam do controle a abertura. Assim, participar ou não na emissora era resultado de uma negociação familiar em que fatores positivos e negativos eram analisados. A respeito disso, Carlos comenta:

[...] Eles [os pais de Carlos] viam com um pé na frente e outro atrás. Claro, minha mãe, meu pai viu a diferença de como eu tava falando, de como eu tava me comportando porque mexeu muito com meu comportamento, eu era mais quieto e nessa época fiquei mais ativo, fiquei mais estudioso [...]. Ficou nessa coisa, um pé na frente e outro atrás, não eram contra, mas também não eram a favor, eles ficaram sempre no meio termo.

Carlos confessa ter permanecido na rádio até bem pouco tempo antes de ser tirada do ar pela ANATEL e pela Polícia Federal e fala sobre o motivo de sua saída:

surgiu uma oportunidade pra mim e eu tive que sair, por que não batia com o horário. Foi um curso e trabalho, por que antes de entrar no trabalho tinha que fazer esse curso que era de tarde e era uma coisa bem difícil de conseguir. Era um curso de computação, mas pra dar aula, como eu to dando aula hoje. Hoje, eu to refazendo esse curso como se fosse uma atualização, por que no mundo da informática sempre se renova a cada segundo, a cada instante tem uma coisa nova. [Grifo nosso].

Percebemos neste relato trajetórias diferenciadas fruto de escolhas que se dão a partir de afinidades que envolvem gostos, sentimentos e interesses ou a necessidade do trabalho. No caso de Carlos, a oportunidade de trabalhar e de ter sua autonomia o distanciou da rádio, embora admita que: a “Diversidade fez e faz parte da minha vida, é uma coisa de que eu não me arrependo em nada”.

Carlos se refere ao tempo em que esteve na emissora como uma fase, um capítulo de sua vida que, embora breve, trouxe-lhe algumas descobertas:

[...] “A minha história dentro da rádio foi... claro, a estória sempre tem vários capítulos, mas naquele época quando eu tava mais presente foi um capítulo muito bom da minha vida que sempre eu vou lembrar com muito carinho, com muita alegria. É, uma coisa que... foi uma fase de descobrimento, eu descobri um pouco mais de mim, coisas que eu não sabia que eu era capaz de fazer, não era capaz de agir, não era capaz de viver eu vivi aqui na rádio. Me fez ver algumas coisas com outros olhos...”.

Para Carlos, a experiência da "prática do radialismo" foi também um momento de auto-conhecimento e descoberta das próprias habilidades como: aprender “a lidar com o público, perder um pouco da minha timidez” e “...lidar com as pessoas [...]”. Além disso, através da rádio pode ampliar seu círculo de amizades: “ate hoje tem alguns amigos meus que eu conheci através da rádio, que escutavam em Cruz da Armas, Oitizeiro, Jardim Planalto, Água Fria [e] Valentina”.

O exemplo de Carlos, assim como o de Daniela, parece ilustrar bem a importância do trabalho e da independência financeira para a vida pessoal. Agarrar a “oportunidade” quando ela surge parece ser uma regra em tempos de escassez de emprego. É também uma marca da juventude de origem popular que não vivencia o período juvenil como uma “moratória”, como um tempo de preparação para a vida adulta.

Assim, estes exemplos mostram que os fios que mantêm os sujeitos presos aos movimentos parecem não resistir a estas oportunidades, uma vez que no próprio movimento também não há garantias. Além do mais, a necessidade do trabalho torna mais difusa outras experiências no campo da cultura e da educação.

Andréa

Andréa tem 26 anos e é cunhada de Sérgio. Terminou o Ensino Médio e exercia a função de secretária na rádio cuidando das atas de reuniões e de toda a papelada da programação. Além disso, fazia parte da diretoria da rádio.

A participação de Andréa na Diversidade foi de grande importância uma vez que, através de sua função, foi possível juntar uma documentação que registra a memória escrita da rádio (atas, programas, datas, eventos etc.), além de sua participação nas mobilizações da emissora. Sobre isto ela relata:

Bem, eu era uma das diretoras da rádio. Pode ser considerado, né? Que eu era do grupo da diretoria. Mas, assim, eu fazia mais o papel de secretária. Fora isso,

também, a gente tava sempre em campanha, esses negócio a gente tava dentro... assim, onde a rádio estava a gente tava junto. Sempre que tinha algum evento... a gente como rádio participava de reuniões, a gente tava sempre... como a gente queria tornar ela real, legalizar, então a gente tava sempre fazendo evento, querendo mostrar, fórum, datas comemorativas. Tudo que fosse negócio da rádio a gente tava fazendo, independente de ser secretária, ser diretora. Como colaboradora também, né?

Independente de sua função Andréa estava disposta a colaborar. Em sua fala, ela deixa transparecer uma adesão emocional ao projeto da rádio, algo não muito comum entre os outros jovens.

Alguns acontecimentos na vida dos jovens possuem um valor maior que, por sua vez, marcam e funcionam como um momento de transição em suas trajetórias. O motivo do distanciamento de Andréa das atividades da rádio está ligado a um fato desta natureza. A sua gravidez marcou a passagem da juventude à vida adulta e daí em diante o projeto da rádio ficaria em segundo plano.

Isto demarca também, aqui neste trabalho, uma diferença nas trajetórias juvenis que apontam para uma questão de gênero. Ser adulto, casado e ter um filho são acontecimentos vivenciados de forma distinta entre homens e mulheres. No caso de Andréa, isto representou uma ruptura entre juventude (tempo livre e oportunidades de experimentação) e a vida adulta (responsabilidade e vida privada).

Isto fica claro no seguinte depoimento: “há uns tempos atrás tinha a rádio, né? A rádio e só aqui em casa, dava aula de reforço. Mas só que há uns dois anos atrás mudou tudo, eu me mudei... aí e agora o bebê... eu to bem afastada da rádio”.

Hoje, ao lembrar sua passagem pela Diversidade, Andréa parece tem uma percepção mais realista do destino da emissora. Ao ser questionada se ela participou porque acreditava na rádio ela afirma:

com certeza [...] acreditava que ia dar certo. Mas acreditava que ia ser bem rápido, né? Bem rápido e não assim demorar. A gente quando ta querendo, querendo, querendo... a gente nunca pensa que vai demorar tanto, vai ser agora. Tinha essa ilusão. Não... a ilusão assim de que vai acontecer agora, a gente ta participando e vai ser agora, do jeito que a gente quer e não do jeito que é na real, né?

De toda forma, Andréa afirma que, na época, isto não era motivo para desânimo: “[Isto] animava mais a gente. É tanto que se uma pessoa dissesse ‘não rapaz isso é besteira, isso é um serviço que’... assim, porque muita gente dizia e agente não acreditava nisso, né? Tão focado naquilo e tão ligado naquilo, pra gente não tinha... um não”.

Este entusiasmo com as atividades da rádio, na época, era um reflexo de um grupo unido em torno de um ideal de uma rádio comunitária para o bairro. Andréa, como uma das pessoas ligadas a diretoria, certamente se alimentava da esperança de que esse sonho/projeto se realizasse. De certa forma, se não todos, pelo menos aqueles que faziam parte da direção da emissora, precisavam deixar transparecer essa fé, essa esperança de que, no final, tudo vai dar certo.

Andréa admite que a experiência com a rádio foi positiva, no entanto, o fato de ter sido “pega de surpresa” pelo imprevisto mudou o rumo de sua vida:

Assim, a pessoa ganha alguns conhecimentos, né? Pra quem quer levar pra si, tem alguma forma que a pessoa vê assim com mais clareza do que quem não tem uma participação assim, né? Mas, atualmente ta meio parado. **Por que minha vida agora ta meio parada, né? Dona de casa...** [...] Se minha vida não tivesse mudado tanto, né? Se eu ainda tivesse aqui, taria do mesmo... acho que estaria dentro da rádio também. [...] Faz tempo que a gente ta afastada, mas quando a gente tava dentro tudo era motivo de orgulho e de alegria. Agora realmente eu tô muito afastada, eu nem sei a que pés anda, como é que ta a rádio. A minha vida ta tão parada nesse momento que... (trecho da fala incompreensível). [Grifo nosso].

Há na fala de Andréa uma nostalgia do tempo da rádio que acreditamos ser devido a seu apego emocional a emissora⁷⁶. Isto está ligado também a um corte que separa a vida pública e animada (espaço da rádio) da vida privada (reclusão e sem movimento).

Leandro

Leandro tem 24 anos e é um dos mais novos integrantes da rádio. Atualmente trabalha numa empresa montando transformadores de grande porte. Na emissora, apresenta o programa romântico “Amor 40 graus” no horário da noite.

Leandro, apesar de saber da existência da rádio no bairro, manteve durante muito tempo uma distância de suas atividades e confessa que não a via com bons olhos:

Eu entrei na rádio agora a pouco, pra fazer o programa não faz nem dois meses. Mas que eu conheço ela faz um tempão do caramba e eu nem dava valor a esse negócio não, não vou mentir... Pra você ver como é a mente de cada um que muda, eu achava um negócio de caba abestalhado da porra esse negócio de caixinha, na época que nem era FM, se fosse em FM eu ficava calado. E aí quando foi pra FM eu não escutava; uma vez perdida... Aí eu comecei a pegar amizade aqui [...] aí quando foi um dia conversando a gente inventou de fazer um programa [...].

⁷⁶ Isto fica claro também no zelo e no trato com a documentação da rádio organizada por Andréa. (Por seu volume, inviável de reproduzirmos aqui).

Com o tempo, Leandro foi mudando sua opinião sobre a rádio e o trabalho desenvolvido através dela no bairro: “os interesses da rádio é uma coisa muito boa, ela busca muita melhoria pra comunidade”. E completa:

Pra você falar de uma coisa sem estar dentro, participando você realmente vê os outros [de forma] diferente, né? Quando eu entrei na rádio e comecei só escutar sem participar eu comecei a pensar diferente daquilo que eu pensava. Como assim? Eu pensava mesmo: Sérgio vai atrás de amigo cultural com certeza ele dá um tapa [fica com o dinheiro], eu pensava isso, né? Eu não vou mentir... [...] Só que é um dinheiro revertido pra rádio. Aí eu comecei a mudar meu pensamento, comecei a ver direitinho...

Leandro confessa estar satisfeito, pois, segundo ele, “você fala o que você pensa e o que você acha, o que ta na mente”. A possibilidade de poder falar para um público grande e anônimo, além da possibilidade de mexer com a opinião pública, parece ser um dos grandes atrativos da rádio para Leandro: “você pode falar em casa, mas ninguém vai ouvir”. “[...] [assim] como a televisão é uma formadora de opinião, a rádio também é pra quem ouve, ela muda”.

Leandro se mostra fascinado com a rádio e com a possibilidade dela de ampliação da experiência da comunicação além da capacidade de influenciar pessoas. A estratégia da direção da Diversidade em colocar a programação da emissora na internet, abriu um outro canal a ser explorado. Ao se renovar, o quadro de pessoas interessadas na novidade aumenta, ampliando os meios de intervenção da rádio no espaço público.

No entanto, Leandro parece se identificar mais com a profissão e com a prática radialística do que com o projeto comunitário:

Quando eu comecei a fazer o programa... meu irmão, é massa demais! Você poder falar assim de repente... assim, se expressar, pô. [...] porque pra mim é diversão você fazer, você falar, ficar lá no MSN e as meninas pedindo músicas e mandando um abraço pra fulano, pra sicrano do Rio de Janeiro, de São Paulo, não sei de onde... é massa, pô. É uma situação diferente. [...] Eu pretendo me focar mais ainda nessa rádio... pretendo também outra, né? Não sei se rádios comerciais ou não, mas meu pensamento primeiro é aqui na comunitária [...].

Leandro se mostra indeciso entre a opção comunitária e a comercial. Talvez o tempo e a convivência na rádio não tenha sido suficiente para definir sua opção entre as duas ou, até mesmo uma terceira. De toda forma, a sua fala revela uma identificação com a profissão de radialista que vêm se desenvolvendo ao longo de sua prática na rádio. Mas, ao mesmo

tempo, segue experimentando sem se preocupar com uma “coerência biográfica” e isto pode representar, na formação de sua identidade, identificações temporárias e flutuantes que, como afirma Bauman (2001, p. 96) “são para usar e exibir, não para armazenar e manter”.

Parece-nos que Leandro assumiu uma identidade de radialista, mas não de radialista comunitário. Este processo de assumir ou não a qualidade de um comunicador do bairro vai depender de uma série de fatores tanto subjetivos, que dizem respeito a interesses pessoais; quanto objetivos, que dizem respeito aos interesses do movimento.

4.4 – Teoria e pesquisa de campo: observações gerais

Após dispormos os discursos teóricos sobre a identidade e os dados da pesquisa de campo, chegamos agora neste terceiro e último momento em que serão feitas algumas observações gerais sobre a pesquisa desenvolvida.

A primeira delas diz respeito a uma gradativa desconstrução de nossa hipótese inicial. No início desta pesquisa, tínhamos como questão norteadora a ideia de que, ao participar do projeto de consolidação de uma rádio comunitária dentro do bairro Jardim Veneza – que também está inserido dentro do movimento de rádios comunitárias de João Pessoa – haveria uma tendência maior para que jovens desse mesmo bairro, envolvidos com a rádio, pautassem suas trajetórias de vida pelos referenciais culturais desse movimento. Desta forma, características como a solidariedade, a união, o compromisso, a valorização do local, uma visão politizada entre outros comporiam o leque de traços característicos dos sujeitos envolvidos com a comunicação comunitária.

A pesquisa de campo nos mostrou que isto não se observa nos relatos da maioria dos jovens. De forma geral, há aqui dois tipos de experiência com a rádio: a primeira, chamamos de “experiência do engajamento” e a segunda, “experiência da prática radialística”. Estas duas categorias são, na verdade, simplificações de vivências bem mais complexas com a emissora e com o movimento de Radcom. No entanto, elas têm uma função mais didática, no sentido de nos servirem para se pensar a diversidade de experiências dos jovens com a rádio, do que propriamente esgotar estas experiências em terminologias.

De forma geral, há na fala dos jovens entrevistados uma referência aos valores da comunidade, à necessidade de união etc. No entanto, nem todos se identificaram com o movimento de rádios comunitárias.

Já nas falas de Sérgio e Alex observamos uma introjeção maior dos referenciais do movimento em suas personalidades. Isto os coloca no primeiro tipo de experiência que citamos acima uma vez que a relação deles com a emissora perdura até hoje.

Isto fica claro na fala de Alex quando afirma: “meu pensamento é terminar o terceiro ano, fazer radialismo na Universidade”. Vê-se aqui uma coerência e uma continuidade em relação a sua atividade na rádio. Por sua vez, Sérgio se mostra confiante no poder de intervenção e de mudança que a rádio pode causar no bairro e da força da comunicação como ferramenta de poder e de emancipação para os moradores locais. Para ele “[...] a rádio tem um papel super importante por que você imagina uma rádio numa periferia, num local e a vida que ela dá naquela localidade”.

A insistência no projeto da rádio mostra também a necessidade do movimento de Radcom alcançar seu objetivo de uma comunicação plural. Uma vez que vivemos em uma sociedade que ainda há resistência a igualdade de participação de algumas demandas sociais – como o movimento de rádio comunitárias⁷⁷ – o tipo de política travada na esfera pública corresponderia ao que Giddens (2002) vai chamar de “política de emancipação”, ou seja, uma luta pela redução (ou eliminação) da desigualdade e da opressão na sociedade.

Por outro lado, a necessidade de lutar por políticas emancipatórias não exclui a política de vida no movimento de Radcom. Sérgio e Alex, desenvolvem as atividades na rádio a partir de um auto questionamento de suas ações e reelaboração de outras num projeto de um eu reflexivo. Isto tem implicações em suas trajetórias uma vez que, procurar concretizar o projeto emancipatório e o projeto de vida, vai implicar uma maior disposição de tempo.

Em relação aos outros entrevistados, observamos um desprendimento que os desligam de um tipo de compromisso mais firme e duradouro. Estes, mesmo tomando parte das demandas do movimento do qual a rádio está inserida e compartilhando de seus momentos de solidariedade, lutas e conquistas, mantiveram laços mais estreitos e estavam mais abertos para outras experiências. Caracterizam-se assim como um grupo de jovens com identidades “flutuantes”, conseqüência de um impulso que os movem por diferentes identificações ao longo de suas trajetórias.

⁷⁷ Podemos citar ainda o MST, movimento negro entre outros.

O caso de Augusto ilustra bem esta condição. Mesmo tendo participado, junto com seu irmão, Alex, de movimentos sociais que atuaram no bairro antes e durante o período em que a rádio esteve no ar, Augusto preferiu privilegiar outras atividades como o teatro e o futebol, além de seu trabalho. Desta forma, o seu tempo “ficou um tempo meio cheio”.

As formas como os jovens organizam seu cotidiano a partir do tempo foi uma das preocupações de Melucci. O autor chama atenção para a questão do tempo (presente), do agora. Para ele (1996, pp. 8-9), que está interessado em discutir como se dá a vivência do tempo pelos jovens, "a maneira como a experiência do tempo é vivenciada vai depender de fatores cognitivos, emocionais e motivacionais os quais governam o modo como o indivíduo organiza o seu 'estar na terra'".

A maneira como este tempo é vivenciado é que vai definir como o indivíduo (jovem) organiza sua própria biografia e identidade. Desta maneira, declara Melucci (1996, p.09), "a biografia dos dias de hoje tornou-se menos previsível, e os projetos de vida passaram mais do que nunca a depender da escolha autônoma do indivíduo".

Para o autor (1996, p.9), a forma como os jovens constroem sua experiência no plano do cotidiano é cada vez mais fragmentada. "Nesse sentido, a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se 'ter' e mais algo para se 'fazer'".

Assim, ao ser questionado sobre o futuro, Augusto parece não incluir a rádio em seus projetos: “Penso em grandes realizações, né? [...] crescer em seu trabalho e também se desenvolver melhor, ter uma formação, ter seu sustento e sua vida pessoal, assim... um projeto grande, um projeto futuro de poder crescer e trabalhar melhor”.

Permanecer na rádio (e no movimento) doando seu tempo livre vai depender de uma série de fatores, entre eles o emocional e o motivacional. Mas, pelo que pudemos observar, nenhum desses fatores parecem ser suficientes quando o assunto é trabalho. A necessidade de trabalho se mostrou um forte atrativo para os jovens abordados nesta pesquisa. Assim, temos o exemplo de Carlos que, quando “surgiu uma oportunidade” não pensou duas vezes. Também poderíamos encaixar aqui a trajetória de Augusto e Daniela que optaram por seus empregos, embora não descartem apoiar e ajudar a rádio no que for preciso.

As diferentes trajetórias dos jovens estudados correspondem às diferentes “marcas” da experiência da rádio na identidade. É desta forma que para uns a questão política que envolve o movimento marcou mais; já para outros, a experiência de ser um radialista se

mostra mais atrativa; e ainda temos aqueles (a maioria dos jovens entrevistados) que destacam a aquisição de habilidades na linguagem e maior desenvoltura depois de vivenciar as atividades da rádio.

Os acontecimentos exteriores a rádio também marcam as trajetórias dos jovens aqui estudados. A gravidez, e o casamento (não necessariamente nesta ordem) vão implicar uma outra forma de ser; uma passagem para a vida adulta que tem como consequência a experiência de um outro tempo/ritmo de vida vivenciado, muitas vezes, de forma diferente entre o homem e a mulher. Por sua vez, a família, segundo Setton (2005, p.345), se apresenta como “espaço de afeto [e] espaço privado”. O cuidado com o outro, pressupõe a negociação de algumas condutas de um dos membros da família com o restante.

Embora nem sempre haja uma identificação direta com o projeto da rádio, podemos afirmar que a experiência com a emissora marcou de alguma forma a personalidade daqueles que por ela passaram.

Bauman (2005, p.17) sustenta que o pertencimento e a identidade nos dias atuais não possuem “a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. Desta forma, os jovens aqui abordados demonstram estar à vontade para transitar por entre grupos e mais abertos para outras oportunidades. Enquanto isso vão ocupando seu tempo com o que está mais próximo e com o sentimento de que estão livres para outros compromissos.

No mundo de hoje, a “cola” que faz com que os sujeitos se sintam ligados a algum movimento talvez seja a sua liberdade de ir e vir. Se comprometer ou não se torna uma decisão pessoal e que está ligada às motivações individuais. Este fato parece-nos, é o que dá a coesão do movimento. Embora contraditória, esta ideia está baseada no fluxo de diferentes pessoas que passam pela rádio (bem como o movimento de Radcom) e que, neste ir e vir, vão contribuindo à sua maneira e de acordo com flexibilidade interna do grupo.

No que diz respeito a este ponto, não podemos esquecer as relações de dom e contradom envolvidas nesta afinidade dos jovens com a rádio e com o movimento de Radcom. Assim, Matos (2000) coloca a questão em outros termos:

A existência efetiva de uma RC está marcada por uma rede de solidariedade e um jogo de doações. Doações do tempo, do espaço, do trabalho, de equipamentos, que supomos, neste trabalho, poderem ser interpretados enquanto dádivas (p.78). Através da noção de dádiva, é possível pensar as organizações comunitárias não simplesmente como uma reação reflexa à política e à economia, mas enquanto

relações de solidariedade, que se estabelecem numa cadeia de dom e contradom nas associações comunitárias (p.82).

Não é estranho, dentro de qualquer movimento, que nesta relação de dar e receber uns se doem mais que outros. Assim, existem aqueles que estão mais a par das necessidades do movimento e pensando suas estratégias. Estas pessoas têm consciência da importância que é saber lidar com os “transeuntes” do movimento, do momento de cobrar e de deixar livre.

Na medida em que a ação social não é mais determinada apenas pelo sistema, como afirma Dubet, abre-se um espaço de autonomia em que o indivíduo toma para si as escolhas sobre como ele vai agir no mundo. Esta independência do sujeito tem impacto na sua subjetividade reconfigurando as antigas instâncias de ação, entre as quais a política.

Cabe aqui o que Giddens (2002) vai chamar de “política-vida”, termo que designa um estilo de agir/intervir politicamente que está mais em conformidade com o momento atual. Assim, a questão passa a ser: “o que é que eu quero pra mim?” (política-vida); e não “contra o que (ou a favor do que) vamos lutar?” (política emancipatória).

Desta forma, a política-vida, segundo Giddens (*idem*, p.197), “refere-se a questões políticas que fluem a partir de processos de auto-realização em contextos pós-tradicionais [...]”. Partindo deste referencial, parece-nos equivocada a afirmação de que estaríamos vivendo, na atualidade, relações destituídas de laços, relações sem compromissos em que a questão política está ausente.

Por outro lado, as relações de socialidade estabelecidas pelos jovens aqui estudados oscilam entre o compromisso e o descompromisso, a diversão e a seriedade de forma que muitos se sentem à vontade com a rádio, mas nem todos estão predispostos a aderir ao seu projeto.

Foi assim que, no conjunto dos jovens entrevistados, apenas dois desenvolveram uma identificação com o movimento de Radcom. Já para as duas jovens, a experiência com a rádio marcou um alargamento da sua vivência, ocasionando uma entrada na esfera pública local; além de uma identificação com a comunidade, mediada pela experiência com a rádio.

Um dos jovens identificou-se com a profissão de radialista e os outros dois relataram a importância da rádio, mas não se identificaram com ela, aproveitando a oportunidade (e a necessidade) do emprego. Assim, de maneira geral, todos foram marcados, de formas diversas, pela experiência com a rádio.

É Juárez Dayrell (2003) quem propõe uma noção de juventude enfatizando que não há um único modo de ser jovem. Prefere pensar a juventude no plural para destacar a existência das diversas maneiras de ser da juventude.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003, p.42).

Dayrell nos ajuda a pensar as diferentes trajetórias dos sujeitos estudados neste trabalho. Ao ressaltar o jovem como “sujeito social”, o autor (2003, pp.43-44) chama a atenção para o processo em que cada jovem “vai se construindo e sendo construído como sujeito”. Sendo assim, não seria errado afirmar que em todos os entrevistados há uma reflexividade sobre as próprias escolhas.

De toda forma, podemos ver o movimento de Radcom e a rádio como um espaço de experiência que marca a identidade dos jovens, embora atualmente nem todos continuem ligados a ela. Assim, é preciso estar atento a complexidade da vida cotidiana em que, como sugere Barbero (2008), novas sensibilidades correspondem a novas sociabilidades.

Considerações finais

Neste trabalho, nos propomos investigar em que medida o envolvimento de jovens com a rádio comunitária de seu bairro – e com o movimento de Radcom a qual esta pertence – poderia fornecer elementos para a formação da identidade cultural destes jovens.

Para responder esta questão foi preciso que estivéssemos atentos, principalmente, as relações de socialidades, o uso do tempo livre, aspirações e projetos de vida que são projetados no dia-a-dia desses jovens. Assim, a forma como organizam o seu “estar na terra”, suas preferências e anseios foram elementos importantes no processo de compreensão da questão aqui proposta. Desta forma, a ação dos sujeitos foi o foco a partir do qual se desenvolveu a pesquisa. Entendemos a ação dos sujeitos, ou seja, a interação no

contexto da vida cotidiana como um processo interativo de construção do meio social em que vivem e que, por sua vez, tem reflexo na área dos valores constituintes de suas identidades sociais.

Por outro lado, pensar a condição da juventude nos dias atuais nos ajudou a entender como se configuram as relações de interação e socialidades juvenis em contextos urbanos na modernidade tardia. Neste sentido, a contribuição de Giddens (1991; 2002) sobre a atual configuração social, a partir da articulação dos três elementos transformadores da modernidade (espaço/tempo, desencaixe/reencaixe e a reflexividade), foi importante para podermos entender como se estabelecem as relações no mundo atual.

Assim, o global e o local se interligam mediados e penetrados pela influência da mídia no cotidiano urbano. A cidade surge como um espaço privilegiado de troca de experiências aonde os grupos e galeras “se batem” e estabelecem relações a partir de gostos em comum que se dão no consumo, no lazer, nos encontros e desencontros que a cidade permite.

Diante deste cenário, o bairro – no nosso caso o Jardim Veneza – delimita o espaço de intervenção dos jovens a partir de sua rádio, a Diversidade. Uma rádio comunitária, quando funciona como uma verdadeira rádio comunitária, incluindo os diversos seguimentos do bairro, possibilita a chance de uma comunicação mais participativa e preocupada com as questões e interesses locais. Ao tomar contato com suas atividades, necessariamente as pessoas envolvidas neste ideal de comunicação vão também, cedo ou tarde, conhecer suas carências e reconhecer a necessidade de se organizar para supri-las.

Apesar de todos os jovens entrevistados reconhecerem que suas experiências com a rádio foram positivas e que lhes trouxeram alguns benefícios, ficou claro em nossa pesquisa que nem todos estão dispostos a se engajarem em prol de suas demandas. Assim, observamos graus diferenciados de envolvimento e trajetórias de vida em que uns se doam mais que outros na concretização do sonho de uma rádio comunitária para o bairro. Diversos fatores vão contribuir para uma maior aproximação ou distanciamento dos jovens em relação aos objetivos da rádio.

Desta forma, o que esta pesquisa parece indicar é que, no contexto da sociedade atual, é possível perceber uma maior flexibilização na maneira como os jovens se relacionam em grupos e movimentos dos quais fazem parte. Há uma diversidade de escolhas possíveis que atravessam seus interesses. Assim, a maneira como lidar com esses diferentes

interesses é que vai decidir a sua permanência e atuação na(s) esfera(s) de reivindicação do espaço público.

Para nós, a luta pela comunicação comunitária realinha um desejo de emancipação não só do movimento, mas do sujeito inserido nele. Identificar-se ou não com esse duplo aspecto pode depender de fatores cognitivos, emocionais e motivacionais que são valorizados de forma distinta pelos indivíduos.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Escrita, 1994. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ANDRIOTTI, Cristiane Dias. **O movimento das Rádios Livres e Comunitárias e a democratização dos meios de comunicação no Brasil**. Dissertação de mestrado, USP, mimeo, 2004. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/media/2004/05/281593.doc>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-0702005000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Mar. 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BARBERO, Jesus Martín. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividade entre jovens**. In: BORELLI, Silvia H. S.; FILHO, João Freire. *Cultura juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

BAHIA, Lílian Mourão. **Rádios comunitárias: mobilização social e cidadania na reconfiguração da esfera pública**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da Modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. **Obras estéticas: filosofia da imaginação criadora**. Tradução de Edílson Darci Heldt. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p. 83-84.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes. 1983.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. pp.693-732. In: **A miséria do mundo**. Pierre Bourdieu et. Al. (Org) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BERTRAND, Lira. **No ar: as pequenas notáveis! A experiência de rádios livres no Brasil**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 1998.

COELHO NETO, Armando. **Rádio comunitária não é crime. O direito de antena: o espectro eletromagnético como um bem difuso**. São Paulo: Ícone, 2002.

CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade. A invasão dos bandos sub.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

COSTA, Marcia Regina. Os carecas de subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno. Petrópolis: Vozes, 1993.

CARDOSO, Ruth.C.L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: **A aventura antropológica: teoria e pesquisa.** Ruth C. L. Cardoso (org.) – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. pp. 95-105.

COGO, Denise Maria. **No ar... uma rádio comunitária.** São Paulo: Paulinas, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer** – 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude: as identidades são múltiplas. pp. 11-27. in: **Movimento.** Revista da faculdade de educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, RJ: DP&A Editora, N. 1, maio de 2000.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. pp. 17-37. In: **A aventura antropológica. Teoria e pesquisa.** Ruth C. L. Cardoso (org.) – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. pp. 17-34.

DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. - 11. ed. - São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: a disinstitucionalização. in: A realidade das escolas nas grandes metrópoles. QUINTEIRO, Jucirema (org.). Contemporaneidade e educação: revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Instituto de estudos da cultura e educação continuada (IEC). Ano III, nº 03, mar./98. Rio de Janeiro: IEC.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, Dez. 2003. Disponível em: [24782003000300004&lng=en&nrm=iso>](https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004). Acesso 10 Mai 2010. doi: 10.1590/S1413-24782003000300004.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Rio de Janeiro: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FILHO, João Freire; LEMOS, João Francisco de. Imperativos da conduta juvenil no século XXI: a "geração digital" na mídia impressa brasileira. in: Comunicação, Mídia e Consumo/Escola superior de Propaganda e Marketing. v.5, n. 13 (julho 2008) - São Paulo: ESPM, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis, Vozes. 1975.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Dualidade da estrutura: agência e estrutura.** Oeiras: Celta Editora, 2000.

_____. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo** – 4ª ed. – Editora: Vozes, Petrópolis, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos.** – 7ª ed. – São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor.** Tradução Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história** – 4ª ed. – São Paulo: Paz e terra, 1992.

IANNI, Octavio. **A sociedade global.** – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 2005.

LOPES, Cristiano Aguiar. **Política Pública de Radiodifusão Comunitária no Brasil - Exclusão como estratégia de contra-reforma.** Dissertação de mestrado, UNB, mimeo, 2005. Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/radcomfinal.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2009.

LIMA, Vinício A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LACLAU, Ernesto. **Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social.** Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_04.htm>. Acesso em: 12 Fev. 2009.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LIRA, Bertrand. **No ar: as pequenas notáveis! A experiência das rádios livres no Brasil.** João Pessoa: Marca da Fantasia/Editora Universitária/UFPB, 1998.

LAVILLE, Cristian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.

LANG, B.S.G.; AIRES, Lidia M.; SOUZA, M.R. A interação social no trabalho de campo. in: Narrativas de homens e mulheres em famílias de camponeses trabalhadores migrantes. Paper apresentado no X Encontro de CSNE. Salvador:2001. apud

MENEZES, Maria Aparecida. **História Oral: uma metodologia para o estudo da memória.** Revista Vivência. Natal – RN, n. 28, p. 23-36. 2005.

MEAD, George. **L'esprit, le soi et la société**. Paris, Puf. 1964.

MATOS, Teresa Cristina Furtado. **Rádios comunitárias: sintonia dissonante e "auto-imagem"**. Tese de Doutorado, UFC, mimeo, 2006.

_____. Memória e dádiva em uma rádio comunitária. Dissertação de Mestrado, UFPB, mimeo, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. in: Sujeito, o lado oculto do receptor. Mauro Wilton de Sousa (org.). São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. in: Culturas juvenis no século XXI/BORELLI, Silva H. S.; FILHO, João Freire (orgs.). São Paulo: EDUC, 2008.

MILSS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. pp. 173-205. In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. – V. 17, nº (novembro de 2005) – São Paulo, SP: USP, FFLCH, 1989.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. – Petrópolis, RJ:Vozes, 2001.

_____. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_03_ALBERTO_MELUCCI.pdf. Acesso: 26/02/2010.

MILSS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

MENEZES, Marilda Aparecida. História Oral: uma metodologia para o estudo da memória. **Revista Vivência**. Natal – RN, n. 28, p. 23-36. 2005.

NUNES, Marisa Aparecida Meliane. **Rádios Livres: O outro Lado da Voz do Brasil**. Dissertação de mestrado, USP, mimeo, 1995. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/03/249585.shtml>>. Acesso em: 14 jul. 2009.

NOVAIS, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. Pp. 105- 120. in: **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NETO, Armando Coelho. **Rádio comunitária não é crime, direito de antena: o espectro eletromagnético como bem difuso**. – São Paulo: Ícone, 2002.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1994.

PERUZZO, Cecília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. **"A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade"**. Tempo Social. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, v.5, n. 1-2, 1993, editado em 1994.

_____.(Org.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira : educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1** – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriojovem.org/sites/default/files/documentos/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual.pdf>

SANTOS, Regina Bega dos. **Movimentos sociais urbanos**. - São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo**. In: Juventude, Educação e Sociedade. Osmar Fávero, Paulo Carrano e Sonia M. Rummert (organizadores.) Movimento, Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: DP&A, n.1, maio de 2000, pp. 335-350.

THOMPSON, Jonh, B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PARSONS, Talcott. **"Papel e sistema social"**. In: _____. Homem e sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional, pp. 47-55. 1973a.

_____. **"A interação social"**. In: _____.Homem e sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional, pp. 56-59. 1973b.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1987

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

WAUTIER, Anne Marie. **Para uma Sociologia da experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet**. Sociologias, Porto Alegre, n. 9, Jan. 2003. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Mar.2010. doi: 10.1590/S1517-45222003000100007.

Anexos

Anexo 1

Mapa da cidade de João Pessoa



Anexo 2

Boletim Informativo da rádio Diversidade

Diretoria Executiva	Apoio	 <p>RADCOMDIVERSIDADE Rádio Comunitária DIVERSIDADE CNPJ - 07.877.794/0001 - 15 Rua Projetada, Qd. 520 Lt. 144/B 1 Andar - Lot. Jd. Verona Jardim Veneza, João Pessoa - CEP 58084 - 000 Telefone: 3262 - 7870 E-mails: comunitariadiversidade@bol.com.br comunitariadiversidade@oi.com.br</p>
Diretor Geral Marcelo Ricardo mr_marceloricardo@hotmail.com marceloricardo@oi.com.br	ABRACO - PB ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA Fundação: 06/07/2001 Rua: Evangelina Francisca Diniz, 628 - Jardim Luna	Boletim - Ano I - Nº 01 João Pessoa, Novembro de 2006
Diretor Adjunto Ricardson Dias ricardson_dias@hotmail.com ricardsondias@oi.com.br	AAMLVCC ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS E MOARADORES DOS LOTEAMENTOS JARDIM VERONA E CLOVIS GONDIM Fundação: 03/03/2002 Rua: Projetada Qd. 525 Lt. 194 - Lot. Clovis Gondim - Jardim Veneza	SURGIMENTO
Secretária Geral Márcia Evangelista marciaevangelista@oi.com.br	CMRC CASA DA MULHER RENASCE COMPANHEIRAS Fundação: 16/10/2001 Rua: Padre José de Anchieta, 190 - Jardim Veneza	Para que se possa compreender o surgimento da Rádio Comunitária DIVERSIDADE é necessário analisar duas rádios que se entrelaçaram...
Diretora de Operações e Patrimônio Danielle Evangelista beladanidanielle@hotmail.com.br	APSC ASSOCIAÇÃO DE PROMOÇÃO SÓCIO CULTURAL DA COMUNIDADE DOS BAIRROS DOS NOVAIS Fundação: 29/09/2003 Rua: Professor Cândido de Sá Andrade, 138 - Bairro dos Novais	De um lado, o sistema VV;
Diretor de Cultura e Comunicação Social Marcos Lima Junior marcos_limajunior@yahoo.com.br	ACIV ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO JARDIM VENEZA Fundação: 16/02/1986 Rua: Martinho Lutero, S/n - Jardim Veneza	Do outro, a Rádio Atitude Jovem.
Conselho Comunitário	ASCOTEL ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DAS TRÊS LAGOAS Fundação: 14/09/1991 Rua: Da Mangueira, 799 - Comunidade das Três Lagoas - Jardim Veneza	Duas realidades, duas histórias e uma única idéia de melhorar a vida de todas as comunidades.
Antonio José Célia Maria Ricardo David Evangelista Josenildo da Silva Maria da Penha Maria Lucia Rosângela Silva Rosinaiva Souza Pedro José	ABTL ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DAS TRÊS LAGOAS Rua: Da Mangueira, Comunidade das Três Lagoas - Jardim Veneza	O Sistema VV "A Voz do Verona" fundada em 2000, por Marcelo Ricardo e Vandoiz Tavares inicialmente para se divertirem, essa brincadeira foi se espalhando e tomando conta da comunidade e o Sistema VV se tornou parte da vida de todos os moradores.
Conselho Fundador	Produção	A Rádio Atitude Jovem também surgiu na mesma época como parte de um projeto social que era desenvolvido na comunidade com um grupo de jovens que tinha a frente Ricardson Dias, mas por vários problemas não conseguia funcionar todos os dias mas todos que acompanhavam a história torciam para que ela crescesse.
Lindomar Martins Luiz Araújo Reinaldo Rosendo Danielle Souza Reinaldo Luis Tonnyberg Barbosa		Apesar de toda vontade nenhuma das rádios conseguia atingir toda comunidade, porém os comentários rolavam e as duas histórias acabaram se cruzando, notando - se que as idéias eram as mesmas decidiram fazer uma parceria e transmitir seus programas em rede espalhando suas idéias por todo Jardim Veneza.

O MISTURADO MAIS PURO DAS COMUNIDADES É A MISTURA. VOCÊ JÁ PAROU PRA PENSAR NISSO? CORES, RAÇAS, CRENÇAS E DIFERENÇAS... QUANTO MAIS A GENTE SE MULTIPLICA, MAS SE TORNA ALGO SINGULAR. PARA ENTENDER MELHOR, FIQUE LIGADO NA SUA RÁDIO COMUNITÁRIA. PORQUE AQUI TEM "DIVERSIDADE CULTURAL"

DOMINGO *

07:00 - No Fundo do Baú
09:00 - Domingo no Brega
13:00 - Mensagem de Fé
18:00 - Maria Semeando Paz entre as Famílias

19:00 - Espaço Rap & do Hip-Hop

SEGUNDA-FEIRA *

05:00 - Aqui tocar MPB
07:00 - Música e Informação
11:30 - VV Esporte
12:00 - Música e Informação
16:30 - Espaço Criança
18:00 - Maria Semeando Paz entre as Famílias

19:00 - A Voz do Brasil

20:00 - Forró do Meu Povão

21:00 - World Music

TERÇA-FEIRA *

05:00 - Amanhecer Sertanejo
07:00 - No Fundo do Baú
08:00 - Música e Informação
12:00 - Música e Informação
16:00 - Deus é Dez
18:00 - Maria Semeando Paz entre as Famílias

19:00 - A Voz do Brasil

21:00 - World Music

QUARTA-FEIRA *

05:00 - Aqui tocar viola
09:00 - A Paraíba e sua Música
07:00 - Música e Informação
16:00 - Quartas Culturais
18:00 - Maria Semeando Paz entre as Famílias
20:00 - Novas de Alegria

QUINTA-FEIRA *

05:00 - Aqui tocar Forró
07:00 - No Fundo do Baú
08:00 - Música e Informação
09:30 - Informativo BDI Folia
11:30 - VV Esporte
12:00 - Música e Informação
16:00 - Deus é Dez
18:00 - Maria Semeando Paz entre as Famílias

19:00 - A Voz do Brasil

20:00 - Música e Informação

SEXTA-FEIRA *

05:00 - Aqui tocar Forró Pé de Serra

07:00 - Música e Informação

18:00 - Maria Semeando Paz entre as Famílias

19:00 - A Voz do Brasil

20:00 - Forró do Meu Povão

SÁBADO *

07:00 - No Fundo do Baú

09:00 - VV Esporte

12:00 - Boletim Informativo

15:00 - Tarde de Louvor

18:00 - Maria Semeando Paz entre as Famílias

19:00 - Multicultura

***BATE-PAPO NA MESA REDONDA**



Nossa Rádio esta no AR

Para muitos é só um sonho mas para quem a faz é muito mais que isso, cada luta nos torna forte o bastante para não desistir, a vitória esta aí! bem clara, todos os dias, vitória essa que conseguimos para mostrar que não passa só de um sonho (uma Utopia).

- Marcelo Ricardo Ricardo Dias Danielle Evangelista Márcia Evangelista
- Marcos de Lima Jr. Rosinalva Souza Célia Maria Ricardo Maria da Penha
- David Evangelista Luiz Antônio Reinaldo Luiz Reinaldo Rosendo
- Roberto Coutinho Ramonilson Dias Pedro José Juscelino Moreira
- Marcos Vinicius Ítalo Eduardo Joelilson Joeide Martiniano Jacinto José
- Dimas da Silva Sebastião Alexandre Antônia Freire Ismael Fernandes
- Maricélio de Lima Sildério Carvalho Lindomar Martins Danielle Souza
- Josué da Silva Adailton Henrique Francisco Soares Vandoiz Tavares
- Reginaldo Ribeiro Richardson Dias Carlos de Lima Aluzio Francisco
- Lenilton Santos Daniel Luiz Gilmar Firmino Júlio Galdino Creuza Alves
- José Andrade Maria José Silva Mariza Maria Cardoso Murilo Inocencio
- Ivonary Santana Ivan de Melo Josineide Caetano Maria José da Conceição
- Gabriel Carneiro Otacilio Alonso Domingos do Nascimento José Aveino
- José Jacson Pedro Gama João Fernandes Edgar da Silva José Soares
- Alexandro Soares Ialdo Rosendo Tonnyberg Barbosa Erik Roberto
- José Cabral Maria Margarida Danilo Albuquerque David da Silva
- Flávia Alves José Pereira Josenildo da Silva Rosângela Silva

FINALIDADE

- *Executar serviço de Radiodifusão Comunitária;
- *Contribuir com a luta pela democratização dos meios de comunicação, pela democratização da informação e pela institucionalização do Direito de Comunicar;
- *Ter voz para denúncias fundamentadas no que tange ao interesse de toda a comunidade;
- *Prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;
- *Coletar, pesquisar, elaborar e divulgar, informações de cunho político, social, econômico, científico e desportivo, relacionados às comunidades e de seu interesse;
- *Promover continuamente o debate objetivando o avanço dos projetos comunitários;
- *Articular as comunidades promovendo ações que estimulem a união nas lutas por melhorias comunitárias;
- *Denunciar a prática de violação dos direitos humanos contra aos moradores das comunidades
- *Defender todos os direitos do cidadão contidos legislação do país.

Amigos Culturais

- Bicicletaria São Pedro
- Mercadinho Laerte
- Salão do Beto
- Brit's Bar
- Thunder Cat
- Magai Moveis
- MR-Playstation
- Naldo do Bode
- Sacolão do João
- Barraca do Sr Oliveira
- Industria do Gesso 3 Irmãos
- Frigorífico e Hort-fruti São José
- Depósito de bebida 3 Irmãs
- Mercadinho Bom Jesus
- Sorveteria do Emerson
- Quardiões Noturno

96.7 RADIO COMUNITÁRIA DIVERSIDADE QUE LEGAL SEJA NOSSO AMIGO CULTURAL 3 2 6 2 - 7 8 7 0

Anexo 3

Jornal do Fórum Metropolitano de Comunicação


FÓRUM METROPOLITANO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA
Sintonia Cidadã

João Pessoa-PB, maio de 2006 - Ano I - Nº 04



Nova diretoria da ABRAÇO-PB, eleita no 3º Congresso, por aclamação

Congresso da Abraço-PB discute organização do movimento de rádios comunitárias

A atual conjuntura e formas de avançar o movimento foram discutidos no 3º Congresso da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária – ABRAÇO-PB – realizado no dia 18 de maio, na Assembléia Legislativa da Paraíba. No encontro, também foi escolhida a nova diretoria da entidade.

O Congresso teve a participação de todas as rádios comunitárias

da grande João Pessoa e representantes de outros municípios, além de um observador da ABRAÇO-PE, radialista Napoleão de Assunção. O deputado estadual Rodrigo Soares e o vereador Flávio Eduardo Fuba também estiveram presentes.

Ao final, a plenária escolheu delegados para o encontro nacional da ABRAÇO e elegeu representantes

das micro-regiões, para compor o Conselho Deliberativo, dando posse à nova diretoria.

O encontro teve o apoio da Associação Amazona, mandatos dos deputados Rodrigo Soares e Luiz Couto, além do vereador Flávio Eduardo Fuba, Assembléia Legislativa, Sebo Cultural e Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Deputado propõe formação de frente parlamentar

O deputado estadual Rodrigo Soares (PT) sugeriu aos militantes do movimento de rádios na Paraíba o investimento na formação da Frente Parlamentar de Apoio às Rádios Comunitárias, para fortalecer o direito à comunicação na Paraíba.

Segundo Rodrigo Soares, a frente parlamentar será uma instância de articulação política em torno da proposta de apoio às rádios

populares, independentemente de filiação partidária. "Tenho compromisso com essa luta, e ofereço-me para levar para o debate na Assembléia Legislativa essa pauta que é essencial para a cidadania", afirmou o deputado.

O Congresso da Abraço concordou com a data de 15 de junho, proposta pelo deputado Rodrigo Soares, para a sessão especial de lançamento da Frente.



Deputado Rodrigo Soares

Anexo 4

Folder da CONFECOM-JP

Mantenha a cidade limpa! Não jogue este impresso em via pública.

viverem, comunicam e relacionam-se. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza.

viverem, comunicam e relacionam-se. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza.

viverem, comunicam e relacionam-se. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza. A cultura é o resultado da interação entre a sociedade e a natureza.

7^a CONFECOM-JP

Conferência de Comunicação da
Cidade de João Pessoa

16 e 17 de outubro de 2009 – Hotel Littoral

Tema Geral:

“Comunicação: meios para a construção de direitos e de cidadania na era digital”

Tema Geral: Comunicação e Cidadania. A comunicação é o meio para a construção de direitos e de cidadania na era digital. A comunicação é o meio para a construção de direitos e de cidadania na era digital. A comunicação é o meio para a construção de direitos e de cidadania na era digital.

12ª - Encerramento

14h - Apresentação de Prêmios

15h30 - Intervalo para almoço

16h - Início da Conferência

17h30 - Encerramento

18h - Início da Conferência

19h30 - Intervalo para almoço

20h - Início da Conferência

21h30 - Encerramento

22h - Início da Conferência

23h - Encerramento

24h - Início da Conferência

25h - Encerramento

26h - Início da Conferência

27h - Encerramento

28h - Início da Conferência

29h - Encerramento

30h - Início da Conferência

31h - Encerramento

12ª - Encerramento

14h - Apresentação de Prêmios

15h30 - Intervalo para almoço

16h - Início da Conferência

17h30 - Encerramento

18h - Início da Conferência

19h30 - Intervalo para almoço

20h - Início da Conferência

21h30 - Encerramento

22h - Início da Conferência

23h - Encerramento

24h - Início da Conferência

25h - Encerramento

26h - Início da Conferência

27h - Encerramento

28h - Início da Conferência

29h - Encerramento

30h - Início da Conferência

31h - Encerramento



JOÃO PESSOA

GOVERNO MUNICIPAL

www.joaopessoa.pb.gov.br

Anexo 5

Folder da CONFECOM-PB

Programação	
1º dia, 20 de Novembro de 2009	
Manhã	Credenciamento e Acolhida dos delegados/as (08h às 11h)
Tarde	Leitura e aprovação do Regulamento Interno da Conferência (08h às 09h); Credenciamento dos Suplentes (11h às 12h) Mesa de Abertura (09h às 10h) Lanche 09h00 Autoridades públicas e representantes da sociedade civil, Empresários e a Representação Mov. Negro por Verônica Lourenço Mesa Contextualização (10h às 12:00h) Rosane Bertoti - Coord. da Conferência Nacional, Mariani Martins - Intervenções, (Paulo Maurício/Joecil Barros) - Diários Associados Mediação: Pedro Nunes - UFPB Almoço (12h às 14h) Grupos de Trabalho (14h às 18h) com lanches; Gts 1 Produção de Conteúdo - Coord. Land Seixas - Sind. Jornalistas, Relatora: Nerciene Gomes - Acel Claro, Facilitador: Sonia Lima - Liberta Gts 2 Meio de Distribuição - Coord. Maria da Penha - CUT, Relatora: Áurea Olimpia - Centrac, Facilitador: Prof Marcus Alves - UFPB Gts 3 Cidadania, Direito e Deveres - Coord. Edézia Maria de Almeida - Conselho Regional de Psicologia, Relator: Dalmo Oliveira - Abraço Facilitador: Alexandre Guedes - OAB Pausa Lanche 16h00 "20min" Sistematização dos Gts a partir das 18h com os/as relatores/as e comissão organizadora estadual.
Noite	Coquetel (19h às 20h). Atividade Cultural (19h e 30 min) Coordenação: Ednamay Cirilo - Anjo Azul, Felipe Santos - MEL e Sonia Lima - Liberta
2º dia, 21 de Novembro de 2009	
Manhã	Plenária Final Apresentação das propostas dos Gts. (8h às 12h) Mesa: Arimatéia França - Casa Civil, Sandra Moura - UFPB, Felipe Santos - MEL Gts 1 Produção de Conteúdo "20min" Debate. Lanche 9h00 Gts 2 Meio de Distribuição "20min" Debate. Gts 3 Cidadania, Direito e Deveres "20min" Debate. Almoço (12h às 14h).
Tarde	Finalização das entregas das moções (14h) Plenária por segmentos para definição da metodologia para escolha de delegado/a a Conferência Nacional (14h às 14h30) Inscrição de Candidaturas (15 às 16h) Continuação da Plenária Final com as propostas dos Gts e Moções (15h às 17h) Lanche 16h00 Eleição dos Delegados à Conferência Nacional (17h)



CONFECOM
COMUNICAÇÃO: MEIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE DIREITOS E DE CIDADANIA NA ERA DIGITAL
1ª CONFERÊNCIA ESTADUAL DE COMUNICAÇÃO DA PARAÍBA

20 e 21 de Novembro
João Pessoa
Auditório da FIEP

Comunicação: Meios para a construção de direitos e de cidadania na era digital.






Anexo 6

Cartaz de comemoração dos cinco anos da Rádio Diversidade

rádio web

9:00 às 21:00



ESPAÇO DO RAPE DO HIP HOP

MENSAGEM DA BIBLIA

VV ESPORTE

DOMINGO DO BREGA

TARDE DE LOUVOR

FORRÓ DO MEU POVÃO

PROJETO EU SOU OPERADOR DE ÁUDIO

Programação da Festa

- 16:00 - Abertura da Festa
- 16:15 - Grupo de Rua OCB
- 16:40 - Mc Rogério
- 17:40 - Grupo de Teatro Amador
- 18:10 - Forrozeiros do Nordeste
- 19:10 - Forrozão Sintonia
- 20:10 - Grupo de Teatro Estação
- 20:40 - Mistura dos Ritmos
- 21:40 - Os Teimoso do Forró
- 22:40 - Forrozão Sensação

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Josuel Barriga de Mel
Reinaldo Rosendo
Severino Pinheiro
Marcelo Ricardo
Ricardson Dias
Izido Rosendo
Izido Eduardo
Douglas Lucas
Luiz Araújo

www.radiocomunitariadiversidade.com.br

ALÔ, ALÔ COMUNIDADE!

ESSA MENSAGEM É PRA VOCÊ!

12 de DEZEMBRO

A RÁDIO COMUNITÁRIA DIVERSIDADE comemora 5 anos. Não podendo deixar a data passar em branco, a RÁDIO que mais anima e dá a-dia da comunidade irá organizar uma festa que vai agitar toda região. O evento está marcado!! às 16:00 em frente ao studio YIQUIM, você vai dançar ao som de diversas bandas, e se divertir com a apresentação de grupos de teatro e dança, todos da própria comunidade.

Mc Rogério

Mistura dos RITMOS

FORROZÃO SINTONIA

FORROZÃO DO NORDESTE

OS TEIMOSOS DO FORRÓ

FORROZÃO SENSACÃO

GRUPO DE TEATRO AMADOR

GRUPO DE TEATRO DE RUA OCB

grupo de teatro ESTACÃO

Lançamento da rádio Online

Anexo 7

Descrição do Programa Brasil República apresentado por Sérgio

Programa Brasil República

Apresentador

Dia: terça e quinta

horário: 9:50 às 10:30

Objetivo: Informar as comunidades que abrangem a Rádio Comunitária Diversidade de forma popular os fatos históricos que marcaram a República Federativa do Brasil e os direitos e deveres de todos os Brasileiros, usando como materiais a Constituição de 1988 e os Estatutos.

Fazendo com que os ouvintes conheçam e pratiquem melhorando em si o seu cotidiano.

9:50 Abertura

9:55 O que a lei diz

10:00 Fato histórico

10:15 O estatuto

10:30 encerramento

Anexo 8

Descrição do Programa Jovens Seguros apresentado por Alex

Rádios Comunitária Universidade

Relatório de Programa

Programa: Jovens Seguros
Apresentador
Dias: Quarta-feira
Horários: 1:00 às 2:20hs

Objetivos:
Expor as comunidades dentro de raio de transmissão, sobre diversos assuntos de seus interesses, mas com pensamento de animar e não fazer com que a população passe a discutir e tente achar soluções

Início: 1:00 pm
Término: 2:20 pm

Anexo 9

Manifestação de apoio individual



**MANIFESTAÇÃO DE
APOIO INDIVIDUAL**

_____,
portador da carteira de identidade nº _____, residente na
_____, na cidade de João Pessoa, Estado de
Paraíba, CEP _____, pessoa física, vem, nos termos de que trata o
subitem 7.2.4 da Norma Complementar nº 1/2004, demonstrar o seu total apoio à
iniciativa da RADCOMDIVERDADE – Rádio Comunitária Diversidade, que tem por
interesse executar o Serviço de Radiodifusão Comunitária.

*Afirmo ainda que a minha residência se situa na área pretendida para a prestação
do Serviço.*

_____, de _____ de 200__
(local e data)

Assinatura

RADCOMDIVERDADE - Rádio Comunitária DIVERSIDADE
CNPJ - 07.877.794/0001 - 15
Rua Projetada, Qd. 520 Lt. 144/B 1 Andar - Lot. Jd. Verona
Jardim Veneza, João Pessoa - CEP 58084 - 000
Telefone: 3262 - 9621
E-mails: